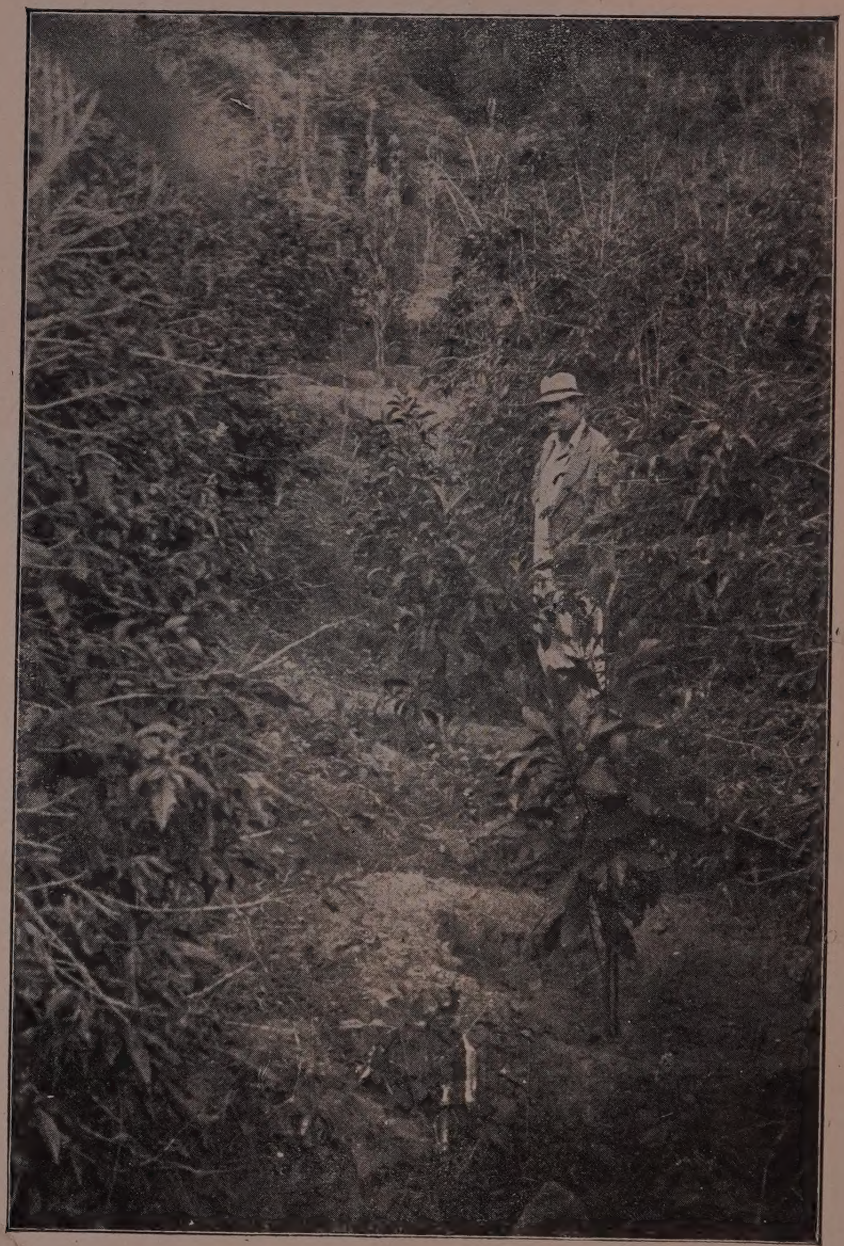
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXIX • DEZEMBRO DE 1954 • N.º 334



Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXIX | DEZEMBRO DE 1954 | Número 334

Sumário

COLABORAÇÃO:

Cafeicultura e irrigação — José Testa.
Relatório de viagem ao território do Hawaii — J. E. Teixeira Mendes.
A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — A cultura da Quineira — O. T. Mendes Sobrinho.
Deficiência de zinco em cafeeiro — Coaracy M. Franco e Heli Camargo Mendes.

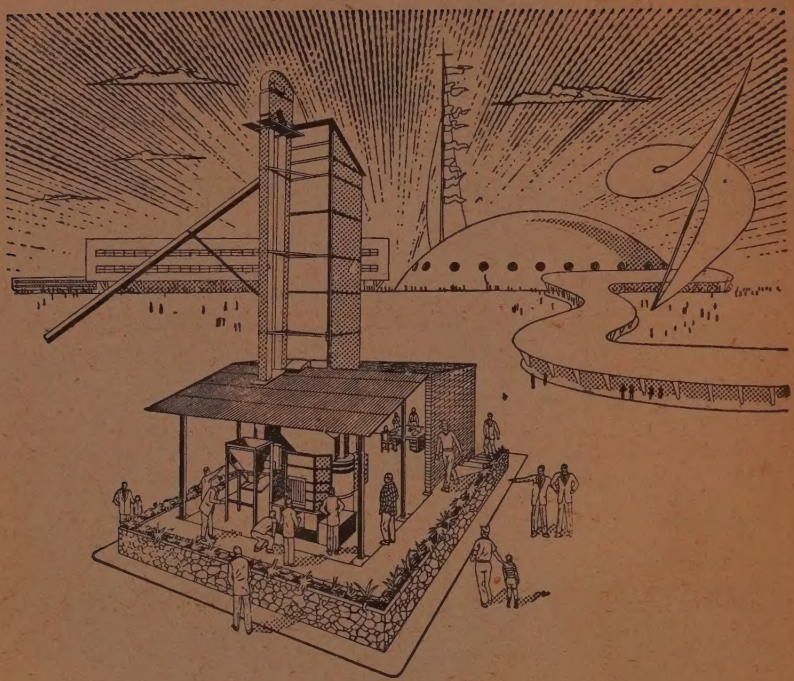
RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

O Feijão Baiano — Costa.
Reacende-se a paixão do café — Sílvio Galvão.
Associação Comercial de Santos.
Questões de cafeicultura prática — Lauriston Pousa Bicudo.
Escritório do I. B. C. em Nova York.
Impressões de *Boca Raton*.
Instrução n.º 112, da SUMOC.
Importação sem cobertura cambial — Instrução n.º 113, da *Sumoc*.
Exportação de café pelos navios do Lloyd Brasileiro.
Safra de 1954/55 — Exportação de café pelo pôrto de Santos.
Recenseamento dos estoques de cafés em Antuérpia.
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — Setembro).

ESTATÍSTICA:

NOSSA CAPA: A irregularidade na distribuição das chuvas tem causado, nos últimos anos, sérias dificuldades à agricultura e principalmente à cafeicultura.

Para combatê-la vêm sendo adotados modernos conjuntos de irrigação por aspersão, que, permitindo uma "chuva sob medida", têm encontrado larga receptividade, especialmente nas lavouras de São Paulo.



Senhores Fazendeiros!

A **Indústria de Máquinas Moreira S. A.** avisa aos Srs. Cafeicultores, interessados no aprimoramento de seu café, com uma secagem mecânica, feita com economia e eficiência, que acha-se instalado na secção Industrial da Exposição no Parque Ibirapuera, entre o Pavilhão Verde e o Palácio da Indústria e Comércio, um **Secador Moreira para Café,** completamente montado e em funcionamento.

Indústria de Máquinas Moreira S. A.

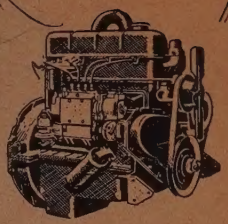
Rua Assis, 100 - Barra Funda - Fone: 51-2381 - End. Teleg.: "Secadores" - São Paulo

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

Nova potência!
Nova economia!



FORDSON MAJOR

COM MOTOR DIESEL DE 40.58 HP.

Aqui está a grande característica do novo FORDSON MAJOR: — mais fôrça com menor consumo! Motor especial de 4 cilindros e que, para maior rendimento, conta com um sistema de transmissão de 8 marchas: 6 dianteiras e 2 a ré! Procure conhecer o novo FORDSON MAJOR — e veja as vantagens que êle pode lhe oferecer. E tenha em mente: perfeita assistência e peças à vontade fazem dêste produto FORD o melhor trator para trabalhos agrícolas!

E AINDA ESTAS CARACTERÍSTICAS:

- 6 velocidades dianteiras e 2 a ré
- Bitolas dianteira e traseira ajustáveis
- Freios de direção e estacionamento
- Contrôle hidráulico
- Tomada de fôrça e faróis
- Direção firme e leve
- Vão livre de 52 cm – para qualquer cultura
- Polia para correia de 2 velocidades – até 1.400 rpm
- Barra de tração
- Caixa de ferramentas
- Assistência técnica e peças em qualquer lugar do Brasil.

PRONTA ENTREGA
em seu Revendedor Ford

Um produto da Ford da Inglaterra

FORD MOTOR COMPANY, EXPORTS, INC.

Cafeicultura e irrigação

J. TESTA
(Da Superintendência do Café)

Até há alguns anos, ainda poderia haver quem supuzesse serem esporádicas as sêcas em São Paulo e, de um modo geral, na região cafeeira do centro-leste do país. Eram, de fato, regulares as chuvas, e sòmente em alguns anos excepcionais se notava diminuição, retardamento ou falta de precipitações. Quanto às geadas, tinham também seu ciclo, que muitos observadores procuraram medir e estabelecer.

Com referência às geadas, não parece que se tenham tornado mais freqüentes nem mais desastrosas. As maiores, as grandes geadas, foram, nêstes últimos cento e cinqüenta anos, as seguintes: 1822, 1842, 1870, 1902, 1918, 1942 e 1953. Como se verifica, os intervalos entre essas grandes geadas oscilaram de 11 a 32 anos.

Outro tanto, porém, não sucede com relação às chuvas, que se vêm tornando, nos últimos anos, se não menos abundantes, pelo menos mais irregulares. No corrente ano, por exemplo, essa irregularidade tem sido patente: tôda a estação chuvosa, desde fins de 1954, tem decorrido com largos períodos de calor e sêca intensos, seguidos de vários dias de continuados aguaceiros, muito freqüentemente verdadeiros temporais. Quase não registrámos aquelas "chuvinhas criadeiras", finas e persistentes. Ou é a falta total de chuvas ou são os aguaceiros torrenciais.

* * *

Não há a menor dúvida de que fomos nós próprios os causadores dêsse estado de coisas. Destruindo as matas, na maior parte do país (nordeste, leste, centro e sul), modificámos sensìvelmente as condições do ambiente. Se bem que alguns autores discordem quanto à influência das florestas na precipitação das chuvas, o fato inegável é que pelo menos favorecem elas, em grau notável, a umidade atmosférica. E, no caso de precipitações exageradas, absorvem o excesso das chuvas, anulando, pràticamente, o fenômeno da erosão.

* * *

Sejam quais forem as causas da irregularidade das chuvas, cuja nocividade se faz sentir principalmente nas zonas cafeeiras, está verificado que essa irregularidade se vem repetindo, e com tanta assiduidade que se tornou, pelo menos desde 1941, fenômeno habitual na vida dos Estados produtores de café, os quais devem contar com a incidência quase certa dessas adversas condições atmosféricas.

Isto pôsto, nada há mais a fazer senão procurar obviar, da melhor maneira, a essa grave contingência, a qual, infelizmente, ter-se-á que enfrentar.

Parece que, no caso, dificilmente poderia ser aplicado o seguro agrícola. E, mesmo que o pudesse, tal medida seria, digamos, negativa e não positiva. Não contribuiria para remediar a situação ou aumentar a produção cafeeira. Apenas poderia, talvez, atender a casos particulares de diminuição da colheita.

Quanto a uma política de reflorestamento, naturalmente indicadíssima por todos os motivos, sua atuação positiva só se poderia dar a longo prazo.

Só uma medida seria aplicável, a curto prazo e de resultados positivos: a irrigação (por aspersão, dado que a irrigação por gravidade tem suas condições específicas, condicionadas a limitados terrenos ou regiões).

* * *

Tem-se desenvolvido notàvelmente a irrigação por aspersão, no Brasil, e especialmente em São Paulo, no último lustro. O aparelhamento, que era anteriormente caro, e difícil de ser importado, vem se nacionalizando e barateando progressivamente. Ainda não é, certamente, acessível à grande maioria dos lavradores, mas vai tendendo a isso, mesmo porque sua adoção pode ser amortizada dentro de pouco tempo, por êle próprio, tão grande é o aumento de produtividade que enseja êsse moderno e preciosíssimo auxiliar da agricultura.

Para que sejam, todavia, obtidas da irrigação tôdas as vantagens que ela pode proporcionar, indispensável se torna atender a algumas recomendações imperiosas:

1) Embora se possam obter resultados compensadores, de um modo geral, e, como é óbvio, com a simples subministração de água às culturas, em época de seca, é bem de ver que muito melhores resultados serão obtidos se uma bôa técnica presidir à instalação e aplicação do processo irrigatório. Cumpre, pois, mandar proceder, por técnicos competentes, aos necessários cálculos e instalações;
2) Não basta ter água, ter culturas a irrigar e os meios financeiros e técnicos para instalar um processo de irrigação. Indispensável se torna, preliminarmente, preparar o solo e a cultura a serem irrigados;
3) Quanto ao solo, é condição essencial que êle não seja excessivamente íngreme, ou, então, que seja terraceado ou pôsto em curva de nível; caso contrário, a água escorrerá, evidentemente, pela superfície, com demasiada rapidez, não *calando* na terra, e tornando nula, ou quase, a prática da irrigação;
4) Relativamente à plantação, é indispensável que a mesma tenha prèviamente recebido os necessários tratos culturais, principalmente calagem e adubação. Sem êstes, duas hipóteses podem ocorrer: ou a planta, debilitada pela falta de alimento, não agradecerá em nada a irrigação, que será feita em pura perda; ou, possuindo ainda algumas reservas, será forçada a uma produção excepcional, que a debilitará excessivamente, a seguir, podendo mesmo ocasionar seu perecimento.

Estas e outras indicações não devem ser esquecidas pelos que se interessam pela irrigação e desejam adotá-la. Em nossas atuais condições climáticas, a irrigação se vai tornando, certamente, cada vez mais necessária, talvez mesmo indispensável. Deve, todavia, ser aplicada com os necessários cuidados, a fim de que dela se possam obter todos os resultados de que é capaz.

Relatório de viagem ao território do Hawaii. Coffee Information Exchange. 21 a 30 de julho de 1954.

J. E. TEIXEIRA MENDES
(Chefe da "Secção do Café", do Instituto Agronômico

"Coffee must be planted now, immediately, and harvested before prices fall too low for real profit due to surplus.

Y. Baron Goto. Why Hawaii's Coffee future looks good. Hawaii, 1954".

* * *

Convidado o Estado de São Paulo pelo Instituto Brasil-Estados Unidos a se fazer representar no Coffee Information Exchange, a se realizar no Território do Hawaii, fui designado pelo govêrno de S. Paulo para essa missão.

Saí de S. Paulo a 17 de julho e na tarde do dia 19 desembarcava em Honolulu, justamente na véspera do início daquela reunião. No aeroporto já estava sendo esperado pelo Dr. Edward S. C. Mau. Dêsse momento em diante, durante a minha permanência no Hawaii, estivemos sempre todos os técnicos estrangeiros que para ali nos dirigimos, sob os cuidados e atenções do pessoal do Coffee Information Exchange. Visitas, reuniões técnicas, passeios, recepções, tudo foi providenciado a tempo e a hora, mediante condução adequada, oportunidade para inspeção da lavoura cafeeira e de outras culturas, reuniões proveitosas, discussões bem conduzidas. Todos os funcionários do Território do Hawaii com quem nos encontramos foram atenciosíssimos. A direção da reunião confiada ao Dr. Y. Baron Goto, esteve impecável. Em meu caso especial tenho a agradecer àquele alto funcionário do Território do Hawaii, tôdas as atenções que recebi dele e de seus associados. Quero, também, aproveitar a a ocasião para trazer os meus agradecimentos ao Dr. John H. Beaumont, Chefe do Departamento de Horticultura da Universidade do Hawaii e a Edward T. Fukunaga, Chefe da Estação Experimental de Kona, já meus conhecidos de S. Paulo, quando aqui estiveram em julho de 1953, e que tudo fizeram para que a minha permanência na região cafeeira fosse proveitosa. Na ilha de Oahu tive sempre a companhia de R. A. Hamilton, da Universidade do Hawaii, que me proporcionou visitas a inúmeros locais de interêsse, principalmente a duas sub-estações experimentais daquela Universidade.

* * *

Coffee Information Exchange: Diversas foram as reuniões realizadas. Os técnicos do Hawaii apresentaram os seguintes trabalhos:

1) G. Donald Sherman — Chefe do Departamento de Solos. Escola de Agricultura. Universidade do Hawaii.

The nature and properties of the Kona Soils.

2) John H. Beaumont — Chefe do Departamento de Horticultura. Escola de Agricultura. Universidade do Hawaii.

Coffee. Interrelation between pruning and fertilization.

3) Bruce J. Cooil — Chefe do Departamento de Fisiologia Vegetal. Escola de Agricultura. Universidade do Hawaii.

Leaf composition in relation to growth and yield of coffee in Kona.

4) Edward T. Fukunaga — Superintendente da Kona Branch Station. Escola de Agricultura. Universidade do Hawaii.

Chemical weed control in coffee orchards of Kona. Hawaii.

5) Y. Baron Goto — Diretor do Centro de Cooperação Internacional do Hawaii. (F.O.A. Território do Hawaii).

Kona Coffee farmers, research and extension.

* * *

Quando aceitamos a indicação para comparecer à reunião do Hawaii, supunhamos que tôdas as palestras e demonstrações seriam proferidas e ministradas pelo corpo técnico daquela região e que a nós seria tão sòmente dado o papel de expectadores, com direito, naturalmente, a discutir os assuntos que estivessem em pauta, de acôrdo com os conhecimentos regionais que possuíssemos. A finalidade, porém, da reunião, era outra. Além de ser uma demonstração do grau de adiantamento atingido pela lavoura cafeeira do Hawaii, tinha também como escopo reunir os conhecimentos dos técnicos das diversas outras zonas cafeeiras, para uma troca de informações. Foi assim que, pelo menos, no que me toca, tomado de surpreza, sem ter preparado nem levado dados de nossos ensaios, tive que realizar duas palestras subordinadas aos temas: 1) Some varieties of Arabica Coffee and their characteristics; 2) Brazilian coffee culture practices.

Outros técnicos estrangeiros também realizaram palestras, tais como:

1) Santiago A. Vivaldi — Coffee specialist. Agr. Ext. Service. University of Puerto Rico.

Hurricane insurance.

2) Gabriel Montenegro — Chefe da Secção de Química e Solos. Ministério da Agricultura. El Salvador.

Chemical processing of coffee.

3 Victor Perez S. — Chefe da Secção de Café. Ministério da Agricultura. Costa Rica.

Deficiências de elementos menores em cafeeiro.

4) Carlos Cuevas Jr. — Primeiro Assistente de Horticultura. Serviço Técnico Agrícola de Nicarágua.

Cowgill system of planting.

* * *

A reunião terminou por uma mesa redonda, para discutir o assunto: Sombreamento e cultura a pleno sol.

* * *

Geralmente o período da manhã era destinado a visitas e a lavouras do café, benefício, ensaios na estação experimental. Depois do almoço reuniam-se os técnicos para a palestra do assunto do dia, que era seguida de discussões. Tôdas as palestras foram gravadas, para que seja redigido o relatório completo do Coffee Information Exchange.

O Território do Hawaii é constituído por um grande número de ilhas, cujas principais são as seguintes: Hawaii, Maui, Oahu, Kauai, Molokai, Lanai, Niihau e Kahoolauue. No quadro seguinte damos algumas informações sôbre elas.

Quadro I. Território do Hawaii.

ILHAS	Área km2	População Habitantes	Maior comprimento km	Maior largura km
Hawaii	10.433	61.000	149	122
Maui	1.884	38.000	77	41
Oahu	1.563	328.000	70	48
Kauai	1.436	29.000	53	40
Molokai	673	5.000	61	16
Lanai	365	2.800	28	20
Niihau	186	207	28	9
Kahoolauue *.....	166	—	17	9
	16.706	**467.007**		

(*) A ilha de Kahoolauue não é povoada. Serve de alvo para a aviação americana. Não é permitido a ninguém desembarcar ali, por causa do grande número de bombas que não explodiram.

O que chama a atenção do agrônomo estrangeiro que percorre as zonas agrícolas do Território do Hawaii é a intensidade com que o solo é ali cultivado. Em uma área tão restrita, como sejam os dezesseis mil e poucos quilômetros quadrados de tôdas as ilhas, é produzido o açúcar em quantidade realmente assombrosa. De acôrdo com o Anuário Estatístico do Brasil — Ano 10 — 1949, o Hawaii produziu em 1947 o total de 780.000 toneladas de açúcar e o Brasil todo, nesse mesmo ano, industrializou 1.599.000 toneladas dêsse mesmo produto (local citado, pág. 702). Isto quer dizer que enquanto em todo o nosso território alcançavamos a produção de 26.650.000 sacos de 60 quilos, naquelas ilhas, em escassos 16.000 km², obtinha-se o impressionante número de 13.000.000 de sacos dêsse mesmo produto. É que a média de produção de cana de açúcar por Ha no Hawaii é de 160,1 toneladas e no Brasil de 37,1 (local citado).

Como se isso não bastasse, é ainda o Hawaii o maior produtor do mundo de abacaxi, mantendo próspera indústria de preparo e enlatamento dessa fruta

para exportação (75% da produção mundial de abacaxi enlatado). (Anuário Estatístico do Brasil. Ano 10 — 1949. Dados relativos a 1945. Pág. 670).

Não é preciso dizer que nada disso se conseguiu por milagre. A experimentação confiada a técnicos de reconhecida competência, desembaraçada de qualquer dificuldade de ordem política e material, pôde estudar e resolver os problemas que se apresentaram, de uma forma completamente satisfatória. Não se deram porém, os responsáveis pelos destinos daquela região por satisfeitos dia a dia intensificam os meios para que os técnicos possam manter bem alto a produtividade de suas terras, que não são nem sensìvelmente melhores, nem muito piores do que grande parte das que nos coube por sorte ter de zelar e fazer produzir em nossa Pátria.

* * *

Era de se esperar que a lavoura cafeeira do Hawaii se regulasse pela medida de suas outras culturas. Nem era de crer que pudesse subsistir em tal região, se não fosse altamente produtiva.

Já levavamos essa convicção pois que J. H. Beaumont e E. T. Fukunaga em o relatório publicado sôbre a viagem realizada à América Central e do Sul (Coffee. Cultural and processing practices of Central and South America applicable to Kona, Hawaii, 1953) diziam orgulhosamente: A única região que pode apresentar produções comparáveis às de Kona é o Paraná, no Brasil (pág. 18). Especificam mesmo a média dos três últimos anos, que é da ordem de 2.150 libras de café por acre (pág. 19). Se transformarmos êsses números para a produção em uma área de 12.250 m², que é aquela geralmente ocupada por mil cafeeiros de S. Paulo plantados pelo sistema antigo, em quadrado a 16 palmos entre plantas (3,5 x 3,5 m), teremos a esplêndida média de 197 arrobas. Cento e noventa e sete arrobas produzidas em média na área de 1.000 cafeeiros nossos é alguma coisa de espetacular!

Lavoura cafeeira: A lavoura cafeeira no Território do Hawaii acha-se concentrada quase que exclusivamente na maior das ilhas, isto é, em Hawaii. Nesta mesmo, quase que se situa ùnicamente em uma pequena região, em Kona. A zona ideal para o cultivo do cafeeiro nas ilhas é uma estreita faixa de terra, de aproximadamente 2 milhas de largura (3,2 quilômetros), situada na área conhecida por "lower humid zone" (zona baixa e úmida), que corre quase paralela à costa. Começa mais ou menos a 270 m e vai até 660 m acima do nível do mar (Y. Baron Goto e E. T. Fukunaga — "Where and how to start a coffee orchard". Cooperative Extension Work. University of Hawaii. 1954).

Já houve lavouras cafeeiras em tôdas as principais ilhas do arquipélago. Com os altos preços que o café alcançou de 1887 em diante, durante quase dez anos, houve grande interêsse pela cultura, sendo o cafeeiro plantado também em Olaa, Hilo, Puna, Hamakua, Kau, Maui, Ooahu e Kauai. Foi atingida, então, a maior área plantada com o cafeeiro, isto é, cêrca de 13.000 acres (2.170 alqueires, aproximadamente). Y. B. Goto — "Why Hawaii's Coffee future looks good". Agricultural Extension Service. University of Hawaii. 1954.

Atualmente a produção total do Hawaii é de cêrca de 9.000.000 de libras anuais (68.100 sacos de 60 quilos). A área ocupada com cafèzais é de aproximadamente 4.186 acres, ou sejam 700 alqueires paulistas de terra.

Clima: O clima da região cafeeira de Kona, isto é, da estreita faixa de terra que fica nas fraldas das montanhas vulcânicas Hualaleu e Mauna Loa, na face exposta aos ventos do mar é muito propício à cultura cafeeira. Nesta região, cujas altitudes variam desde 270 m até 660 m, acima do nível do mar, as precipitações vão de 40 polegadas (1.016 mm), até 90 polegadas anuais (2.286 mm).

A área abaixo desta zona é muito sêca para o cafeeiro e a que fica acima, extremamente úmida. As montanhas oferecem um anteparo aos ventos que vêm do mar (trade winds). Forma-se uma corrente de ar pela diferença de temperatura do mar e da terra. Pela manhã ventos carregados de umidade vêm do oceano. Ao ganhar altura há um resfriamento e se formam núvens, que constituem uma camada contínua a 2.500 pés de altitude (762 m), logo após o meio dia. As chuvas começam mais ou menos nessa hora e decrescem ao passo que a elevação diminui. Isto se dá quase diàriamente durante o verão. G. Donald Sherman — "The nature and properties of Kona soils. 1954".

A maior queda pluviométrica ocorre no verão, começando em fins de abril e indo até princípios de outubro. A distribuição das chuvas em diferentes postos localizados na região cafeeira de Kona, a diversas altitudes é a seguinte:

Quadro II — Precipitação pluviométrica em diversas localidades da região cafeeira de Kona.

MESES	LOCALIDADES				
	Napoopoo 137 m	**Kahaluu 335 m**	**Kainaliu 457 m**	**Lanihau 457 m**	**Takashiba 731 m**
Janeiro	73,7	83,8	88,9	96,5	101,6
Fevereiro	50,8	68,6	81,3	104,1	106,7
Março	106,7	124,5	134,6	165,1	198,1
Abril	86,4	132,1	144,8	180,3	195,6
Maio	91,4	134,6	195,6	220,9	228,6
Junho	109,2	210,8	213,4	294,6	261,6
Julho	101,6	149,9	215,9	200,7	241,3
Agôsto	104,1	162,6	195,6	220,9	203,2
Setembro	111,8	149,9	205,7	177,8	236,2
Outubro	104,4	121,9	165,1	190,5	180,3
Novembro	58,4	93,9	114,3	119,4	129,5
Dezembro	60,9	55,9	68,6	88,9	91,4
Total	**1.059,1**	**1.488,5**	**1.823,8**	**2.059,7**	**2.174,1**

Verifica-se pelos dados acima que a quantidade de chuvas na região cafeeira de Kona aumenta sensìvelmente com a altitude do local; outra infe-

rência que se pode tirar é a de que não existe pràticamente um período completamente sêco, pois mesmo onde a queda pluviométrica é menor, os meses mais sêcos, isto é, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, têm chuva suficiente para que os cafèzais não venham a sofrer.

Temperatura: A temperatura na região cafeeira varia de 15°,5 a 20° C. Na Estação Experimental de Kona a média mínima assinalada é de 20°,2 e a máxima 25°,6. A mais alta e a mais baixa temperatura registrada em vinte e dois anos foram respectivamente 31°,1 e 8°,8 C. O período mais frio corresponde à época mais sêca do ano.

Solos: Segundo o Dr. G. Donald Sherman (The nature and properties of Kona soils — 1954), a lavoura cafeeira do Hawaii está situada em três tipos de solo: 1) latosol humico; latosol humico e hidrol e rocha.

O primeiro (solos *Kapoho*) tem de 20 a 25 de profundidade, é pardo-escuro a pardo avermelhado, chegando a ser quase prêto na região de Kona, muito friável, granular, sílico-argiloso, com um pH de 5,5 a 6,5 no horizonte *A*. O horizonte *B* é pardo ou pardo amarelado e finalmente o horizonte *C* é constituído por cinza vulcânica meteorizada ou mais comumente por cinza vulcânica não meteorizada ou lava.

O segundo (solos *Kealakekua*) tem de 12 a 15 cm de profundidade no horizonte *A*, é cinza-pardacento moderadamente pegajoso, sílico-argiloso com pequena granulação, com índice pH de 5,0 a 6,0. O horizonte *B* é pardo amarelado e o horizonte *C* é constituído por cinza meteorizada e rochas meteorizadas provenientes da lava que fica na parte inferior.

Finalmente na região mais baixa são encontradas partes em que não há senão alguns centímetros de solo. A falta de solo é devida a uma camada de cinza vulcânica que foi ali depositada e à lenta decomposição das rochas.

Todos os solos da zona cafeeira têm ótimas propriedades físicas, pois são friáveis e porosos. A infiltração da água e consequente drenagem ou percolação é rápida.

Os dois tipos de solos descritos têm boa porcentagem de matéria orgânica, que vai de 8 a 12 por cento. A matéria orgânica adicionada a êstes solos se decompõe ràpidamente e a nitrificação aí também se realiza com rapidez. A perda do azôto se dá com facilidade por meio da água de percolação. Têm também uma alta capacidade de fixar os fosfatos solúveis, em formas muito pouco solúveis. O potássio também é lavado com facilidade nestes solos.

Tamanho da propriedade cafeeira: A propriedade cafeeira na região de Kona é, no geral, muito pequena. Os agricultores são quase todos de origem japonêsa e vivem na região. De um ponto elevado, em que se possa abranger com a vista uma parte da região cafeeira, pode o observador se inteirar disso. Na massa de cafeeiros que se sucede quase ininterruptamente, aqui e ali, se vêm as casas dos cafeicultores e o aparelhamento para o preparo e secagem do café.

Cada sítio tem de 8 a 12 acres, isto é, são de um pouco mais de 1 (um) alqueire paulista a 2 (dois).

Cultura cafeeira: A cultura cafeeira do Hawaii se caracteriza por três fatos importantes: 1) adubações minerais extremamente pesadas; b) tipo de poda e c) eliminação de ervas más por meio de ervicidas.

Adubação: A Estação Experimental de Kona em diversos ensaios realizados demonstrou a necessidade de serem dadas enérgicas adubações minerais aos cafèzais, sob pena dêstes decaírem de produção e se tornarem anti-econômicos, diante do preço excessivamente elevado do braço operário, do valor da terra, quer seja adquirida ou arrendada.

Como resultado dêsses ensaios ficou evidenciado o seguinte:

1) O fósforo não tem grande importância para os cafèzais já formados. Cafeeiros adultos que não receberam durante 9 anos nenhum adubo fosfatado, não tiveram a produção diminuída significativamente;

2) O emprêgo de azôto é de absoluta necessidade;

3) O potássio é exigido em grandes quantidades. De acôrdo com as pesquisas mais recentes foi determinado que são necessárias 160 libras de K_2O por acre e por ano (72,6 quilos por 4.047 m² por ano).

A recomendação que os serviços oficiais fazem atualmente com relação à adubação dos cafèzais é a seguinte:

1.º ano: Uma quantidade grande de adubo deve ser aplicada na cova. A mistura empregada é a 10-10-10. Depois de 3 em 3 meses, essa mesma mistura é aplicada, na quantidade de u'a mão cheia de cada vez, em cobertura.

2.º ano: A mesma mistura, de 3 em 3 meses, em cobertura, em quantidades maiores (duas mãos cheias por planta).

3.º ano: As plantas vão iniciar a produção. Há maior necessidade de azôto e potássio, para o florescimento e formação do fruto. Recomenda-se, então, a mistura 10-5-20, na quantidade de meia tonelada por acre (500 quilos por 4.047 m²), a lanço, por sôbre todo o terreno e dividida em quatro aplicações anuais. A primeira aplicação deve ser feita no início do desenvolvimento de nova vegetação; a segunda logo após o florescimento; a terceira quando o café está se desenvolvendo mais ràpidamente e a última um pouco antes da colheita.

4.º ano: As plantas se encontram quase completamente desenvolvidas. A quantidade da mistura 10-5-20 deverá ser aumentada para 1.500 libras por acre (681 quilos por 4.047 m²). Além disso, 500 libras de sulfato de amônio deverão ser dadas em duas aplicações (227 quilos em 4.047 m²). A primeira aplicação dêsse azôto suplementar será feita entre a 1.ª e 2.ª aplicação da mistura 10-5-20; a segunda se fará entre a 3.ª e 4.ª aplicação daquela mistura. Na região mais alta, não é necessária esta adubação suplementar.

5.º ano: A mistura 10-5-20 deverá ser aumentada para 2.000 libras por ano e por acre (908 quilos por 4.047 m²) e o sulfato de amônio para 800 libras (443 quilos por 4.047 m²).

Como se vê, a adubação recomendada é extremamente elevada. Duas mil libras por acre e por ano da mistura 10-5-20 corresponde ao emprêgo de 2.244 quilos de adubos químicos por hectare. Para se ter uma idéia mais concreta do que representa essa adubação maciça, examinemos o que ela seria para a área

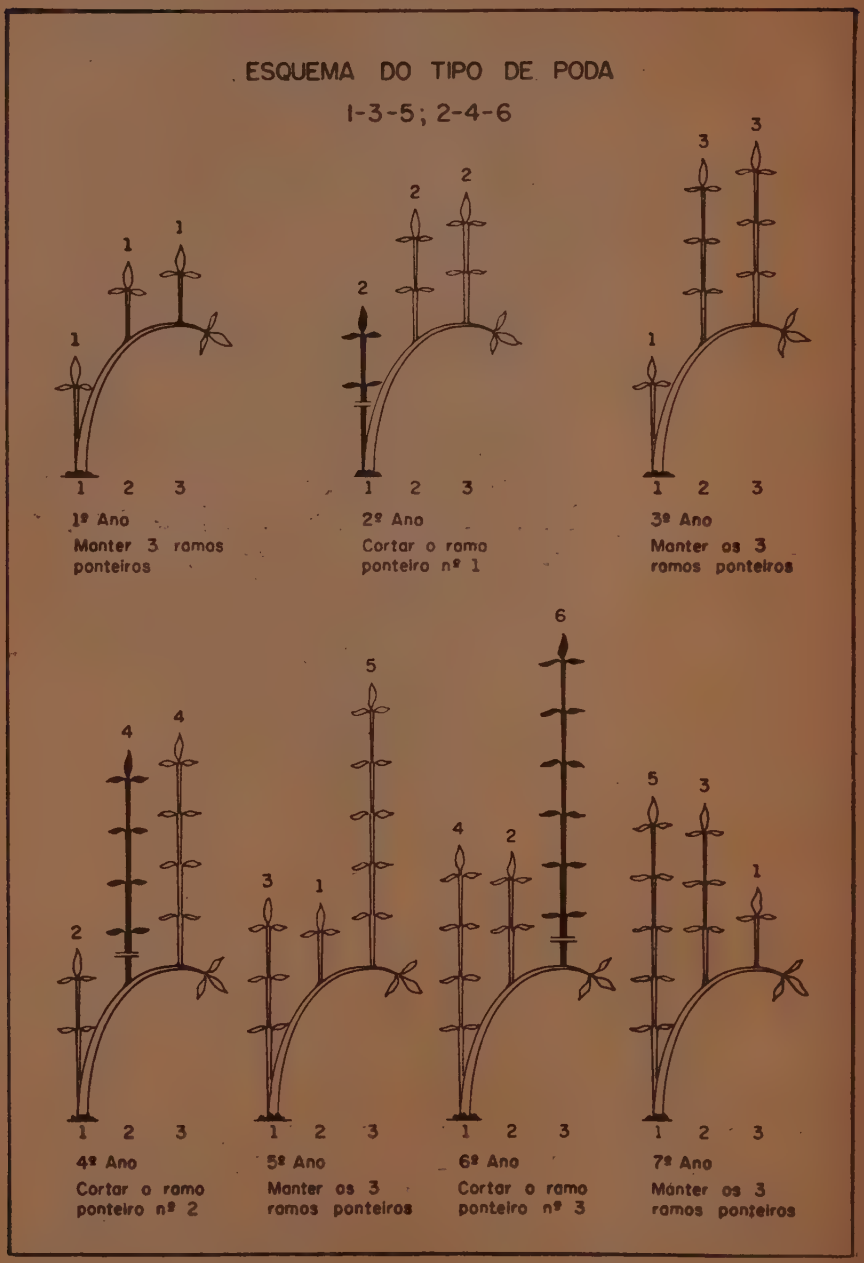


Fig. 1 — Esquema do tipo de poda 1-3-5; 2-4-6.

ocupada normalmente com 1.000 cafeeiros nossos. Usando-se, para base de comparação a distância de 3,5 m x 3,5 m entre cafeeiros (que é a mais generealizada em S. Paulo, isto é, 16 por 16 palmos) temos que 1.000 cafeeiros ocupam a área de 12.250 m². Na base empregada de 2.000 libras por acre, seriam necessários 2.748 quilos da mistura para a área ocupada pelos 1.000 cafeeiros paulistas, ou sejam 2.748 gramas da mistura 10-5-20 por planta.

Isto representaria a entrega de elementos nas seguintes quantidades por cafeeiro, por ano:

azôto	272 gr
fósforo	137 gr
potássio	584 gr

Em misturas que podem ser feitas com facilidade em S. Paulo, teríamos o seguinte:

1.325 gr de sulfato de amôneo
490 gr de farinha de ossos a 28%
914 gr de cloreto de potássio

2.729 gr da mistura por cafeeiro, anualmente.

Os lavradores do Hawaii acatam as recomendações da Estação Experimental. Tivemos a ocasião de presenciar a aplicação de adubos minerais em uma pequena propriedade cafeeira e as quantidades empregadas, à lanço, eram muito grandes.

Ensaios de adubação: Na Estação Experimental de Kona existe, presentemente, apenas um ensaio de adubação em andamento. Trata-se de uma experiência de aplicação de potássio. Cada canteiro é formado por 4 plantas, mantidas no tipo de poda preconizada pela Estação, isto é, aquela que denominam 1-3-5; 2-4-6. Cada tratamento é repetido 6 vêzes. Não há bordaduras. Os tratamentos são os seguintes:

1) Sem potássio.

2) Dose pequena de potássio; metade da dose empregada.

3) Dose média de potássio — equivalente a aplicação de uma tonelada por acre da mistura 10-5-20.

4) Dose grande de potássio — equivalente a aplicação de 2 toneladas por acre da mistura 10-5-20.

5) Dose média de potássio com a aplicação frequente de azôto — aplicação de uma tonelada da mistura 10-5-20, além de azôto aplicado cada dois meses.

6) Dose média de potássio e dose elevada de azôto — aplicação de 1 tonelada por acre da mistura 10-5-20, elevando-se o azôto ao dôbro (20-5-20).

7) Dose média de potássio e dose elevada de azôto aplicada frequentemente. Uma tonelada por acre da mistura 10-5-20 e quantidade dupla de azôto cada dois meses.

O ensaio está com magnífica aparência. De todos os canteiros são retiradas amostras, regularmente, para a análise de fôlhas.

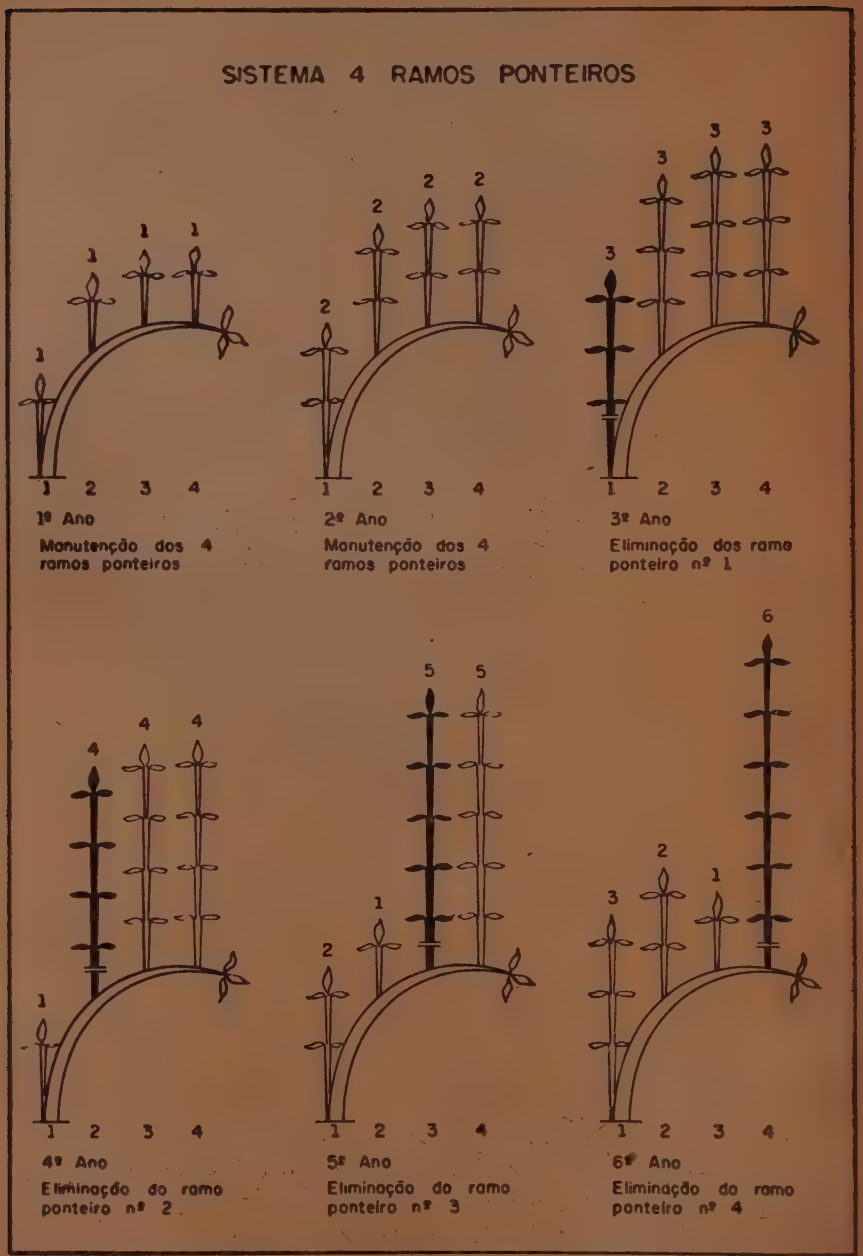


Fig. 2 — Esquema do tipo de poda de 4 ramos ponteiros.

Dão uma grande importância ao conjunto de operações: adubação/poda. Pretendem eliminar o tipo bienal de produção do cafeeiro, dando adubações pesadas e podas que mantenham sempre o cafèzal com ramos ponteiros novos.

Poda: Dois são os tipos de poda empregados: 1) eliminação do ponteiro; 2) vertical múltipla.

Eliminação do ponteiro: É pràticamente a poda que se faz na Colômbia. Permitem o desenvolvimento de apenas um ramo ponteiro, que é cortado ao atingir 1,52 m de altura (5 pés). Os ramos laterais são constantemente examinados, sendo deixados sòmente os laterais secundários, sendo eliminados os terciários, ao passo que vão aparecendo. Êste tipo de poda só é empregado na zona alta e mais chuvosa, onde o desenvolvimento vegetativo do cafeeiro é muito grande.

Vertical múltipla: A Estação Experimental recomenda o sistema 1-3-5; 2-4-6.

Resume-se êste tipo de poda no seguinte:

1.º ano: O cafeeiro é plantado com uma certa inclinação de maneira a forçar o desenvolvimento de algumas gemas produtoras de ramos ponteiros; dêstes são escolhidos três para serem mantidos (fig. 1);

2.º ano: É eliminado o ramo ponteiro n.º 1, ficando a planta com dois ramos ponteiros de dois anos;

3.º ano: São mantidos os três ramos ponteiros, dos quais dois têm três anos e um apenas de um ano;

4.º ano: É eliminado o ramo ponteiro n.º 2, ficando um ramo ponteiro recepado, um de dois anos e o terceiro com quatro anos;

5.º ano: São mantidos os três ramos ponteiros, que têm então as idades 1, 3 e 5 anos, respectivamente;

6.º ano: Os ramos ponteiros têm agora, no fim da colheita, 2, 4 e 6 anos; terminada esta é eliminado o ramo ponteiro n.º 3;

7.º ano: São mantidos os três ponteiros, que atingem a 1, 3 e 5 anos respectivamente;

8.º ano: Idêntico ao sexto; os ramos ponteiros atingem a 2, 4 e 6 anos, sendo o de seis anos eliminado após a colheita.

O sistema segue a norma fixada: ramos de 1, 3 e 5 anos; no ano seguinte ramos de 2, 4 a 6 anos; recepagem do ramo de 6 anos; volta dos ramos para idade de 1, 3 e 5 anos, etc.

O que se tem em vista é a substituição periódica dos ramos ponteiros, como fàcilmente se verifica no esquema.

Êste é o tipo de poda preconizado pela Estação Experimental. Não é, porém, o que usualmente se pratica.

Goto e Fukunaga nas instruções distribuídas aos lavradores intitulada "Care of the young coffee orchard". 1954; expõem como a poda é geralmente praticada na região cafeeira, quando a lavoura é mantida no sistema de ponteiros múltiplos. Neste tipo de poda são mantidos quatro ou mais ramos ponteiros e a poda consiste em renová-los metòdicamente. O número de ramos

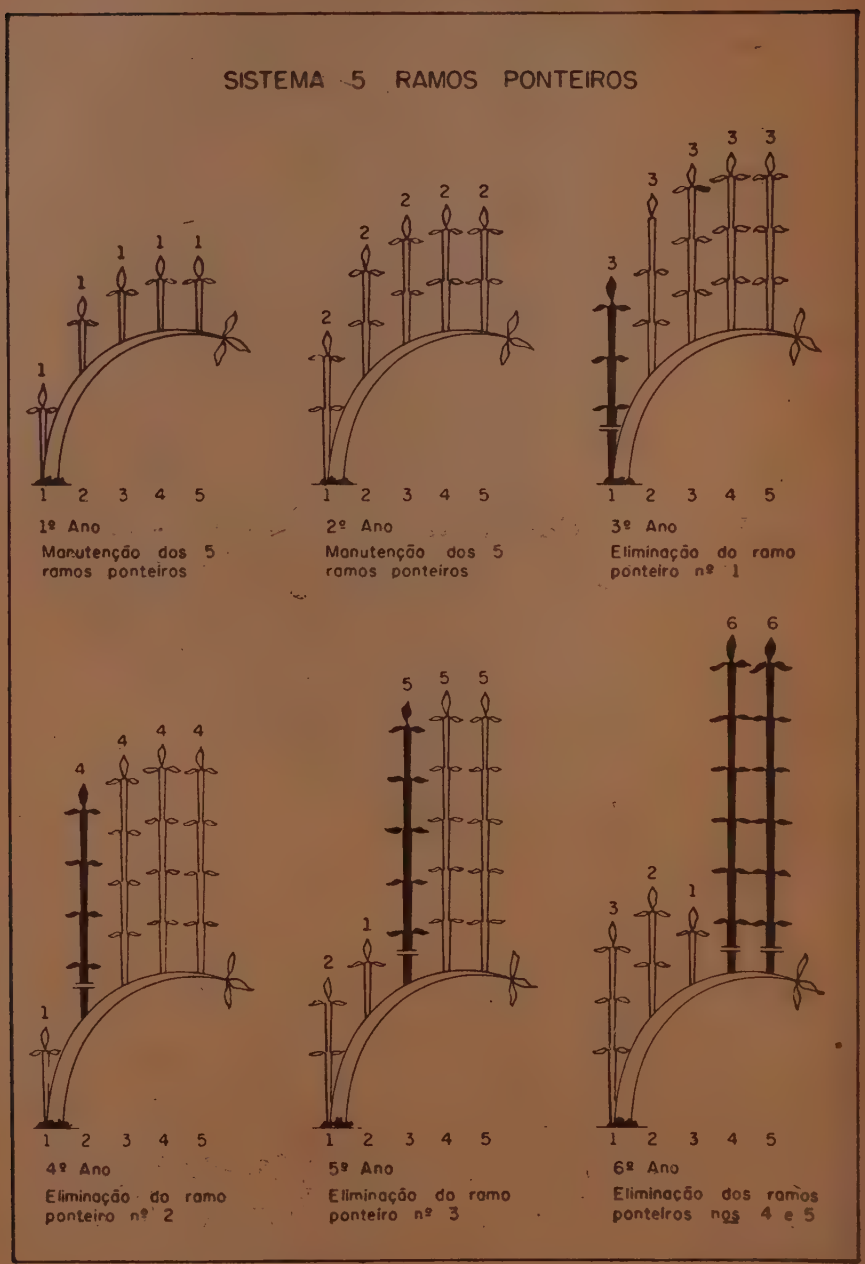


Fig. 3 — Esquema do tipo de poda de 5 ramos ponteiros.

ponteiros a ser deixado vai depender da intensidade da iluminação solar, do espaçamento empregado, da precipitação pluvial. Quando há intensidade de iluminação solar, quando as plantas estão suficientemente distanciadas, podem ser deixados 5 ou 6 ramos ponteiros; se o espaçamento fôr curto, quando as chuvas ou a nebulosidade reduzem a iluminação solar, apenas quatro verticais deverão ser mantidos.

As operações realizadas são as seguintes:

1.º ano: Cortar o terço superior da muda na plantação ou plantá-la com uma inclinação de 40º. Qualquer dos dois processos promoverá o desenvolvimento de numerosos "ladrões". Escolher os mais fortes e tanto quanto possível mais próximos do solo, até o número que se convencionou deixar (4, 5 ou 6); eliminar os demais.

2.º ano: Eliminar todos os ramos ponteiros excessivos.

3.º ano: Sistema 4 ponteiros: eliminar o ramo ponteiro n.º 1.
Sistema 5 ponteiros: eliminar o ramo ponteiro n.º 1.
Sistema 6 ponteiros: eliminar o ramo ponteiro n.º 1.

4.º ano: Sistema 4 ponteiros: eliminar o ramo ponteiro n.º 2.
Sistema 5 ponteiros: eliminar o ramo ponteiro n.º 2.
Sistema 6 ponteiros: eliminar o ramo ponteiro n.º 2.

5.º ano: Sistema 4 ponteiros: eliminar o ramo ponteiro n.º 3.
Sistema 5 ponteiros: eliminar o ramo ponteiro n.º 3.
Sistema 6 ponteiros: eliminar o ramo ponteiro n.º 3.

6.º ano: Sistema 4 ponteiros: eliminar o ramo ponteiro n.º 4.
Sistema 6 ponteiros: eliminar os ramos ponteiros n.º 4 e 5.
Sistema 5 ponteiros: eliminar os ramos ponteiros n.º 4 e 5

Do sexto ano em diante volta-se ao que se fez no 4.º e 5.º anos, para os sistemas 4 e 5 ponteiros; para o sistema 6 ponteiros, elimina-se o ramo ponteiro n.º 6 e do ano seguinte em diante, em um ano se eliminam 2 ponteiros e no seguinte apenas um (Vide figuras 2 e 3).

Qualquer dos sistemas de poda descritos, quer seja o 1-3-5; 2-4-6, ou o de 4 ramos ponteiros, 5 ramos ponteiros e 6 ramos ponteiros, são teóricos. Na prática o lavrador não se apega estritamente a êste ou aquele modo de proceder. Anualmente retira os ramos ponteiros que já produziram por um certo número de anos, 5, 6, 8 ou até mais, desde que o número de laterais existente neles já seja relativamente pequeno e deixa desenvolver um novo "ladrão", para substituir o que foi eliminado.

Há uma preocupação generalizada de manter no cafèzal apenas ramos secundários. Para isso eliminam cuidadosamente todos os ramos laterais de ordem inferior, a começar pelos terciários. Fazem isto tendo em mira facilitar a colheita, pois que esta operação é muito cara, valendo o jornal operário na zona cafeeira U.S. $5.00 diários.

ELIMINAÇÃO DAS ERVAS MÁS POR MEIO DE ERVICIDAS

Um dos aspectos mais curiosos da cafeicultura no Hawaii é, sem dúvida alguma, o modo pelo qual são tratadas as ervas más que aparecem na lavoura. Em tôda a parte a destruição se faz pela capina manual, pela capina mecânica

ARQUIPÉLAGO DO HAWAII

ou por uma congregação de ambas. Enxada, no Brasil, *machete* na Colômbia, machete e pá na Costa Rica, enxadas rotativas nas plantações mais modernas, são os meios de que se lança mão para eliminar periòdicamente as numerosas ervas más que se desenvolvem por entre as ruas de cafeeiros. No Hawaii não se usa nenhum dêstes recursos. As ervas más são tratadas por meio de ervicidas e o cafèzal é mantido pràticamente no limpo durante todo o ano.

O cafèzal apresenta um contraste violento de côres: o verde intenso do cafeeiro e o amarelo das ervas más destruídas pelo ervicida.

A Estação Experimental de Kona considera o desenvolvimento das ervas más no cafèzal como o maior concorrente ao adubo que se distribui para o cafeeiro.

Fukunaga em o trabalho "Chemical weed control in coffee orchards of Kona", Hawaii, 1954, diz que o emprêgo de ervicidas nos cafèzais teve início em 1930, quando o preço do braço operário se tornou muito elevado, pois que a grande vantagem apresentada por êste método é o de diminuir grandemente o preço do custo do trabalho exigido para manter os cafèzais limpos. Até o fim da 2.ª Guerra Mundial, o arsenito de sódio (sodium arsenite) era o único ervicida usado. Os técnicos que trabalham na cultura do abacaxi estudaram detalhadamente o assunto por que esta planta é muito sensível ao arsênico e chegaram a conclusão de que as soluções de óleo são muito mais eficazes e econômicas. Na lavoura cafeeira os ervicidas baseados nas emulsões de óleo começaram a ser empregados em 1947.

A Estação Experimental de Kona e os agrônomos encarregados do fomento da cultura cafeeira fazem grande empenho em substituir os ervicidas arsenicais, muito em uso, por êste novo tipo. No entanto, até ao presente momento, os cafeicultores, quase todos japonêses e filhos de japonêses, preferem ainda trabalhar com o arsênico, apesar de tôdas as contra-indicações e perigos disso decorrentes.

Emulsões oleosas: De 1940 em diante ficou bem demonstrado que emulsões de óleo diesel eram muito eficientes como ervicidas e que a quantidade de óleo a ser usado poderia ser consideràvelmente reduzida se se empregassem *ativadores*. Desconhece-se a ação dêsses ativadores na emulsão. Os resultados experimentais, no entanto, demonstraram que a mistura do ativador e do óleo é mais eficiente do que o emprêgo de qualquer deles, separadamente.

Ensaios posteriores levaram à conclusão de que não só o óleo diesel tem propriedades ervicidas. Foram experimentadas outras frações da distilação de petróleo e verificou-se que os óleos aromáticos são muito mais fitotóxicos. Na atualidade há emprêgo tanto para o óleo diesel como para os óleos aromáticos no preparo de emulsões ervicidas.

Os dois ativadores mais usados, atualmente no Hawaii são o petaclorofenol (PCP) e o dinitro-orto-secundário butylfenol (DNOSBP).

O sal de sódio do PCP é o ativador mais em uso nos ervicidas baseados em emulsão de óleo. É solúvel em água. O PCP ácido pode ser dissolvido nos óleos aromáticos e a solução resultante emulsificada. Não se dissolve no óleo diesel. Por êste motivo, quando se emprega êste óleo, é necessário o uso do sal de sódio de PCP.

Além do ativador, o ervicida oleoso, precisa ser emulsificado em água. No mercado existem diversos emulsificantes que podem ser usados. Em o Hawaii os mais comuns são os seguintes: Ultrawet K; Igepon T; J-T-R; Irex; Triton, etc.

PREPARO DOS ERVICIDAS

Concentrado de arsenito de sódio:

2 ¼ libras de soda cáustica (NaOH)
7 libras de arsênico branco (As_2O_3)
7 pints de água

ou sejam:

1.021 gr de sola cáustica
2.778 gr de arsênico branco
3,976 litros de água

Usar um recipiente de madeira ou de metal que deve estar acima do nível do solo. Colocar as 2 ¼ libras de soda cáustica no fundo do recipiente e adicionar 7 libras de arsênico branco. Adicionar a água (7 pints) e não se aproximar enquanto a mistura estiver fervendo.

Esta é uma solução concentrada de arsenito de sódio. Para usar como ervicida diluir a solução em 100 galões (456,6 litros) de água. Adicionar agente espalhante (wetting agent) para aumentar a eficácia da pulverização.

Ervicida contendo arsenito de sódio, pentaclorofenato de sódio e clorato de sódio:

Material:

1.806 gr de pentaclorofenato de sódio (PCP de sódio)
1.806 gr de clorato de sódio
4,546 litros de penite*

Modo de preparo:

1. Dissolver 1.806 gr (4 libras) de pentaclorofenato de sódio (PCP de sódio) em 27,276 litros de água (6 galões).

2. Dissolver separadamente 1.806 gr (4 libras) de clorato de sódio em 9,092 litros de água (2 galões).

3. Misturar as duas soluções em um recipiente que tenha a capacidade mínima de 45,460 litros (10 galões).

4. Adicionar 4,546 (1 galão) de penite e mexer.

5. Adicionar água até completar o volume de 45,460 litros (10 galões).

Êste concentrado é diluído 20 vêzes antes de ser usado. Devem ser adicionados agentes emulsionantes. A quantidade a ser usada é geralmente de 114 gr (¼ de libra) do emulsionante para 454,6 litros (100 galões). Não há necessidade de mexer pois todos os ingredientes são solúveis.

(*) Penite — é o nome comercial de um dos produtos usados em Kona e que contém 9.46 libras de arsenito de sódio por galão.

Ervicida de emulsão de óleo, com um ativador solúvel em água:

Para misturar à mão:

Em um recipiente de 228,6 litros (50 galões):

1. Colocar água até 1/3 do recipiente.

2. Adicionar o emulsionante.

3. Adicionar 908 gr (2 libras) de PCP de sódio ou 0,568 litros (1 pint) de DNOSBP, e mexer até completa dissolução do ativador.

4. Adicionar 27,276 litros (6 galões) a 36,368 litros (8 galões) de óleo diesel e mexer vigorosamente até que se forme uma emulsão pardacenta. Se parte do óleo permanecer livre depois de alguns minutos de vigoroso remeximento adicionar mais emulsionante e continuar mexendo.

A emulsão está pronta. Se os pulverizadores empregados forem os de costa o conteúdo deve ser misturado de vez em quando. Idêntico procedimento se deve ter com o líquido contido no recipiente em que foi feita a mistura, cada vez de encher de novo o pulverizador. Fukunaga, E. T. "Chemical weed control in coffee orchards of Kona", Hawaii, 1954.

Variedade cultivada: A única variedade cultivada no Hawaii é o *C. arabica* L. var. *typica*. Distinguem dois tipos: o hawaiano ou brasileiro e o americano ou guatemalense. O primeiro é oriundo de uma introdução feita em 1824 de sementes do Brasil. O segundo foi levado para as ilhas na última década do século passado, por meio de sementes procedentes da Guatemala.

Não existe nenhum trabalho de seleção. Os agrônomos, no entanto, dão preferência decidida ao tipo guatemalense, pois dizem que produz mais uniformemente que o brasileiro. Êste apresenta fôlhas com bordos um pouco mais onduladas, derruba maior quantidade de frutos (maturação mais precoce) e produz muito num ano e falha no outro.

Viveiros: Práticamente não há viveiros na zona cafeeira. Utilizam as mudas que se desenvolvem debaixo dos cafeeiros. Os serviços de fomento aconselham que sempre que fôr possível, seja dada preferência para as mudas tiradas de plantações do tipo guatemalense.

Os poucos viveiros existentes são a pleno sol e as mudas são transplantadas para local definitivo muito grandes (60, 70 cm).

Distância de plantação: A mais comum é a de 8 x 8 pés (2,44 m x 2,44 m). Atualmente estão formando as novas lavouras a 8 x 9 pés (2,44 x 2,74 m) ou 8 x 10 pés (2,44 m x 3,04 m). As plantações mais cerradas são as de 6 x 7 pés (1,83 m x 2,13 m). Estas porém deram mau resultado, tendo havido diminuição de produção. Por êste motivo, estão arrancando algumas plantas e replantando as falhas, de modo a ficar com os cafeeiros pelo menos a 8 x 8 pés (2,44 m x 2,44 m).

A plantação é feita em quadrado. A Estação Experimental está recomendando o plantio em sebe, com as distâncias de 10 pés (3,04 m) entre as fileiras por 4 pés (1,22 m) entre as plantas. Há quem esteja plantando até a 14 pés (4,27 m) entre as fileiras por 6 pés (1,83 m) entre as plantas.

Ensaio de espaçamento, poda e adubação: Na Estação Experimental o Dr. Beaumont e Fukúnaga têm em execução um ensaio para verificar qual a melhor distância a ser adotada entre os cafeeiros estudando-se também três níveis de adubação e um novo sistema de poda.

As distâncias em confronto são as seguintes: 4 x 8 pés; 5 x 8 pés; 6 x 8 pés e 8 x 8 pés. Os cafeeiros são mantidos com 4 ramos verticais, até o 4.° ano. Após a colheita dêste ano as árvores são totalmente recepadas. Cada bloco é constituído de 16 fileiras de plantas, assim distribuídas: quatro distâncias com quatro fileiras cada uma (fileira com 1 ano, fileira com 2 anos, fileira com 3 anos e fileira com 4 anos). Há três níveis de adubação, baseados na mistura 10-5-20.

Nível 1: *1.° ano* — 400 libras por acre
2.° ano — 800 libras por acre
3.° ano — 1.200 libras por acre
4.° ano — 1.200 libras por acre

Nível 2: *1.° ano* — 800 libras por acre
2.° ano — 1.200 libras por acre
3.° ano — 1.600 libras por acre
3.° ano — 1.600 libras por acre
4.° ano — 1.600 libras por acre

Nível 3: Idêntico ao nível 2, com acréscimo de azôto suplementar.

Os adubos são aplicados em três épocas durante o ano: fevereiro, março, maio e agosto.

O ensaio não tem repetições. Cada nível de adubação compreende 16 filêiras de plantas.

Vimos, no ensaio, fileiras recepadas e com a brotação iniciada, outras com 2 anos, com 3 anos e com 4 anos. Estas deverão ser cortadas após a colheita.

Espera o Dr. Beaumont eliminar quase que completamente a diferença de produção de um ano para o outro com êste sistema de cultivo do cafeeiro. Pensa que na prática poderá ser feito o plantio em blocos de 4 a 5 fileiras para cada estágio de idade das plantas.

Preço das terras: Em geral as terras cultivadas e que se prestam para o plantio de cafèzais, valêm na parte central da região de Kona, cêrca de U.S. $500.00 por acre, ou seja U.S. $2.985 por alqueire paulista. Se calcularmos o dolar a Cr$ 60,00 (câmbio livre) teremos que o alqueire de terra nessas condições vale em moeda brasileira Cr$ 179.100,00. Na parte mais retirada êsse preço cai para U.S. $400, $300 e até $200.00 de acôrdo com a distância, ausência de eletricidade, etc.

Não há pràticamente negócios de venda de terras com cafèzais. O valor atribuído a um acre de terra cultivado com café é de U.S. $3.000.00.

Em geral as terras são arrendadas por 20 anos. O arrendatário paga 110 libras (45,4 quilos) de café pergaminho por ano e por acre ou o equivalente em dinheiro.

Braço operário: É escasso na zona cafeeira. Na colheita, principalmente na zona baixa, em que esta operação se faz em um período só, é possível apro-

veitar gente que trabalha na cultura do abacaxi e que nessa época está sem serviço. O dia operário é pago a U.S. $5.00. A colheita custa U.S. $3.75 por cem libras (45,4 quilos) de café cereja colhido.

Colheita: A colheita se realiza na parte baixa de fins de agosto a dezembro. Na parte alta é necessário fazer-se a retirada dos frutos das árvores durante o ano quase que inteiro.

Preparo do produto: O preparo do café no Hawaii está longe do adiantamento observado na cultura. Na grande maioria dos casos o próprio sitiante prepara o seu café. Tem para isso a sua organização de despolpamento e secagem junto à casa de moradia. A secagem se faz em um ou mais taboleiros grandes de madeira que podem a qualquer momento ser recobertos por um telhado móvel, o que evita que o café apanhe chuva.

A única organização que compra café em cereja para despolpar é a Captain Cook Coffee Company. Esta firma mantém um aparelhamento grande para despolpamento e seca do café. As máquinas em geral são muito velhas e a organização tôda não é moderna. O café depois de despolpado e fermentado, é lavado. Em seguida é distribuído em terreiros cimentados, todos êles recobertos por telheiros móveis.

Além do despolpamento esta organização beneficia o café dos pequenos proprietários, cobrando uma taxa pelo serviço. Compra também o café já despolpado para beneficiar.

A impressão que o visitante tem é a de que o produtor de café no Hawaii goza de uma grande prosperidade. Em geral as casas de residência são confortáveis, sendo mesmo algumas de aspecto muito agradável.

A habilidade do trabalhador japonês, aliada ao alto nível de vida mantido pelos americanos nas ilhas, faz com que, em geral, todos os problemas da vida no campo se resolvam com facilidade. Tanto a ilha de Oahu, como a de Hawaii, que percorremos, possuem magníficas estradas de rodagem asfaltadas. Por tôda parte se faz notar a influência americana: nos hoteis, nos restaurantes, nos serviços públicos, nas escolas, no corrêio. Há muito gosto na manutenção dos jardins, quer públicos, quer particulares. As flores são cultivadas com cuidado, com proficiência e sobretudo com carinho. Foi-nos proporcionada uma inspeção a propriedades de floricultores, que na cidade de Hilo, na ilha do Hawaii, se dedicam ao cultivo de orquídeas. É de ver como porfiam todos em obter melhores exemplares, por meio de hibridações com o auxílio de tratos culturais esmerados.

Em geral o proprietário de um cafèzal faz com suas próprias mãos tôda a instalação para despolpamento e seca do café. Afora o despolpador, quase tudo o mais é feito de madeira, que o japonês trabalha muito bem. Como há escassês de água, tôdas as casas recolhem-na do telhado em tanques, para utilização na época do preparo do café.

Em todos os sítios que tivemos a oportunidade de visitar o lavrador possuia além de um jeep um bom automóvel. Todos estavam com roupas de trabalho, de boa qualidade. Não raro, ao solicitarmos permissão para fotografar um grupo em que êles devessem tomar parte, recebíamos idêntico pedido, pois que também possuem máquinas fotográficas.

O café ao preço de 82 ¢ de dolar, como estava sendo pago, apesar dos altos preços pagos pelo operário rural, deixa larga margem de lucros.

A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro

O. T. MENDES SOBRINHO
Engenheiro-Agrônomo
Subdivisão de Estações Experimentais
Instituto Agronômico de Campinas

(Continuação)

6.5.5 — A Cultura da Quineira

A exploração agrícola da quineira é a segunda em importância econômica na zona alta do Congo.

a) *Área da quina* — Os solos vermelhos, não vulcânicos, da bacia do Lago Quivú, reunem condições ótimas à quineira; a altitude, pluviosidade e temperatura, completam o ambiente adequado às cinchonas.

Costermansvile é o centro das atividades agro-industriais dessa planta medicinal. A cidade possui uma usina para extração do alcalóide e sua transformação em sulfato de quinino. As lavouras se adensam ao redor daquele centro urbano e se estendem por um raio de mais de 200 quilômetros, principalmente para os lados sul e norte.

Em nossa etapa de Quiseni à capital da Província de Quivú, após os primeiros cem quilômetros de viagem, começamos a ver as lavouras de quineiras e as *de C. arabica*, esparsas nas manchas dos terrenos vermelhos, deixando perceber tendências de predominância da cinchona.

As plantações de quineiras geralmente novas, estavam caprichosamente estabelecidas em curvas de nível, ostentando belíssima aparência, contrastando com as antiquadas lavouras de café plantadas em quadro, sem qualquer cuidado tendente a evitar o arrastamento de terra pelas enxurradas. À medida que avançavamos para Costermansvile amiudava-se o aparecimento dos quineirais, alguns de 30 ha e mais. A 150 km daquela cidade começa o maciço do "red soil", onde o chão, antes muito quebrado, se amenisa consideràvelmente. Dali em diante, até bem para o norte do Lago, firma-se a supremacia numérica das plantações de quineiras sôbre as de cafeeiros.

A região parece mesmo adequada à cinchona, que ostenta belo desenvolvimento, formando bosques com certa semelhança aos eucaliptais. As plantações de dois, três, quatro, cinco, seis, sete e oito anos se sucedem com freqüência cada vez maior. A extensão total das lavouras de quineiras em Quivú é estimada em 5.000 há.

b) *Expansão da cultura* — O entusiasmo pela quina em Quivú, guardadas as necessárias proporções, pareceu-nos semelhante ao do café, em nossas zonas pioneiras.

O fato encontra explicação no grande consumo de quinino no Congo, estimulado pelas exportações de cascas da planta para a França, Bélgica, Inglaterra e EE. UU.

Tôdas as pessoas com as quais nos avistamos, interessadas na produção ou pesquisa agronômica da cinchona, foram unânimes em afirmar a superioridade dos sais de quinino sôbre os antimalarígenos sintéticos, apoiados no princípio de que ainda não são conhecidos os efeitos secundários destas modernas drogas. Segundo o Dr. Fred Hendrickx, de Molemgú, uma pessoa em cada 10.000 nos EE. UU. havia perdido a razão, devido ao uso de medicamentos quinínicos sintéticos.

c) *A quineira na Estação Experimental de Molengú* — Em importância, é a segunda atividade daquele centro de pesquisas.

Espécies e variedades cultivadas — Os trabalhos se concentram na *Cinchona Ledgeriana* Moens., a espécie de maior rendimento industrial em Quivú.

Teor em alcalóides da Ledgeriana — Quando os trabalhos com a quineira foram iniciados em Molengú, a ledgeriana apresentava uma riqueza de 8% de alcalóides. Em 1950 as hastes da planta adulta já acusavam um teor máximo de 19,56% de alcalóide, correspondentes a 7,5% de cristais de sulfato de quinino.

Produção de mudas — É o ponto crítico da cultura da "quinina"; técnica especial deve ser usada para a obtenção de mudas em grande quantidade.

Em Molugú solucionaram o problema por meio de germinadores e viveiros, cujas características principais anotadas foram as seguintes: *Germinadores* — representados por uma edificação de estrutura de madeira roliça de uma água; pé direito de 50 cm nos fundos e 220 cm na frente; coberta de sapé; paredes de bambú, espêssa, no fundo e nos lados, na frente esteiras de fôlhas de bananeira. *Canteiros* — representados por uma caixa aberta no chão, de 1 metro de profundidade, e depois cheia de seixos de diferentes tamanhos, dispostos em extratos de textura decrescente de baixo para cima, até terminar com uma camada de terra de 25 cm. O canteiro assim feito garante uma perfeita drenagem do excesso de umidade, incompatível com a sementes de cinchona.

Viveiros — Constituídos de canteiros comuns, a princípio abrigados do sol por meio de esteiras de sapé.

A seqüência de operações e cuidados para a formação das mudas, do germinador ao terreno definitivo é a seguinte:

1.º) rega abundante do germinador até o nascimento de hervas daninhas, para sua eliminação;

2.º) semeadura da "quinquina";

3.º) regas feitas com pulverizadores para atomização da água;

4.º) a contar dessa época a iluminação é aumentada pela eliminação paulatina dos bambús das paredes laterais;

5.º) aos 10 meses, as mudas atingem 5 a 7 cm e começam a ser transplantadas para os viveiros, cobertos com esteiras de sapé, em canteiros comuns, espaçadas de 22 cm em todos os sentidos;

6.º) as mudas ali permanecem durante 1 ½ a 2 anos, e vão sendo descobertas aos poucos;

7.º) por êsse tempo, as plantinhas vão para balainhos de fôlha de bananeira e estão em condições de passar para o terreno definitivo.

Nota — A germinação começa 20 dias após a semeadura e aos 6 meses as mudinhas atingem 4 a 5 cm.

Em plantações comuns vimos mudas de raiz nua sendo levadas para o quineiral.

Enxertia — É outro ponto delicado da cultura. Em Molengú os clones são multiplicados por essa forma vegetativa. O único processo de enxertia que apresentou resultados práticos foi o de meia garfagem lateral a 5 cm do chão: pegado o enxêrto, o cavalo, acima da incisão, é eliminado em duas etapas; primeiro suprime-se a parte ramificada e, em seguida, a sobra do porta-enxêrto; a porcentagem de pegamento por êsse processo é de 70%; a meia garfagem é envolvida em ráfia e parafinada em seguida; o cavalo pode ser a própria ledgeriana.

Espaçamento na cultura definitiva — O compaço ideal é o de 1m x 1m; a carência de mão de obra, entretanto, vem influindo na modificação do primitivo sistema para 1m x 1,50m, a fim de tornar possível o trato mecânico da plantação.

d) *A quineira na fazenda do sr. J. Valett* — São os seguintes os apontamentos tomados:

Área 42 *ha.*

Preparo do terreno — Como no caso do cafézal.

Variedade — *Cinchona Ledgeriana* Moens.

Riqueza em alcalóides — De 6% a 14%.

Espaçamento — A plantação no terreno definitivo é estabelecida no compaço de 1m x 1m.

As quineiras aos 6 anos atingem altura de 5 a 6 metros e com os sucessivos desbastes ficam espaçadas de 230 cm x 230 cm.

Colheita — A partir do fim do segundo ano a plantação vai sendo submetida a desbastes e derramagens, de acôrdo com a seguinte escala (calculada para um hectare com 10.000 plantas).

Anos	*Desbaste (eliminação de plantas)*	*Derramagem*	*N.º de plantas*	*Pêso médio (kg) casca seca p/ha*
1.º	—	—	10.000	—
2.º	—	—	10.000	—
3.º	2.500	7.500	7.500	500
4.º	2.500	5.000	5.000	750
5.º	2.500	2.500	2.500	750
6.º	625	1.875	1.875	750
7.º	469	—	1.406	750
8.º	1.406	—	—	750

O aproveitamento da planta para a obtenção de casca é total, inclusive o da raiz que, por isso, é arrancada do terreno no oitavo ano.

Riqueza em alcalóides — O teor de quinino, nas três partes da planta obedece a seguinte ordem decrescente: ramo principal, idem secundários, raízes.

Esfoladura — A casca é destacada das demais partes da planta por um processo manual muito simples, porém absolutamente primitivo; consiste na batedura das hastes, galhos e raízes, etc., tomados separadamente, com um

segmento roliço de madeira qualquer, geralmente de galho da própria quineira; as pancadas seguidas de esfregação das peças, com o pedaço de pau promovem a separação da casca e do lenho.

Seca — É operação subseqüente à esfoladura. As cascas vão para um secador, onde ficam durante 24 horas a 150°F, pràticamente 64°C. O secador é uma peça semelhante a uma gaveteira, que aloja os taboleiros de madeira de fundo telado. O aquecimento é indireto, ficando a fornalha na parte inferior do conjunto. O lenho e demais resíduos da quineira servem de combustível.

Acondicionamento — Em sacos duplos de juta com 40 kg líquidos. O uso de dois sacos tende a evitar perdas da moinha por vasamento. Cascas das hastes, dos galhos e das raízes, constituem partidas distintas, por causa da diferença de teor de alcalóides em cada uma das partes da planta. A casca sêca é paga de acôrdo com a riqueza de quinino.

Futuro da exploração da quineira — Solicitado a opinar sôbre o assunto, o sr. J. Valett disse-nos que as plantações estão se expandindo, sobretudo no Congo, porque os sucedâneos não lograram integral vitória sôbre o alcalóide da cinchona. Declarou que a história do medicamento sintético revela o aparecimento e ocaso de mais de 12.000 drogas, que não lograram se impôr às excepcionais qualidades do quinino de origem vegetal. Releva notar que nosso informante é presidente da firma possuidora da usina de extração de cristais de quinino de Costermansvile.

Comercialização do quinino — O seguinte trecho do relatório já citado, de "L'Office de Produits Agricoles de Costermansville", nos dá idéia de como é transacionada a casca da quineira:

"Nossos serviços liberaram 85 licenças, cobrindo uma exportação de 1.165 toneladas métricas de casca de quineira sêca, das quais, 94% da "Societé Conkina", a maior exportadora do produto".

"A exportação se reparte como segue: França 771 t; Inglaterra 220 t; Bélgica 114 t; EE. UU. 60 t.

No escritório de contrôle de produtos agrícolas nos informaram que o sulfato de quinino, da usina de Costermansvile, estava sendo cotado a 1.400 francos congoleses por quilo, equivalentes a Cr$ 560,00.

6.6 — Impressões gerais do Congo

A bôa impressão que vínhamos tendo do perfeito entrosamento dos serviços metropolitanos e coloniais, nos países por onde passaramos, não pode ser extensiva ao Congo Belga.

Os programas traçados na Inglaterra, França e Portugal, foram integralmente executados nas suas colônias, mercê do interêsse e bôa vontade dos seus funcionários.

No Congo houve desencontro de instruções da Bélgica para a Colônia, não obstante o ministro das colônias haver incumbido o Secretário Geral do INEAC, sr. Lebrun, da elaboração do nosso roteiro naquela possessão africana.

Serviços aéreos — O Congo se acha cortado por diversas linhas de viação aérea, maneira expedida de comunicação, dada a vastidão do território. Êsse problema do país é muito semelhante ao do Brasil.

A concessionária única dos transportes pelo ar é a Sabena, a mesma que serve a metrópole.

De tôdas as emprêsas de que nos servimos desde a partida do Brasil, nenhuma apresenta serviços tão deficientes como esta companhia.

A falta de afabilidade dos belgas que atraíra nossa atenção desde a sua capital, confirmava-se no trato com o pessoal da Sabena na Europa e na África.

A eficiência dos serviços britânicos, a educação das tripulações dos aviões, a assistência aos passageiros, encontra o oposto perfeito nos serviços belgas de transportes aéreos.

A expedição e recepção de bagagens da Sabena na África são péssimas, a indumentária do chofêr dos seus ônibus e do pessoal inferior dos aeroportos constrange o forasteiro; confusão e troca de malas; roupas rotas dos subalternos; péssima alimentação a bordo caracterizam a inferioridade da Sabena.

Sistema de transportes de superfície — A administração do Congo mantém e aperfeiçoa constantemente, um inteligente sistema de comunicações, associando à ferrovia a navegabilidade do rio Zaire. Tôda a vez que esta é impossibilitada pelas corredeiras ou cachoeiras, a estrada de ferro promove a ligação entre os trechos navegáveis; um importante tronco de penetração de superfície é assim obtido por meio da associação do elemento natural e da estrada de ferro ao longo do grande curso dágua.

É lamentável que no Brasil essa forma não seja adotada para resolver nosso emperrado sistema de transportes. A ligação Santos-Manaus, por ferrovia em São Paulo e Minas e parte de Goiás, e a conjugação do caminho de ferro e navegação fluvial no rio Tocantins, seria uma solução para êsse importante tronco sul norte que haveria de cortar o país ligando-o de oceano a oceano.

As estradas de rodagem no Congo são bem inferiores às dos países anteriormente percorridos; o leito é de terra e no período sêco, as viaturas são acompanhadas por espêssa núvem de pó.

Formas de povoamento — Em Ruanda-Urundi e no Congo as moradas dos nativos não estão nucleadas em vilas, mas dispersas pelas colinas, sem um traço que identifique o seu arranjo na paisagem.

Habitações — As de Ruanda-Urunda diferem de quantas vimos; são casas de palha, teto e paredes invariàvelmente cilíndricas, sem janelas, telhado cônico, terminando por uma aba na ponta de entrada que se projeta para a frente, sustentada por dois tapumes laterais; o aspecto é original e pitoresco; "rugo" é o nome indígena de tais moradias.

Costumes indígenas — Em Ruanda-Urundi o branco, ao passar, é saudado pelo nativo, que se descobre e se levanta, caso esteja sentado; gentileza ou prussianização?

Mulheres com seios à mostra são vistas por tôda a parte, carregando à cabeça cargas que seriam excessivas a um muar.

Nas montanhas de Ruanda-Urundi a indumentária feminina é preta, emprestando aspecto triste ao povo. Contrasta com as túnicas de côres berrantes dos esguios pastores das planícies e com a padronagem alegre das vestes das mulheres de Uganda.

O congolês da bacia do Lago Quivú difere do homem de Ruanda-Urundi. Ao deixarmos a região de Goma, pela margem Oeste do lago, começamos a

deparar com nativos de tangas, armados de chuços e alguns mesmo de arco e flexa. São negros achaparrados, feios, quase sempre acompanhados de mulheres carregando pesados fardos. Os volumes não são transportados à cabeça, mas às costas, sustentados por dois tirantes que se firmam na testa da carregadora. Vimos muitas levando ainda os filhos encarapitados sôbre a enorme carga dos jacás. Os povos de Quivú têm fama de indolentes, nômades e primitivos quase ao extremo. Êste aspecto da população vai até às portas de Costermansvile. Os conservas da rodovia trabalham de tanga, deixando nú o resto do corpo. Em algumas construções daquela cidade, em pleno centro urbano, vimos serventes de pedreiro despidos, com apenas uma tira de tecido entre as pernas, a guisa de roupa.

Os indígenas usam tatuagens, embora não deformantes. As mais comuns são marcadas a fogo: um risco do alto da testa à extremidade do nariz ou um círculo em cada maçã do rosto. Quase todos mostram dentes limados.

Status do nativo — Mesmo trabalhando na cidade vive o prêto em estado tribal. Obedece ao chefe da tribo, ao qual paga tributo. Quando se emprega com os brancos, como operário ou doméstico, leva uma papeleta, na qual o patrão inscreve o ordenado e domicílio, para contrôle do chefe nativo.

Salários médios — Um "boy" de cosinha ganha Cr$ 240,00 mensais; um copeiro Cr$ 80,00 por mês; um bom pedreiro Cr$ 20,00; e um operário rural Cr$ 2,80 por dia. Compete ainda aos empregados fornecer roupa e pagar o seguro contra acidentes na base de 2 ½% sôbre o valor do salário.

Condenados — São postos a trabalhar na conservação de estradas e em determinados serviços na cidade. Essa praxe é comum a todos os países africanos e nada tem de condenável. Mas no Congo, o agrilhoamento dos condenados é feito de u'a maneira que, possìvelmente, não seria permitida pelas leis metropolitanas de proteção aos animais: vimos prêtos trabalhando agrilhoados dois a dois, à extremidade de uma corrente; as grilhetas eram volumosos anéis de ferro, que impediam a posição normal do pescoço e as correntes muito grossas e pesadas, medindo cêrca de dois metros, tolhiam os movimentos gerais do corpo. Quando regressavamos do Escritório de Produtos Agrícolas, para Costermansvile, em uma curva da estrada, nosso automóvel quase atropelou dois dêsses infelizes, que, ao ruido do motor, correram um para cada lado da estrada, pondo o nosso motorista em dificuldades.

O funcionário do "Bureau de Colonisation" que nos acompanhava, incomodado com o deprimente e bárbaro espetáculo, julgou-se na obrigação de isentar o govêrno do seu país, alegando que aquêle regime era necessário, por haver criminosos reincidentes perigosos.

Aliás, seja, talvez, o Congo, o lugar onde se repetem com freqüência os motins dos inconformados com a administração belga.

Custo de vida — Está em constante ascensão por todo o Congo. A inflação é motivada, em grande parte, pelos altos ordenados que o govêrno se vê obrigado a pagar para conseguir que técnicos e administradores se entusiasmem com a idéia de ir para África.

Indústria brasileira e mercado africano — A África constitui vasto mercado à colocação de manufaturas do tipo popular, sobretudo têxteis. O poder aquisitivo individual do prêto é baixo, mas a massa de compradores africanos é ponderável.

Uma das aspirações do indígena que troca a tanga por indumentária mais completa é concretizada pelo desejo de presentearem suas mulheres com panos de vistosa padronagem.

A vaidade da diva africana se concentra, sobretudo, em dois motivos: arrumação de complicados penteados e uso de estampados berrantes, nos quais se envolve.

O Congo, como a Bélgica, são mercados livres à produção industrial de outros países.

O Brasil está a pouca distância da África. Nossos tecidos, com raras exceções, podem concorrer com os de outras procedências. Acreditamos que no Congo encontraríamos a porta de um mercado Continental menos exigente de qualidades, que de apresentação.

A África caminha a passos largos para a emancipação política. As barreiras alfandegárias opostas pelos outros colonistas, em pouco, serão abolidas.

Voltamos daquele Continente convencidos de que nenhum povo será tão capaz de conquistá-lo política e econômicamente como o brasileiro. A razão é simples: enquanto europeus e norte-americanos persistem em ver em cada prêto um ser subhumano, nós, graças à nossa ausência de preconceitos raciais, reconheceremos sempre em cada homem de côr um cidadão, e essa atitude militará poderosamente a nosso favor.

Se soubermos nos conduzir no terreno internacional, dia virá em que seremos os mentores da África. E a influência étnica e cultural do brasileiro pelo africano facilitará enormemente a tarefa.

Êsse o lado favorável do problema.

Vejamos o reverso da medalha. Em Leopoldovile, fizemos relações com um sr. Matos, luso, empregado de uma firma atacadista de tecidos. Entramos a falar sôbre a potencialidade do mercado congolês para o Brasil. O nosso interlocutor, usando a melhor franqueza de português, em meia dúzia de palavras reduziu a zero as nossas veleidades. Chamando desonestos os industriais brasileiros, contou-nos que, durante a guerra, o comércio do Congo viu-se impossibilitado de receber manufaturas da Europa e Japão e a firma da qual era empregado decidiu-se a importar, do Brasil, mantas de lã, cujo artigo tem grande procura, por causa da lei que obriga os patrões a fornecerem cobertores aos empregados; o negócio foi fechado com uma fábrica do Rio e esta, antes da entrega da encomenda, cientificou a firma compradora de que só remeteria a mercadoria mediante uma majoração no preço, extra contrato; embora estranhando tal atitude, fora das tradições comerciais, os compradores diante da necessidade de solver compromissos com a freguesia africana, tiveram de ceder; cêrca de uns seis meses após o prazo combinado, chega a mercadoria; o contrato de compra e venda mencionava mantas de lã com o pêso unitário de 800 gr, e qual não foi a surprêsa dos compradores ao verificarem que cada cobertor pesava 500 gr apenas.

Diante de tal fato deveria ficar o nosso govêrno com a obrigação de fiscalizar a exportação industrial, porque não é razoável que a cupidez de brasileiros de origem mais ou menos recente, comprometa o bom nome do país.

As cidades nativas — Por tôda a África ocupada pelos europeus, por onde andámos, vimos sempre os bairros residenciais dos brancos, constituindo comunidade à parte, afastados dos centros comerciais das cidades. Geralmente as

moradias acham-se dispersas, especialmente afastadas uma das outras e servidas por uma rêde propositadamente irregular de caminhos, que lhe empresta aspecto de extenso parque.

Dadas as distâncias de uma casa a outra não há iluminação pública, nem rêde de esgotos. Cada casa tem seu moto-gerador e sua fossa scética.

Esta feição aristocrática e segregadora forma contraste com a cidade nativa. Geralmente localizada no lado oposto, para além do centro comercial, não raro — é um tumultuado ajuntamento de mocambos e palhotas.

No Congo, o arranjo de brancos e prêtos na paisagem urbana não foge a essa regra, senão em mais uma particularidade: as cidades nativas fecham-se à noite, sendo vedada a saída de prêtos após às 21 horas. E não se pense que as cidades indígenas reunem meia dúzia de casebres. Em Costermansvile mas, sobretudo, em Elisabetevile e Leopoldovile, centros de usinagem de minerais, as cidades nativas contam mais de 100.000 habitantes.

Visitamos a cidade negra da capital do Congo; população de 150.000 pessoas; residências razoáveis, algumas com linoleuns no chão, janelas encortinadas, móveis comuns lotando as peças da moradia, vitrolas e certos adornos ocidentais alegrando o ambiente. O chão bem feito permitiu uma disposição regular dos quarteirões em tabuleiro de xadrez.

Segundo nos informaram, os habitantes mais instruídos são leitores de Jorge Amado, cujo livro "Terras do Sem Fim" é grandemente apreciado. Pois, bem, nem mesmo essa gente mais evoluída escapa ao encurralamento noturno.

O Conceito de que o prêto é um zero à esquerda na contagem dos seres humanos, é uma idéia tão arraigada no subconciente do branco na África, que, quando se pergunta a um inglês, francês, português ou belga, quantos habitantes têm esta ou aquela cidade êles dão prontamente a estatística sòmente dos brancos.

Exemplo: em Leopoldovile há 10.000 brancos e 150.000 prêtos; para o belga a capital só tem 10.000 habitantes.

A África portuguêsa poderá constituir mercado às manufaturas do Brasil: tratados de comércio bilaterais com Portugal possìvelmente nos abririam outra porta do Continente negro, já que a do Congo parece achar-se fechada.

Portugal necessita urgente mercado para seus vinhos; magnifica oportunidade à nossa indústria para penetrar os mercados de Angola e Moçambique e, por extensão, outros mais.

Na capital do Congo fomos informados de que o comércio de discos com músicas populares brasileiras, principalmente sambas, é apreciável e a procura dêsse artigo cada vez maior.

(7. — **Angola** — a seguir)

NOTA — Por motivo de atrazo na confecção dos clichês, deixam de ser publicadas duas fotografias que acompanhavam o presente artigo de nosso colaborador Dr. Otávio Teixeira Mendes Sobrinho. Em nossa próxima edição serão as mesmas publicadas.

Deficiência de zinco em cafeeiro

COARACY M. FRANCO
e
HELI CAMARGO MENDES
Instituto Agronômico de Campinas

RESUMO

São muito freqüentes os sintomas de deficiência de zinco nos cafèzais do Estado de São Paulo, deficiência essa que se apresenta particularmente severa nos cafèzais plantados em terra roxa.

A aspersão de solução de sulfato de zinco na concentração de 6 gramas por litro, curou plantas afetadas na grande maioria dos casos. Mesmo as poucas plantas que não recuperaram completamente com aquêle tratamento, mostraram reação altamente positiva.

A aspersão de solução de sulfato de zinco na concentração referida e desacompanhada de cal, não prejudicou as fôlhas do cafeeiro.

Nos tratamentos feitos em fins de setembro houve reação mais rápida das plantas.

1 — INTRODUÇÃO

Em trabalho anterior (2) relatamos os resultados de um ensaio feito em 1952, visando esclarecer se a causa de um determinado sintoma folhar freqüentemente observado em cafèzais era deficiência de microelementos. Concluiu-se que, de fato, ditos sintomas eram causados pela deficiência de algum ou alguns micro-elementos, pois plantas doentes que receberam uma aspersão contendo sais solúveis dos elementos *zinco, manganês, cobre, boro* e *molibdênio*, reagiram ràpidamente e alguns meses mais tarde apresentavam-se perfeitamente normais.

Restava, pois, saber a qual ou quais dos elementos acima experimentados se deveria atribuir a deficiência em questão. Com êste objetivo foram instalados os ensaios descritos no presente trabalho, cujos resultados foram já resumidos em uma comunicação feita à Sociedade Botânica do Brasil (3) e mostram tratar-se de deficiência de zinco.

2 — SINTOMATOLOGIA

Os sintomas da deficiência de zinco em cafeeiro se assemelham aos que ocorrem em citros, macieira e algumas outras espécies perenes, descritos na literatura (4, 5).

Os internódios das plantas, principalmente os de ramos secundários, tornam-se extremamente curtos. As fôlhas que crescem das axilas dêsses ramos são de tamanho muito reduzido, freqüentemente não chegando a atingir três centímetros de comprimento (figs. 1 e 2). Essas fôlhas por vêzes se mostram retorcidas, com as margens laterais do limbo voltadas para a face ventral, tomando a forma de calha.

A coloração das fôlhas afetadas pode variar do verde normal a uma clorose acentuada. É muto freqüente a ocorrência de faixas fortemente cloróticas no

parênquima, entre as nervuras, apresentando aspecto semelhante ao conhecido em citros por "fôlha rajada" (mottle leaf).

Comumente também se observam sintomas nas extremidades dos galhos primários, dando formação a "rosetas", semelhantes às que ocorrem em macieiras. Também os ramos ponteiros dos cafeeiros são afetados com bastante freqüência.

Quando é muito acentuada a deficiência de zinco, pode ocorrer o "die-back" dos ramos. Em ramos bastante afetados pela deficiência, os frutos, quando presentes, são menores do que os dos normais.

3 — MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 **Primeiro ensaio:** Em um campo de aumento de *Coffea arabica* L. var. bourbon vermelho (B. Rodr.) Choussy, localizado na Estação Experimental Central do Instituto Agronômico, em solo terra roxa misturada, plantado a três pés por cova, com cêrca de seis anos de idade, a ocorrência dos distúrbios descritos era acentuada. Nessa área escolheram-se diversas linhas de 10 plantas cada uma, estando as linhas escolhidas separadas entre si por outras servindo de "barreiras", como precaução para evitar a possibilidade da influência de tratamentos vizinhos.

Tôdas as plantas foram cuidadosamente inspecionadas, verificando-se que de 100 plantas registradas apenas três não apresentavam sintomas da deficiência de zinco, em 22 de junho de 1953.

Pelo modo como se escolheram as plantas, foram constituidos canteiros de 10 covas, cada uma representando uma repetição (1).

Os tratamentos aplicados e que consistiram no emprêgo de várias soluções de sais encerrando microelementos e contendo também cal para neutralização do pH, e adesivo, pulverizadas sôbre a copa das árvores, constam no quadro I e foram baseadas nas recomendações de Camp (1).

Quadro 1. — Composição química das diferentes soluções empregadas para a identificação da deficiência de zinco no cafeeiro.

TRATAMENTOS	Composição das soluções						
	Sulfato de sódio	Sulfato de zinco	Sulfato de manganês	Sulfato de cobre	Molibdato de amônio	Borax	Cal hidratada
	g/l	*g/l*	*g/l*	*g/l*	*g/l*	*g/l*	*g/l*
1	5,9	—	—	—	—	—	6,6
2	—	5,9	—	—	—	—	6,6
3	—	—	—	—	—	2,4	6,6
4	—	—	5,9	—	—	—	6,6
5	—	—	5,9	5,9	—	—	6,6
6	—	5,9	5,9	5,9	—	—	6,6
7	—	5,9	5,9	5,9	—	2,4	6,6
8	—	5,9	5,9	5,9	0,15	5,9	6,6
9	—	—	—	—	—	—	6,6

(1) No delineamento do ensaio fomos auxiliados pelo Eng.º Agr.º Hermano Vaz de Arruda, da Seção de Técnica Experimental, a quem somos gratos.

Em virtude de vários dos microelementos estudados se apresentarem sob a forma de sulfato, incluimos na série o tratamento n.º 1, a fim de verificarmos se o radical SO_4^{--} não teria ação sôbre as plantas; o tratamento n.º 9, por sua vez, foi incluido a fim de verificar a ação da cal e adesivo (2), ingredientes que, como já se disse, foram incluidos em tôdas as soluções.

Para pulverizar as plantas utilizou-se um aspersor do tipo manual, munido de bico bem fino.

Na pulverização procurou-se molhar completamente a folhagem de tôda a planta, para isso gastando-se um litro de solução por cafeeiro (cova); naturalmente o volume de solução necessária para molhar bem a planta depende do tamanho desta.

Como contrôle geral foi deixada uma linha de 10 plantas, as quais não receberam tratamento.

3.2 **Segundo ensaio:** O uso da cal na composição das soluções empregadas no presente trabalho, traz o inconveniente de provocar um precipitado, motivo por que é necessária a agitação contínua do líquido durante o tempo em que está sendo pulverizado sôbre as plantas, a fim de não restar resíduo no recipiente.

Por êsse motivo resolveu-se realizar um segundo ensaio com plantas da mesma área que as do primeiro, e com o objetivo de verificar se a solução aplicada sem cal produziria injúria às plantas.

Assim, em 14-9-53, foram escolhidas mais 45 plantas pertencentes ao mesmo talhão que as do primeiro ensaio, distribuidas em linhas separadas entre si por outras constituindo barreiras; em cada linha havia 15 plantas e das 45 escolhidas apenas uma não apresentava os sintomas atribuidos à deficiência de zinco.

Destas plantas, 15 permaneceram como testemunhas; 15 foram pulverizadas com solução de $ZnSO_4$ a 5,9 g/l; e 15 pulverizadas com solução contendo $ZnSO_4$ e Borax, respectivamente nas proporções de 5,9 g/l e 2,4 g/l.

Das 15 plantas pulverizadas com solução de $ZnSO_4$, cinco o foram com a solução sem adição de cal (trat.º 1a); à solução aplicada nas restantes adicionamos cal na proporção de 6,6 g/l (trat.º 1b); o mesmo procedimento com referência à cal, aplicamos respectivamente a cinco e 10 plantas das que foram tratadas com solução contendo $ZnSO_4$ + Borax (trat.º 2a e 2b, quadro 3).

No quadro 3 estão resumidos os protocolos das plantas dêste ensaio.

4 — RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 22 de junho de 1953 aplicaram-se os tratamentos mencionados para o primeiro ensaio e no quadro 2 estão resumidos os protocolos das plantas nessa data e em 3 de fevereiro de 1954, isto é, cêrca de sete meses e meio depois de tratadas.

(2) O adesivo empregado foi sempre o "Spreader-Sticker "DUPONT", na proporção de 4 gotas/litro.

Fig. 1 — Ramo de cafeeiro fortemente afetado pela deficiência de zinco (esquerda) em comparação com um ramo normal.

Fig. 2 — Ramo de cafeeiro com deficiência de zinco.

Quadro 2. — Protocolos do primeiro ensaio, na data do tratamento das plantas e cêrca de sete mêses depois.

TRATAMENTO	Plantas afetadas	
	22-6-53	3-2-54
	n.º	*n.º*
1 (S)	8	10
2 (Zn)	10	4
3 (B)	10	10
4 (Mn)	10	10
5 (Mn+Cu)	10	9
6 (Mn+Cu+Zn)	10	3
7 (Mn+Cu+Zn+B)	9	0
8 (Mn+Cu+Zn+B+Mo)	10	8
9 (cal+adesivo)	10	10
Testemunha	10	10

Por êsse quadro verifica-se que para os tratamentos que contiveram Zn houve uma acentuada diminuição da incidência de plantas com o distúrbio, ocorrendo mesmo, para o tratamento 7, o restabelecimento de 100% das plantas.

É estranho o fato de que no tratamento 8, que se diferencia do 7 apenas por encerrar molibdênio a mais, apenas duas plantas se apresentaram sãs. A julgar por êste resultado, o molibdênio deveria ter tido uma ação inibidora sôbre o zinco. Entretanto, isto está em desacôrdo com os reultados preliminares obtidos pelos autores (2), onde os cafeeiros reagiram muito bem à aplicação de uma solução idêntica à empregada no tratamento 8.

Nenhum outro elemento ou combinações de elementos estudados provocou qualquer reação por parte dos cafeeiros.

O tratamento 1 mostra que o anião SO_4^{--} não teve nenhuma influência sôbre as plantas.

Como vemos no Quadro 3, os dados do segundo ensaio confirmam plenamente os resultados obtidos no primeiro, com referência ao papel do zinco como controlador do distúrbio que vimos estudando.

Quadro 3. — Protocolos do segundo ensaio, na data do tratamento das plantas e cêrca de quatro e meio mêses depois.

TRATAMENTOS	Plantas afetadas	
	14-9-53	3-2-54
	n.º	*n.º*
1a (Zn)	4	1
1b (Zn+cal)	10	4
2a (Zn+B)	5	1
2b (Zn+B+cal)	10	3
Testemunha	15	15

A omissão da cal em nada prejudicou as plantas tratadas. É provável, portanto, que se possa omitir a cal na composição das soluções destinadas ao contrôle da deficiência de zinco no cafeeiro, o que virá facilitar os trabalhos de pulverização das plantas.

As plantas do segundo ensaio reagiram mais ràpidamente ao tratamento com zinco do que as do primeiro, o que provàvelmente pode ser atribuído à época — setembro — sobrevindo logo após, um período favorável à vegetação das plantas.

5 — CONCLUSÕES

a) A aspersão de soluções contendo 6 g/l de sulfato de zinco, curou plantas afetadas da deficiência daquele microelemento, na maioria dos casos. Mesmo as plantas que não recuperaram completamente com êsse tratamento, mostraram reação altamente positiva;

b) Será interessante a realização de novos ensaios visando: 1) verificar a inter-ação de diversos microelementos, especialmente Zn e Mo; 2) a administração do Zn ao solo; 3) verificar o efeito residual dos tratamentos.

ZINC DEFICIENCY IN COFFEE TREES

SUMMARY

Symptoms of zinc deficiency are rather common in coffee plantings in the state of São Paulo, being more prevalent in the "terra roxa" type of soil.

Coffee trees affected by zinc deficiency show one or more branches with short internodes, reduction in size of leaves and fruits formed on the affected branches, and chlorosis. The chlorotic symptoms may be slight or severe, very often acquiring the mottle-leaf pattern. Die-back may be present in severe cases.

One application of zinc sulfate at 6 g/l induced complete recovery of affected plants in most cases. Even when recovery was only partial, the response to treatment was very noticeable. Applications made in the end of September induced a quicker response from the plants than when made in June. In the concentration employed, it was found unnecessary to add lime to the zinc sulfate solution to prevent injury to the plants.

LITERATURA CITADA

1 — CAMP, A. F. Report on trip to Costa Rica in connection with nutritional problems of coffe and other crops. Págs. 1-16, mimeogr. June, 1952.

2 — FRANCO, C. M. & MENDES, H. C. Deficiência de microelementos em cafeeiro. Bol. Suptda Serv. Café, S. Paulo 28: 18-22. 1953.

3 — FRANCO, C. M. & MENDES, H. C. Deficiência de zinco em cafeeiro. 1.ª Reunião Regular da Seção de S. Paulo da Sociedade Botânica do Brasil. 1 pg. mimeografado. Novembro, 1953.

4 — GONZALEZ, C. A., CAMACHO, C. C. & GUEVARA Jr. P. Informe preliminar sobre el efecto de zinc en la corrección de ciertas formas de crecimiento anormal del cafeto. Minist. de Agric. e Industrias de Costa Rica, Bol. Tec. n.º 1, s/ data.

5 — HAMBIDGE, G., ed. Hunger signs in Crops, 327 pp. 1 Washington, D. C., 1944.

Luz que orienta
Ao cruzar os ceus, ou palmilhando as ruas, os paulistas voltam o olhar para a luz que brilha no alto do Edificio do Banco do Estado, buscando localizar o centro da paulicéia. Coroando o magestoso bloco de cimento armado, a luz do Banco do Estado simboliza muito mais que simples ponto de referência. Significa a solidez de um estabelecimento de crédito, que há dezenas de anos fomenta o desenvolvimento da Indústria e do Comércio. A excelência de sua perfeita organização bancária, a rapidez com que se atende os correntistas, fazem aumentar dia a dia, a preferência geral pelo Banco do Estado de São Paulo.
• Depósitos
• Empréstimos
• Descontos
• Câmbio
• Cobranças
• Transferências
• Títulos
• Cofres de Aluguel
Agências em cidades do interior
Correspondentes nos principais praças do exterior
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A.
CAPITAL REALIZADO:
Cr.$ 100.000.000,00
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Resumos e Transcrições

O Feijão Baiano

COSTA

De uns quatro ou cinco anos a esta parte, em várias regiões do Estado ganhou fama uma leguminosa, conhecida por feijão baiano. Muitos lavradores de café, ansiosos de encontrar uma leguminosa para plantio intercalar com o cafeeiro, passaram a cultivar essa planta, cujas primeiras sementes foram trazidas a São Paulo em pequena quantidade, para consumo como alimentos, por colônos baianos. Posteriormente, semeado nas ruas dos cafèzais, o feijão baiano demonstrou que ali se desenvolvia e produzia muito bem. Lavradores houve que mandaram seus colônos novamente à Bahia, buscar mais sementes, tais os resultados obtidos. Outros agricultores encomendaram, também sementes e, como sempre acontece com as novidades, muitos chegaram a pagar de Cr$ 800,00 a Cr$ 1.200,00 por saca, desde que os vendedores dessem garantias de que se tratava do verdadeiro "feijão baiano"... Hoje, essa leguminosa cujo cultivo nos cafèzais é aconselhado por muitos lavradores e agrônomos, está mais ou menos disseminada por todo o Estado.

O feijão baiano — botânicamente "vigna sinensis" ou "vigna unguiculata" — que os norte-americanos chamam de "cowpea", é conhecido também, no Interior, por feijão fradinho, e dêle há centenas de variedades. Originário da África, foi trazido pelos negros escravos, espalhando-se pela Bahia e por diversos Estados do Norte, sendo que, em algumas regiões dêstes, chega até a ser considerado nativo. A Companhia Agrícola Fazendas Paulistas, ou Fazenda dos Inglêses, como é mais conhecida essa grande propriedade agrícola, situada em Matão, há pouco tempo tomou posição a favor do feijão fradinho, especialmente de uma nova variedade norte-americana — a "Brabham" — que demonstrara ser ótima para cobertura das terras, resistente à sêca, produzindo enorme quantidade de matéria verde, e prestando-se tanto para a adubação verde como para a alimentação humana. Mas, já agora, parece que os técnicos da Fazenda dos Ingleses não se mostram tão otimistas com relação a essa variedade. E a razão é que o feijão fradinho, de qualquer tipo ou variedade, é muito suscetível aos ataques dos nematoides e de uma grave doença — o mildio. Assim, por exemplo, em Lins, um cafeicultor plantou o feijão baiano em suas lavouras e ficou muito satisfeito com os resultados obtidos no primeiro e segundo anos; no entanto, já no terceiro, o rendimento decaiu espetaculosamente em virtude do ataque do mildio e, no quarto, essa queda acentuou-se tanto que levou o agricultor a abandonar a referida leguminosa.

"O feijão fradinho ou baiano — diz um estudo da Comissão de Leguminosas da Secretaria da Agricultura — caracteriza-se por uma elevada produtividade. Suas sementes são de mais rápido cozimento do que os feijões comuns, tendo, porém, um sabor diferente, ao qual muitos não se adaptam. É muito resistente à sêca, sendo mesmo aconselhável o seu plantio em fevereiro. Aliás, sua cultura não se recomenda na época das águas porque, vegetando intensamente, cria um ambiente favorável ao desenvolvimento da antracnose, moléstia a que está sujeito. O cultivo ou plantio em fevereiro, no entanto, apresenta a desvantagem de expô-lo ao ataque de

outra doença — o mildio — a que é extremamente suscetível. O feijão fradinho ou baiano é, ainda, fortemente suscetível aos nematoides e acreditamos mesmo que muitos lavradores deixaram de interessar-se pela sua cultura em conseqüência do ataque de tais vermes".

Em resumo: na região de Campinas, mòrmente nas culturas do Instituto Agronômico de Campinas e na Fazenda Monte d'Este, bem como em Lins, na Noroeste e até em Ribeirão Prêto, o feijão baiano não provou bem. Já na Média Sorocabana, segundo informações do agronômo regional de Chavantes, o feijão baiano vai indo muito bem e cada vez é mais procurado pelos agricultores. É possível que se trate, neste último caso, de uma variedade ou linhagem resistente ao mildio, à antrocnose e aos nematoides — o que cumpre averiguar — pois constituiria a solução do problema. No momento, a respeito do feijão baiano, só se pode dizer que é uma leguminosa ainda em observação, que malogrou em certas regiões, e que é superada por outras, como adubo verde, forragem e alimento humano.

(Do "O Estado de S. Paulo", 16-10-54)

Reacende-se a paixão do café

SÍLVIO GALVÃO

A alta do café está estimulando seu plantio em proporções de verdadeiro "rush". Repete-se a história da cultura cafeeira com impressionante regularidade: o preço alto conduzindo à superprodução, está à ruina e à escassez, que por sua vez restabelecem os preços elevados. Não haverá meio de transmitir à cafeicultura rítmo menos dramático? Basta lembrar que, se não fôsse a última geada, essa lavoura seria hoje deficitária e ninguém estaria cogitando de novas plantações. O cafeicultor vive, assim, sacudido por uma sucessão contínua de graves preocupações que não lhe dão descanso. Há apenas um ano, temia êle os preços baixos. A seguir veio, para muitos, a desgraça climática. Ainda gemem as vítimas da catástrofe recentíssima, e já se difunde por tôda a parte um entusiasmo gerado na própria visão dos cafèzais mortos...

Se o cafeeiro fôsse planta anual, sempre haveria meios de amenizar a intensidade do drama, pelo aumento ou restrição espontâneos do plantio; cujos efeitos a curto prazo controlariam naturalmente a produção. Mas, ao contrário, quem alinha um novo cafèzal, compromete-se, por mais de uma geração, com um programa de vida que não pode ser cancelado. Conseguintemente, quem se dedica a essa lida não deve ser imediatista, porque, se tira proveito nas quadras felizes, não tem recuo na hora da adversidade.

Enquanto o preço do produto se eleva, o reajustamento do custeio acompanha de perto a curva ascendente do valor da produção. Mas, quando a baixa se declara, êsse reajustamento torna-se impossível. O braço, inconformado, prefere debandar para a indústria, porque não vê compensação em outras culturas, que não lhe proporcionam o elevado padrão de ganho a que o café o habituou. E o fazendeiro, desarvorado sente-se irremediàvelmente falido, ante a impossibilidade de mudar o destino de sua propriedade, estruturada em definitivo para uma atividade permanente.

A ruina do cafeicultor é muito seria. A recuperação, muitas vêzes, não se opera, ainda que amparada pelo crédito. A propriedade passa, então, a outras mãos.

Por tudo isso, é imperioso que o poder público cuide da cafeicultura de acôrdo com sua natureza longeva. Parece inoportuno pensar em têrmos de tragédia numa ocasião destas, em que domina os espíritos uma espécie de euforia. Em meio do entusiasmo reinante, a voz do bom-senso incômoda com a estridência de uma requinta desafinada. Não importa. Alguém precisa calcular friamente as consequências da imprudência nos movimentos coletivos. Essa é uma das funções do govêrno moderno.

Considere-se, por exemplo, que ùltimamente se tem plantado café a torto e a direito. A latitude e a altitude deixaram de condicionar a localização de cafèzais. Os ensinamentos de nossa experiência secular já não conseguem dirigir os plantadores. Cumpre que o IBC, enquanto é tempo, discrimine, oficialmente, para conhecimento de todos, as condições desejáveis do plantio. Feito isso, negue-se financiamento às novas culturas que, por ignorância ou malícia, forem planejadas fora dessas condições.

Para a teimosia dos que não querem aprender, ou para a solércia dos que teimam em especular, deve-se admitir como legítima a intervenção do poder público em defesa da economia geral. Cremos que não se faz necessário, no caso, proibir; mas é útil, eficiente e justo, negar o amparo oficial a iniciativas sujeitas a risco evidente e desnecessário.

Basta-nos a sobrecarga das lavouras antieconômicas existentes, que tanto dificultam nossa marcha para a frente. Propusemos, há dois anos, o financiamento técnico do algodão, como único meio de restaurar esta cultura em têrmos racionais. Já é tempo de se traçarem as normas preliminares para que êste tipo de financiamento seja também aplicado ao café, cuja cultura só em moldes técnicos pode ser recuperada com êxito.

(*Do "O Tempo"*)

Associação Comercial de Santos

Eleita a Diretoria para o biênio de 1955/56

Conforme fôra anunciado, realizou-se dia 15 último a Assembléia Geral Ordinária para eleição da Diretoria de 1955/56, da Associação Comercial de Santos. A Mesa foi presidida pelo sr. José Vieira Barretto, secretariado pelos srs. Lupércio Leal Nunes e Júlio Botti. Aprovados o relatório e o parecer da Comissão de Contas, referentes ao biênio de 1953/54, foi procedida a eleição, que acusou o seguinte resultado, inclusive quanto aos respectivos cargos, escolhidos pelos eleitos, conforme os Estatutos, em reunião efetuada logo após a Assembléia:

Presidente: Geraldo G. de Mello Peixoto;
1.º Vice-Presidente: Hercílio Camargo Barbosa;
2.º Vice-Presidente: Flávio de Almeida Prado;
1.º Secretário: Odayr Raposo Medeiros;
2.º Secretário: Alvaro de Freitas Guimarães;
Tesoureiro: J. Tarcisio Junqueira Loureiro;
Diretores: Antonio Carlos Conceição, Elias Salim Baddad, William Reiner e Carlos Wysling.

Os presidentes dos Departamentos dos Exportadores de Café, dos Comissários de Café, dos Armazens Gerais, dos Bancos, dos Importadores e de Navegação, respectivamente, srs. José de Toledo Arruda, Letácio Cruz Leite, Alvaro de Freitas Guimarães, Cândido Azeredo Filho, João Júlio Zorovich e Herbert Lisbôa Wright, já eleitos nas Assembléias restritas dos mesmos Departamentos, verificadas em 25 de outubro p. passado, integram igualmente a Diretoria da Associação, com seus componentes natos, por disposição estatutária. A Comissão de Contas (reeleita) ficou constituida pelos srs. Synésio Andrade Fernandes, Renato de Andrada Coelho e Augusto Reginato.

A posse dar-se-á no próximo dia 22, que coincide com o 84.º aniversário de fundação da Associação Comercial, realizando-se, nessa oportunidade, o tradicional almoço de confraternização, no restaurante do Clube da Bolsa, ao qual comparecerão os diretores da Diretoria eleita e da que termina o seu mandato, bem como os diretores, nas mesmas condições, dos Departamentos, vários convidados especiais e imprensa.

(*Do "Boletim da Assoc. Com. de Santos, n.º 344, dez. 1954*)

Questões de cafeicultura prática

LAURISTON POUSA BICUDO
(Engenheiro agrônomo)

Outra questão que surge no plantio ou replantio de café com mudas em laminados de pinho, é a de sua necessária proteção ao excessivo ressecamento do solo nos dias subsequentes o plantio definitivo. Existe, por assim dizer, uma fase nevrálgica, de quinze a trinta dias, durante a qual as mudas poderão sofrer, por ação do sol ou de ventos continuados, violento traumatismo no seu esfôrço de ambientação. O simples murchar de fôlhas pouco significa, mas quando as fôlhas chegam a "tostar" e mesmo cair, ainda que não se dê o perecimento de plantas, não há dúvida de que haverá grande atraso no desenvolvimento e formação dos cafeeiros. Teoricamente, admite-se que qualquer um dos fatores deletérios — a forte insolação, os ventos frios intensos ou o baixo grau de umidade do solo — poderá, de per si, isto é, de modo isolado, provocar os distúrbios vegetativos naquela fase de transição mencionada. Sem embargo, foi-nos dado verificar que, na prática, o fator realmente decisivo é o excessivo ressecamento do terreno ocasionado pelos veranicos ou dias de continuados ventos que frequentemente ocorrem após o plantio. Assim, a insolação e os ventos teriam efeitos preponderantemente indiretos.

Esta observação conduz-nos a dois resultados:

1.º) Dispondo-se de meios de irrigação, não haverá o problema da proteção das mudas: bastará, nos momentos azados, fornecer água às plantas.

2.º) No caso de não se dispor de irrigação — que é o mais generalizado — o objetivo deve ser proteger o solo, e não pròpriamente as plantas, no sentido de conservar sua natural umidade pelo maior espaço de tempo possível.

Ao cafeicultor interessa sempre saber, com relativa margem de segurança, de que modo conciliar a técnica e a prática. Em outras palavras, qual deve ser seu procedimento para que as mudas não sofram em seu pegamento, em seu comportamento inicial e desenvolvimento futuro, sem que para isso tenha que efetuar grandes despesas em numerário ou mão de obra, hoje tão escassos. E nosso intuito é exatamente êsse: dar-lhe uma orientação prática. Não fora assim, aconselhariamos, comodamente, que fizesse o que nossos avós faziam — uma "casinha protetora", de madeira, de taquara, de cana de milho, de capim ou do que quer que seja, para cada "cova" de café, visando a proteção a um só tempo da planta e do solo. Pois é êste o ideal teórico. Porém, em face da pobreza, em terras ou cafèzais antigos, de material para construir as "arapucas", não são muitos os que estarão dispostos a tal empreendimento... De outro lado, nada menos acertado do que fazer o mais caro, se supérfluo, quando há outras maneiras mais exequíveis e possìvelmente melhores para o cafeeiro.

No plantio de mudas em laminados de pinho, que vimos realizando, ensaiamos diversas maneiras práticas de proteção, nas diversas épocas de plantio. Nos limites de um simples artigo, não cabe, cremos, entrar em muitos pormenores, especialmente os

de ordem técnico-explicativa. Assim, assinalaremos, apenas, os dados que julgamos de maior interêsse prático.

a) *Escolha da época* — Para o plantio de café utilizando mudas em laminados de pinho, há duas épocas adequadas. A primeira, que chamaremos de "início" e "plenas chuvas", vai de outubro a janeiro, caracterizando-se por chuvas espaçadas que se alternam com veranicos mais ou menos prolongados, ventos em geral moderados e insolação intensa de até dez horas por dia. A segunda, "fim das águas", de fevereiro a abril, caracterizada por chuvas mais frequentes (em fevereiro e março), insolação regular para fraca, maior número de dias frescos e nublados (v.g. em março e abril) e provável incidência de ventos frios e continuados no fim desta época. Ambas estas épocas são adequadas, mas, sempre que possível, deve ser dada preferência à segunda, que apresenta condições climáticas mais favoráveis à adaptação das mudas, especialmente porque é bem mais raro aqui chegar-se ao ressecamento do solo — pelo menos até julho.

b) *Escolha dos dias de plantio* — Os melhores são os dias chuvosos ou os dias nublados subsequentes a uma boa chuva. Contudo, é possível plantar também em dias de fraca insolação e ventos moderados, desde que a terra esteja bem molhada. Os métodos de proteão são usados, exatamente porque não nos é permitido prever com razoável segurança quando virão novas chuvas ou quando sobreviverá um veranico, após o plantio.

c) *Ambientação prévia das mudas, no viveiro* — Esta ambientação prévia, se bem que muito parcial e problemática, não deixa de colaborar para o fim que se tem em vista. Pelo menos quinze dias antes do plantio, as mudas deverão passar a receber, gradativamente, mais sol, até, digamos, um máximo de 70%. De qualquer modo, os ventos frios devem ser evitados e a água não deverá faltar. Poder-se-á, por exemplo, abrir aos poucos a cobertura do ripado, si esta for removível; ou conduzir as mudas que serão plantadas para fora do ripado, ao longo de uma parede lateral do ripado que as abrigue dos ventos predominantes no local; ou, nos viveiros naturais, transportando as mudas ao longo dos caminhos abertos para acesso ao viveiro. Ao plantar, as mudas deverão estar bem molhadas.

d) *Preparo do local de plantio* — As covas devem ser abertas, adubadas, caldeando-se o adubo com a terra, com antecedência de pelo menos um mês. Também com boa antecedência, leva-se para as proximidades das covas o material escolhido para a proteção das mudas ou, se for o caso, as covas já estarão circundadas pela leguminosa em crescimento. A escolha dos modos de proteção será objeto dos itens seguintes.

e) *Proteção das mudas recém-plantadas* — Para tentar a elucidação do assunto, ensaiamos diversos modos de proteção, nas diferentes épocas: 1.º) sem proteção alguma; 2.º) proteção com a própria lâmina retirada ao plantar; 3.º) cobertura do solo na região dos "colos" das plantinhas, com capim samambaia, gordura, restos vegetais ou restos de leguminosas; 4.º) proteção com leguminosas vivas, para ceifa posterior; 5.º proteção completa das plantas, cova, por cova, nos moldes usuais — "arapucas", "casinhas", jacás emborcados, etc.

Do ponto de vista do comportamento inicial das mudas, nos primeiros trinta dias, após o plantio definitivo, obtivemos resultados plenamente satisfatórios com o emprêgo dos três últimos processos, com peque-

nas variantes conforme a época de plantio adotada. As desvantagens oferecidas pelos dois primeiros, por seu turno, excluem-nos de qualquer cogitação, pela irregularidade demonstrada. Funcionaram, - apenas, como "testemunhas".

Nos plantios de outubro, novembro e dezembro deve ser dada preferência à cobertura completa, que é o modo que oferece segurança por assim dizer absoluta. A partir de janeiro, é mais indicada a utilização de uma leguminosa de crescimento rápido, especialmente o *Crotolaria Juncea*, a qual será semeada logo no início das águas, objetivando circunscrever, na medida do possível, as covas, já então "locadas". Passado um mês do dia do plantio ou, se não, assim que as plantas dessa leguminosa iniciem a frutificação, promove-se sua celfa, deitando-se tôda massa verde sôbre o terreno da superfície das "ruas" do novo cafèzal, obtendo-se com isso boa massa orgânica para cobertura do solo que, dêsse modo atravessará a estação seca. É evidente que, para essa cultura intercalar, destinada à adubação verde, poderá ser escolhida outra leguminosa, v.g. o feijão de porco ou a soja. Para o desiderato de proteção pròpriamente dita das plantas, a melhor é a Crotolaria pela rapidez de desenvolvimento e altura que as plantas alcançam. As vantagens dêste procedimento são não sòmente de ordem prática, como também de ordem econômica e técnica. Trazer restos vegetais de fora ou construir casinhas protetoras são métodos evidentemente bons, porém mais dispendiosas. Além disso, o uso da Crotolaria tem também ação fertilizante do terreno, como o vimos.

De modo geral, êstes três procedimentos estudados são de resultados praticamente iguais — e o cafeicultor optará por ou por outro, de acôrdo com suas condições locais e a experiência que possua sôbre o assunto. Desejamos especialmente assinalar que nossos estudos nos levaram a acreditar que o importante é proteger o solo na região da "cova" e não pròpriamente a parte aérea das mudas de café. Evitando-se a incidência direta dos raios solares e dos ventos frios sôbre a superfície do terreno, consegue-se manter e conservar o grau de umidade do solo por espaço de tempo pelo menos três vêzes superior do que aconteceria se o solo estivesse desnudo. Esta é a conclusão realmente valiosa. Principalmente no plantio levado a efeito no fim das águas, que é a melhor época, mas após o qual sobreviverá longa estiagem, é absolutamente indispensável, manter o solo coberto.

Segue: "Plantio de mudas em laminados, com irrigação".

(*Da "Folha da Manhã"*, 11-12-54)

Mais CAFÉ com menos cafeeiros
MUDAS E SEMENTES DE CAFÉ
Mundo Novo - Caturra Vermelho e Amarelo - Bourbon Vermelho e Amarelo
Consultem
DIERBERGER AGRÍCOLA LTDA.
Fazenda Citra
Caixa Postal, 48 — LIMEIRA — Estado de S. Paulo
LISTAS DE PREÇOS, FOLHETOS E ORÇAMENTOS SERÃO REMETIDOS GRATUITAMENTE A QUEM OS SOLICITAR

Escritório do I. B. C. em Nova York

(De um observador cafeeiro)

Dados estatísticos recolhidos por "The New York Times" e divulgados pela imprensa desta Capital, nos revelam que a situação do consumo do café brasileiro no mercado norte-americano é simplesmente aterradora. Segundo aqueles dados, os fornecimentos do nosso produto, tomado por base o período de nove meses do ano, cairam de 55,8% em 1949, para 33,1%, em 1954, sôbre o total importado pelos Estados Unidos. Enquanto isso aconteceu, a Colômbia aumentou a sua participação de 22,5%, em 1949, para 31,1% em 1954, e as demais regiões exportadoras de 21,7%, em 1949, para 35,8%, em 1954.

Constata-se, pois, que o Brasil, que já deteve mais de três quartos da totalidade do café consumido nos Estados Unidos, baixou a sua participação para pouco mais da metade em 1949 e, em apenas cinco anos, caiu a menos de um terço. Por outro lado, os demais países produtores contribuiram, somados, nos nove primeiros meses dêste ano, com mais de dois terços do total importado ,tendo a Colômbia, cujas safras exportáveis anuais não vão muito além de um terço das nossas, contribuido, sòzinha, com volume pràticamente igual ao que conseguimos colocar no mercado norte-americano.

São êstes "demais países" que o nosso representante no Bureau Pan-Americano — e seu presidente — sr. Horacio Cintra Leite, ainda recentemente, em exposição que proferiu na sede da FARESP, nos dizia não serem "nossos concorrentes", mas "nossos aliados". Para um brasileiro, delegado de interêsses do seu govêrno, residente num país onde aqueles fatos se verificam, uma afirmativa desta ordem constitui, positivamente, um ato injustificável.

Pode-se reconhecer que o Bureau Pan-Americano não tem culpa nenhuma pelos desatinos que o nosso país vem praticando na política cafeeira, entre êles o que ficou sendo o "bode expiatório" de todos, isto é, a fixação do preço-mínimo em 87 cents. Sabemos perfeitamente, porque tomamos conhecimento, quase um a um dos seus relatórios, mesmo os confidenciais, das advertências que, em caráter pessoal ou oficial, tem enviado de Nova York o sr. Cintra Leite a propósito de incongruentes medidas adotadas aqui até recentemente, seja em setores meramente administrativos, seja afetando frontalmente os interêsses do nosso produto no campo internacional. Mas, de críticas e boas intenções o Brasil está repleto. O que apreciariamos no sr. Cintra Leite é que êle se despreendesse, de quando em quando, ao menos, da sua personalidade de presidente do Bureau, cargo político pela sua natureza, para vestir a roupagem menos vistosa de chefe do Escritório do I.B.C. em Nova York, cargo, neste momento, muito mais importante pelo que de sério e urgente tem a realizar e que é concomitantemente exercido também por êle.

Na qualidade, pois, de chefe do Escritório do I.B.C. é que nos devia ter falado e nos deve ainda falar o sr. Horacio Cintra Leite. Deve procurar explicar-nos — promovendo, se ainda não o fez, as necessárias pesquisas para isso — por que, à parte de medidas inoportunas, como as que foram postas em prática pelos diri-

gentes dos negócios do café no Brasil até agôsto último, o consumo do produto daqui procedente está caindo tão vertiginosa e alarmantemente. A proporção na queda mencionada acima; veja-se bem, não teve curso num só ano, que seria êste aziago ano de 1954. A nossa participação nos fornecimentos, sempre tomando-se o período de janeiro a setembro, de 55,8% em 1949, reduziu-se para 50% em 1950, elevou-se a 52,2% em 1951, tornou a cair para 49,1% em 1952, despencou para 40,6% em 1953 e, finalmente, encolheu-se na modesta percentagem de 33,1% em 1954. Observa-se que, já de 1952 para 1953, perdiamos, em favor de outros fornecedores, 8,5% do consumo norte-americano. Em período paralelo, com exceção de um espaço de tempo em que a Colômbia executava um paulatino reajustamento na sua taxa cambial, não enfrentamos forte concorrência de preços no mercado internacional.

A que atribuir, então, uma perda de mercado tão grande? A quantidade do nosso produto, reconhecidamente inferior em tipos e em bebida, ou a hábeis manobras comerciais de nossos competidores nos locais de consumo? Ou, ainda, ao desenvolvimento da produção de solúvel, para a qual os cafés africanos, de tipos baixos mas neutros em influência de paladar, são preferidos? A qualidade, sem dúvida, deve ser o fator preponderante. Estima-se, para uma safra normal do Brasil, que apenas um terço é representado por cafés suaves, estritamente moles ou apenas moles. Dois terços são formados por cafés duros ou de gosto rio, tipos rejeitados em escala cada vez maior para a quase totalidade dos "blends" que compõem as tradicionais marcas norte-americanas. Por outro lado, não pode ser desprezado o fator relacionado com a absorção do café africano para a fabricação do solúvel. Informa-se, agora, que sòmente as colônias inglesas situadas no continente negro aumentaram as suas vendas de 1.300% para os Estados Unidos nos sete primeiros meses dêste ano comparativamente a igual período do ano passado.

O sr. Cintra Leite não pode desconhecer êstes aspectos do problema cafeeiro. Aludiu, mesmo, a alguns dêles em sua exposição nesta Capital. Mas, não nos convence o fato de que o conhecimento dessa situação conduza à conclusão que nos informou possuir o presidente do Bureau Pan-Americano, isto é, de que seja uma vantagem para nós caminhar para a participação de um convênio internacional entre produtores, limitando áreas de plantio e de exportação, neste momento, em que a estabilização dos negócios nivelaria a nós por baixo e aos nossos competidores, òbviamente, por cima, tal como ocorreria à vista dos dados estatísticos a que nos referimos de início.

Aquela conclusão pode estar muito condizente com a atitude tática de um presidente apartidário de um órgão político. Porém, se para exercer a presidência do Bureau Pan-Americano é preciso ser apartidário a êsse ponto, torna-se-nos preferível abrir mão dêsse honroso cargo. Porque queremos e precisamos ser partidários. Precisamos ser partidários da defesa imediata do nosso café no seu principal mercado de consumo. E isto dentro dos princípios que tem êste jornal defendido, ou seja, através de medidas práticas que nos permitam comparecer perante os nossos clientes com um produto de melhor qualidade e, ao mesmo tempo, dentro das nossas limitações nesse terreno, desenvolver um programa de propaganda individual de marcas ou tipos ao nosso alcance de produzir, pro-

curando, por êsse meio ,tanto quanto nos seja possível, conquistar o paladar dos consumidores em favor da bebida que lhes desejamos fornecer.

Esta é, sem dúvida, a grande tarefa que se impõe, na sua parte mais importante, ao Escritório do I.B.C. em Nova York. Orientar-nos sôbre o que devemos nos esforçar por produzir. E oferecer para o consumidor o produto que tivermos para lhe vender. Isto nos é mais conveniente do que um convênio. Isto nos é absolutamente indispensável, é uma condição de sobrevivência como concorrentes no mercado de café.

Impressões de Boca Raton

O secretário da Agricultura, em entrevista que concedeu dia 15 último, coletivamente, à imprensa paulistana, referia as impressões que colhera da recente Convenção Cafeeira de Boca Raton, onde representara o Estado de São Paulo. Essa Convenção, disse o sr. Renato Costa Lima, ofereceu oportunidade para que os líderes do comércio de café e os representantes dos países produtores da América Latina discutissem amplamente problemas de interêsse mútuo, o que conduzirá, naturalmente, a entendimentos mais de acôrdo com as reais necessidades, tanto dos produtores como dos consumidores, cujo objetivo comum é ver os preços do café estabilizados em níveis remuneradores para os primeiros e que sejam considerados razoáveis pelos segundos. Salientou s. excia. a boa impressão causada aos convencionais pelo discurso em que o embaixador João Carlos Muniz encareceu as vantagens de ordem econômica e política que advêm para o Brasil e os Estados Unidos do fortalecimento do comércio cafeeiro entre êsses países, e acentuou que o Bureau Pan-Americano do Café vem concorrendo amplamente para a melhor compreensão dos problemas dos países produtores junto ao principal consumidor — os Estados Unidos. Observou que há necessidade de aumentar as verbas do Bureau, para propaganda do café, as quais são bem inferiores às de que dispõem os produtores e fabricantes de outras bebidas, especialmente o chá. Sôbre a questão da queda do consumo do café nos Estados Unidos, disse: "Todos os comerciantes norte-americanos de café com os quais conversei opinam que êsse fato decorreu mais de razões de ordem psicológica que do ônus financeiro imposto ao consumidor pela alta, que realmente é sem significação". E acrescentou: "Segundo pesquisas realizadas pelo Bureau Pan-Americano, a queda nas vendas de café no varejo atingia 12% em média. O consumo pròpriamente dito não diminuiu, na quantidade total de xícaras. É que se observa entre as donas de casa a preocupação de obter do café torrado uma quantidade maior de infusão. Daí ter piorado a qualidade da bebida, que se tornou "aguada". Adiantou também o secretário da Agricultura que se observa sensível aumento no uso de cafés solúveis, os quais hoje correspondem a 30 ou 35% do café consumido nos Estados Unidos.

(*Do "Boletim da Assoc. Com. de Santos. n.º* 344, *dez.* 1954)

Instrução N.° 112, da SUMOC

A 18 do corrente, a Superintendência da Moeda e do Crédito aprovou a Instrução n.° 112, divulgada no dia seguinte, e que a seguir reproduzimos: "A Superintendência da Moeda e do Crédito, na forma da deliberação do Conselho em sessão desta data resolve, de conformidade com os artigos 3.°, alínea "h" e 6.° do decreto-lei n.° 7.293, de 2-2-1945, e tendo em vista o disposto no art. 1.° da lei n.° 2.145, de 29-12-1953, baixar a seguinte instrução:

I — O sistema de bonificação fixa instituido pela Instrução n.° 109, de 11-11-1954, da Superintendência da Moeda e do Crédito, para as exportações de café, aplicar-se-á às demais exportações, passando a ser atribuidas as seguintes bonificações por dólar americano ou se equivalente em outras moedas:

1.ª categoria — para o café em grão:

— Em moedas conversíveis e em libras esterlinas, Cr$ 13,14.

— Em outras moedas, Cr$ 11,86.

2.ª categoria — para o algodão em pluma, pinho em tábuas serradas, cacau em amendoas, cêra de carnauba, castanha do Pará, fumo em fôlhas, bananas, minério de ferro, minério de manganês, tantalita, columbita, monasita e quartzo bieso elétrico:

— Em moedas conversíveis e em libras esterlinas, Cr$ 18,70.

— Em outras moedas, Cr$ 17,19.

3.ª categoria — piaçava, sementes de mamona ou rícino, massa de cacau e torta de cacau, soja em favas, couros e peles, agave ou sisal, scheelita, magnesita, mica, zircônio:

— Em moedas conversíveis e em libras esterlinas, Cr$ 24,70.

— Em outras moedas, Cr$ 22,95.

4.ª categoria — para os demais produtos de exportação:

— Em moedas conversíveis e em libras esterlinas, Cr$ 31,70.

— Em outras moedas, Cr$ 29,67.

II — A liquidação dos contratos de câmbio provenientes de mercadorias vendidas pela Comissão de Assuntos do Algodão e outros produtos, anteriormente à vigência da presente instrução, será processada de acôrdo com o regime que vigorava na data do fechamento das vendas pela citada comissão.

III — A presente instrução entrará em vigor na data de sua publicação no "Diário Oficial", aplicando-se às exportações cujos embarques se realizarem a partir de sua vigência.

IV — Permanece em vigor a instrução n.° 109, revogadas as instruções n.°s 99 e 104 desta Superintendência e as demais disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1955. Superintendência da Moeda do Crédito.

a) Otávio Gouvea de Bulhões, diretor-executivo".

(*Do "Boletim Semanal da Assoc. Com. de Santos, n.° 349*)

Importação sem cobertura cambial

Instrução n.° 113, da SUMOC

Em data de 20-1-1954, a SUMOC aprovou a Instrução n.° 113, assim redigida: "1) A Carteira de Comércio Exterior (CACEX) poderá emitir "licenças de importação sem cobertura cambial", que correspondam a investimentos estrangeiros no país para conjuntos de equipamentos ou, em casos excepcionais, para equipamentos destinados à complementação ou aperfeiçoamento dos conjuntos já existentes, quando o diretor da Carteira dispuser de suficientes elementos de convicção de que não será realizado pagamento em divisas correspondentes ao valor dessas importações.

2) O investidor apresentará prova de que efetivamente dispõe no exterior dos equipamentos a serem importados ou de recursos para seu pagamento. Essa prova será feita: a) Se os recursos ou equipamentos provierem de país com o qual o Brasil mantenha convênio de pagamentos, por declaração do banco ou órgão executor do convênio que mantenha autorização expressa da dispensa de pagamento de seu valor; b) Se os recursos ou equipamentos provierem de país de moedas de livre curso internacional, por declaração de banco idoneo, a juizo do Banco do Brasil S/A. Nessa hipótese, a prova poderá ser dispensada pela CACEX se a idoneidade e o vulto da emprêsa investidora tornarem óbvia a existência de tais recursos.

3) Antes da emissão das licenças, deverá ser apresentada declaração e compromisso do investidor e, se for o caso, da emprêsa nacional em que irá ser feito o investimento, de que: a) Os equipamentos licenciados serão incorporados ao ativo da emprêsa nacional ou da filial do investidor no Brasil, sem contrapartida no passivo exigivel; b) A emprêsa em que for realizado o investimento ou a filial não efetuará pagamento ao exterior correspondente ao valor dos equipamentos importados; c) Os equipamentos permanecerão ao ativo da emprêsa ou filial pelo prazo correspondente à sua utilização normal. A declaração de compromisso de que trata o presente item conterá o reconhecimento expresso de que a sua inobservância será considerada, para todos os efeitos, como infringente do disposto no artigo 11 da lei n.° 2.145, de 29-12-1953, ficando sujeito o infrator às sanções correspondentes e obrigando-se os interessados, nesse caso, a um pagamento dos ágios que seriam exigíveis, caso a importação não se tivesse realizado sem cobertura cambial.

4) A Carteira de Comércio Exterior ouvirá o Conselho da Superintendência da Moeda e do Crédito caso o conjunto de equipamentos se destine à produção de artigos classificados nas IV e V categorias de importação e que sejam notoriamente supérfluos para a economia do país.

5) A Carteira de Comércio Exterior (CACEX) poderá licenciar a favor de emprêsas brasileiras, a importação e conjuntos de equipamentos financiados no exterior, atendidas as seguintes condições: a) Os conjuntos de equipamentos devem destinar-se à produção de artigos classificados nas I, II e III categorias de importação. Nos demais casos a Carteira ouvirá o Conselho da Superintendência da Moeda e do Credito sôbre a essencialidade do produto, tendo em vista os critérios propostos pelo Conselho Nacional de Economia; b) Nenhuma prestação anual do pagamento será superior a 20% (vinte por cento) do valor do financiamento.

6) A Carteira de Câmbio poderá conceder aos beneficiários do financiamento, câmbio à taxa oficial para o reembolso a que se refere a letra "b"

supra, mediante o pagamento antecipado de uma sobretaxa que, até ulterior deliberação, é fixada em Cr$ 40,00 (quarenta cruzeiros), por dólar americano ou seu equivalente em outras moedas.

— o compromisso cambial por parte da Carteira dependerá de suas disponibilidades em divisas, devendo ser destacadas as importâncias que corresponderem às obrigações que forem assumidas;

— poderá, também, a Carteira de Câmbio, permitir que o pagamento se realize no todo ou em parte, pelo mercado de taxa livre.

7) Serão considerados primeiramente os investimentos cujos projetos já tenham sido submetidos à apreciação do govêrno.

8) Ficam revogados e tornados sem efeito a instrução n.º 81, de 22 de dezembro de 1953 e os Avisos desta Superintendência de 22 de dezembro de 1953, 6 e 15 de janeiro e 24 de julho de 1954, entrando a presente Instrução em vigor a partir da data de sua publicação no "Diário Oficial".

(*Do "Boletim Semanal da Assoc. Com. de Santos, n.º* 349)

Exportação de café pelos navios do Lloyd Brasileiro

O Superintendente Comercial do Lloyd Brasileiro oficiou, em novembro último, à presidência do Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro, encarecendo a necessidade de ser mantida persistente fiscalização a fim de que a sacaria do café exportado apresente limpeza, costuras reforçadas e peso de acôrdo com as ordens de embarque. Nesse sentido, declara o Lloyd que quer colaborar com o comércio cafeeiro exportador, evitando quanto possível as reclamações que têm surgido a respeito, e expondo as seguintes observações: "Em Paranaguá, nos embarques, tem-se verificado algumas sacarias cheias de barro, proveniente dos caminhões que transportam o produto para o cáis; os embarques de café nos portos nacionais são feitos sôbre cáis, com as respectivas plataformas sempre sujas, devido a mercadorias que por alí transitam, como cimento, asfalto, óleos, etc.; a costura dos sacos, com o seu repetido manuseio, vai se ressentindo, daí se originando derrame do conteúdo; apesar de controladas pelas partes interessadas, o Lloyd tem mandado pesar sacas de café, encontrando diferença de peso até 450 gramas, atribuido a "quebra normal por secagem", mas a diferença se torna bem grande no peso total de cada partida". Nas linhas de longo curso — prossegue a referida Superintendência, o Lloyd Brasileiro tem sempre defendido a economia nacional, impedindo a alta dos fretes, quando buscam atingir nossos principais produtos de exportação e, na cabotagem, tem proporcionado linhas a todos os portos naconais, mesmo aos considerados deficitários. Concorre o Lloyd para o intercâmbio comercial do país com o exterior, e aumenta as nossas divisas através dos fretes. Implicitamente ligado às principais fontes da produção brasileira exportável, tem êle real interêsse em carregar o máximo possível de café além das nossas fronteiras. Os navios do Lloyd tipo "Nações" contém todos os dispositivos técnicos baseados no coeficiente de estiva, para condução do café. São navios modernos, velozes e estão aparelhados do sistema "cargo-caire", que conserva a carga a sua temperatura normal; por todos êsses motivos, conclui o referido ofício ao Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro — espera o Lloyd Brasileiro obter dos nossos exportadores de café a melhor colaboração.

(*Do "Boletim da Assoc. Com. de Santos, n.º* 344, *dez.* 1954)

SAFRA DE 1954/1955

Exportação de café pelo pôrto de Santos

EXPORTADORES

	Novembro	*Desde 1.º de Julho*
Anderson, Clayton & Cia. Ltda.	73.641	178.254
H. La Domus Com. e Exportadora S/A	60.224	143.238
American Coffee Corporation	52.900	125.400
Mellão, Nogueira Com. Exportadores S/A	32.034	117.866
Hard, Rand & Co.	31.010	106.086
Souza Dantas Forbes & Cia. Ltda.	30.860	94.513
Leon Israel Agrícola e Exportadora S/A	25.250	86.828
S/A Comercial E. Johnston	32.213	86.769
Casa Exportadora Naumann Gepp S/A	27.259	83.725
Malzoni & Cia. Ltda.	35.757	79.100
Cia. Prado Chaves Exportadora	11.054	67.030
Cia. Theodor Wille Com. Ind. e Rep.	20.315	66.822
Silveira, Freire & Cia. Ltda.	20.325	65.347
Ribeiro, Carvalho & Cia. Ltda.	20.297	53.336
Vidigal Prado Com. e Exportadora S/A	15.723	53.120
Cia. Leme Ferreira Com. e Exportadora	28.563	51.271
Pinho, Guimarães S/A — Com. e Exportadora	21.563	48.420
Comissária Exportadora Guarujá Ltda.	39.460	45.960
Lima, Nogueira S/A — Com. e Exportadora	19.386	44.811
Standard Brands of Brazil Inc.	21.250	41.653
S/A Levy Com. e Exportadora de Café	22.356	41.021
Éste Asiático — Com. e Navegação Ltda.	3.650	30.039
Comissários e Exportadores Barros S/A	8.150	28.786
Almeida Prado S/A — Com. e Exportadora	3.903	28.039
Caio Guimarães & Cia.	12.500	22.800
Alberto Ferreira dos Santos & Cia. Ltda.	11.250	17.350
Cia. Paulista de Exportação	6.750	15.192
Francisco Botti — Com. e Exp. de Café S/A	3.902	14.570
F. B. Ratto & Cia. Ltda.	12.550	14.550
Cia. Comercial Paulista de Café	7.214	12.940
Cia. Nunes Medina Com. e Exportadora	7.000	11.750
Gabriel de Paula S/A — Com. e Exportadora	2.300	11.007
Exportadora — Comissária Barros, Camargo S/A	4.451	9.835
Millon, Barrionuevo S/A — Com. e Exportadora	2.703	9.718
Exportadora Café Brasil Ltda.	4.434	9.073
Com. e Representações Menter Ltda.	9.000	9.000
Cia. Brasileira de Café	3.843	8.824
Rosato S/A — Com. e Exportadora	2.145	8.388
Cafeeira Paulista Ltda.	—	8.000
José Lamacchia & Cia. Ltda.	2.750	7.250
Leite Barreiros S/A — Com. e Exportadora	2.225	7.234

Vicente Felicio & Cia.	3.041	7.086
Ferreira da Silva & Cia.	1.000	7.050
E. C. Corazza & Cia. Ltda.	6.500	6.500
Sociedade Nacional Exportadora S/A	1.725	6.375
Nioac & Cia. Ltda.	1.981	6.120
Irmãos Pereira S/A — Com. e Exportadora	2.283	6.092
Sampaio Bueno S/A — Com. e Exportadores	500	5.989
S. Caetano & Cia.	458	5.400
Volkart Irmãos Ltda.	4.900	4.900
G. Lunardelli S/A — Agricultura Com. Exp.	953	4.594
Luiz Ferreira S/A — Com. e Exportadores	1.457	4.516
Hermann Gaih & Cia.	1.213	3.777
Synval Mello & Cia. Ltda.	—	3.722
Jahú Comissária e Comercial S/A	300	3.352
Sonac — Soc. Nacional de Rep. Ltda.	2.750	3.000
Kannebley, Assumpção Com. Exportadores S/A	438	2.842
Toledo Arruda Com. e Exportadora S/A	700	2.795
Barros, Leite Com. Exportadores S/A	2.580	2.580
Cia. Santa Fé de Comércio e Exportação	—	2.500
Comissária e Exportadora Indussa Ltda.	2.500	2.500
Café Alvorada S/A	2.000	2.250
Usropa S/A — Exp. Imp. Representações	—	2.195
Sociedade Santista Exportadora Ltda.	500	1.850
Cia. Financiadora Com. e Exportação	1.850	1.850
Jansen Ferreira & Cia. Ltda.	1.500	1.500
Sociedade Rio Preto de Café Ltda.	500	1.372
Junqueira, Salles & Cia. Ltda.	—	1.038
Cia. Santa Cruz de Café	750	950
Sociedade Mogyana Exportadora Ltda.	725	875
Moura Andrade S/A — Com. e Agricola	—	279
Comercial Antonio Perez S/A	—	250
J. M. Hafers & Cia. Ltda.	189	189
Rinzaburo Imano	—	125
Total	815.453	2.071.328

DESTINOS

	Novembro	*Desde 1.º de Julho*
Estados Unidos	640.974	1.374.719
Suécia	61.993	191.239
Alemanha	26.713	145.500
Dinamarca	11.805	99.450
Noruega	14.575	55.500
Canadá	17.450	41.960
Itália	10.380	37.186
Argentina	1.419	32.895
França	9.591	28.947

Holanda	2.500	19.470
Bélgica	6.355	15.318
Checoslováquia	3.247	5.519
Japão	1.476	4.456
Trieste	2.095	4.448
Rumania	—	4.026
Inglaterra	3.000	3.000
Iugoslávia	—	1.666
Espanha	—	1.623
Finlândia	875	1.375
Filipinas	250	1.200
União Sul Africana	375	475
Uruguai	—	400
Áustria	—	350
Chile	—	226
Marrocos Francês	225	225
Grécia	125	125
Tanger	30	30
Total	815.453	2.071.328

(*Do Boletim da Associação Comercial de Santos*)

Recenseamento dos estoques de cafés em ANTUÉRPIA:
(em sacas de 60 quilos)

	31/12/52	31/12/52	31/12/54
I. Santos	25.361	23.753	10.172
outros brasileiros	25.079	23.457	14.228
II. Congo Robusta	27.199	16.311	24.978
outros Robusta	14.720	15.695	12.482
III. Haitis	17.333	9.400	17.908
IV. outros diversos	32.436	36.599	23.042
TOTAL	142.128	125.215	102.810

ARROZ E LEGUMINOSAS

Temos sementes selecionadas das melhores variedades de

ARROZ E LEGUMINOSAS

Consulte-nos sem compromisso

DIERBERGER-Agro-Comercial Ltda.

RUA LÍBERO BADARÓ, 499 — AV. ANHANGABAÚ, 392/394

TEL.: 36-5471 — CAIXA POSTAL, 458 — SÃO PAULO

O café visto nos Estados Unidos

N.º 905 CARTA SEMANAL 5 de Novembro de 1954
(Do Bureau Pan-Americano do Café)

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos Gerais: Segundo o Professor Sumner Slichter, da Universidade de Harvard, um dos mais astutos observadores da economia norte-americana, já começou nos Estados Unidos uma nova era de expansão econômica, tese que se baseia tanto no aumento das despesas deficitárias federais e no aumento das despesas dos govêrnos estaduais e municipais, como no aumento das despesas relacionadas com as construções e na terminação dos esforços para a redução dos estoques industriais e comerciais. O Professor Slichter acha que a esperada diminuição nos gastos dos equipamentos industriais serão equilibrados pela terminação da liquidação dos estoques, e que a maior parte dos rendimentos individuais será dispendida, nos próximos mêses, em compra de mercadorias, sendo êsse dispêndio estimulado tanto pela redução dos preços como pela maior eficiência da produção. Se a recuperação econômica diminuir no ano seguinte, o Professor Slichter pensa que os impostos deverão ser ainda mais reduzidos, com o fim de se estimular a expansão dos negócios.

Indústria do Aço: A produção do aço será esta semana a maior observada durante o ano, utilizando-se 75.7% da capacidade das indústrias siderúrgicas do país. Intensifica-se o aumento das encomendas, aumento que já se vem notando há dois mêses, tanto das fábricas de automóveis como de outras indústrias, o que dá aos manufatureiros motivo para otimismo em relação ao trimestre presente e o primeiro do ano que se aproxima.

Indústria Automobilística: A produção dos modelos de 1955 se acha agora no seu auge, e no fim dêste mês os novos carros já estarão no mercado do país. É pequeno o número dos carros de 1954 ainda no mercado, devido à redução da produção dos últimos mêses. A produção de Novembro é estimada em 509.000 carros — a maior até hoje esperada em tal mês. Até o fim do ano serão fabricados, segundo se espera, para mais de 1.250.000 carros de 1955.

Créditos aos Consumidores: Os créditos de compras em prestações tiveram um acréscimo de $30.000.000 em Setembro, em relação a Agôsto, chegando ao total de $21.300.000.000, aumento êsse que se vem observando seguidamente nos últimos seis mêses. As estatísticas indicam a procura de artigos duráveis, como carros, geladeiras e outros aparêlhos. Embora o aumento de Setembro seja pequeno, em comparação com o aumento de Setembro do ano passado, que foi de $129.000.000, a continuação do aumento é considerada como uma boa indicação de que o público considera com otimismo o futuro econômico imediato.

Mercado dos Valores: Prevaleceu na semana passada, na Bôlsa, uma atmosfera de cautela, por motivo das eleições que se aproximavam. Na segunda-

feira, véspera das eleições, embora o volume de ações negociadas tenha baixado para 1.800.000, os preços registraram um aumento, em virtude os excelentes relatórios relativos aos dividendos do terceiro trimestre do ano. Os investidores se mostraram retraídos, à espera dos acontecimentos, mas os analistas acham que, quando os investidores colocarem novamente no mercado, os preços das ações subirão também. Na quarta-feira, depois das eleições, em que os Republicanos se saíram melhor do que se esperava, o aumento em média dos preços das ações foi de 5.69 pontos, acrescentando-se mais de $3.000.000.000 ao valor das ações. Foi êsse o maior aumento registrado, depois das eleições, desde o ano de 1911.

Preços dos Produtos Agrícolas: Entre os meados de Setembro e os meados de Outubro, os preços dos produtos da lavoura baixaram de 1.6%, sendo êsse o segundo mês de baixa consecutiva (produção agrícola e pecuária). A baixa se deve principalmente a um declínio, nesta temporada, dos preços dos porcos e das frutas cítricas. No mesmo período, os preços médios das mercadorias e dos serviços pelos quais os lavradores e criadores pagaram baixaram de 0.3%. Houve em declínio de 1.0% no poder aquisitivo geral no setor da economia agrícola e pecuária.

Sumário: O Professor Slichter, como o Dr. Burns da administração Eisenhower, vê boas perspectivas de expansão da economia dos Estados Unidos. Entrementes, os créditos dos consumidores aumentaram ligeiramente, a produção de automóveis e de aço aumentou, e os preços das ações aumentaram em consequência dos excelentes dividendos anunciados, mas os preços dos produtos rurais baixaram um pouco.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos Gerais: No transcurso desta semana, os preços de Dezembro, de Março e de Maio, no mercado a têrmo, continuaram a subir, registrando ganhos de 15 a 140 pontos, mas os de Julho e de Setembro baixaram de 90 a 190 pontos. Êsse aumento nas posições próximas se observou principalmente em Março, mas se manifestou também em Dezembro e Maio. Um grande desconto das posições distantes se reflete na margem de quase 16 cents entre Dezembro e Setembro. Essa nova firmeza se atribui ao anúncio de que o Brasil está determinado a manter sua política do café e o valor atual do Cruzeiro, bem como às recentes discussões havidas no Rio de Janeiro a propósito da realização de um Acôrdo Internacional do Café, que sirva os interêsses tanto dos consumidores como dos produtores, ao aumento do consumo de café desta temporada, e à possibilidade de uma greve dos estivadores nos meados de Novembro. A Bôlsa não se abriu na têrça-feira, dia das eleições.

Mercado a Têrmo: Na sexta-feira passada, o mercado esteve muito incerto, com aumentos de 100 pontos nos preços pela manhã e com perdas de 200 durante o dia, fechando finalmente com declínios de 70 a 143 pontos, num total de 425 lotes negociados. Acredita-se que o declínio se deve às liquidações de fim-de-semana e às vendas de contratos para cobertura de novas compras

de cafés físicos. Na segunda-feira, os preços variaram entre limites de 100 a 150 pontos, e ao fechamento do mercado estavam muito irregulares, entre 50 pontos mais acima e 88 pontos mais abaixo, num volume de 258 lotes negociados. Na têrça-feira o mercado esteve cerrado. Na quarta-feira, registrou-se um aumento de 70 a 170 pontos, exceto quanto à posição de Setembro, que teve uma baixa de 12 pontos. Negociaram-se 292 lotes. Ontem, o mercado teve aumentos de 5 a 50 pontos, num volume de 357 lotes.

Mercado de Físicos: No fim da semana passada a grande procura de físicos declinou, mas os preços se mantiveram na mesma. Durante esta semana, a procura de cafés físicos foi bastante intensa, atribuindo-se o fato à possibilidade de uma nova greve dos estivadores, o que levou os torradores a fazerem compras adicionais, de precaução. O declínio dos estoques nos armazéns e a firmeza das ofertas dos cafés brasileiros são considerados outros fatores que contribuiram para o aumento da procura no mercado. Ontem, os cafes Santos 4 estavam cotados de 71 a 72 cents e os colombianos a 77 cents.

Outras Notícias: As atividades dos torradores durante a semana que terminou em 22 de Outubro foram de 86% em relação à semana correspondente do ano passado. As atividades correspondentes às semanas que terminaram em 15 e 8 de Outubro foram de 89.9 e 84.8% em relação às mesmas semanas de 1953.

O total das importações de café, no mundo inteiro, de Janeiro a Agosto de 1954, foi de 21.384.510 sacas, o que corresponde a uma diminuição de cêrca de 1% do total relativo ao mesmo período do ano passado, que foi de 21.617.844 sacas. Todavia, de acôrdo com fontes particulares de informação, calcula-se que o total das importações mundiais de café no referido período de Janeiro a Agôsto inclusive, será de 9% aproximadamente menos do que o total do mesmo período do ano passado.

Última Hora: O mercado abriu esta manhã com os preços entre inalteráveis e 145 pontos mais abaixo dos preços ao fechamento de ontem. Foi de 4.236 o número de lotes dependendo de entrega, ao passo que o da sexta-feira passada foi de 4.317.

N.º 905 **5 de Novembro de 1954**

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Dados Semanais Destinos Principais:			
	Semanas terminadas em:	EE.UU.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL(*)	30/10/1954	73.000	71.000	23.000	167.000
	23/10/1954	71.000	145.000	31.000	247.000
	31/10/1953	338.000	99.000	22.000	459.000
COLÔMBIA(")	30/10/1954	75.903	—	5.507	83.342
	23/10/1954	16.957	966	1.117	19.040
	31/10/1953	107.468	11.828	3.967	123.263

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos:	30/10/54	23/10/54	31/10/53
BRASIL(*)	Santos	2.698.000	2.668.000	2.196.000
	Rio	603.000	608.000	511.000
	Vitória	122.000	116.000	127.000
	Paranaguá	812.000(a)	798.000(b)	1.141.000(c)
	Pernambuco	6.000	5.000	17.000
	Bahia	15.000	19.000	12.000
	Angra dos Reis	39.000	39.000	17.000
	TOTAL:	4.295.000	4.253.000	4.021.000
COLÔMBIA(")	Barranquilla	57.686	68.238	72.476
	Cartagena	18.501	17.063	48.091
	Buenaventura	96.911	81.932	83.917
	Cúcuta	78.657	77.360	105.219
	TOTAL:	251.755	244.593	309.703

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK(*)

	Países de origem (Sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
30/10/1954	73.695	307.073	70.212	450.980
23/10/1054	76.929	324.558	75.900	477.387
31/10/1953	85.386	163.304	57.138	305.828

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia.
(a) 553.000 livres e 259.000 retidos.
(b) 512.000 livres e 286.000 retidos.
(c) 688.000 livres e 453.000 retidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

MÉXICO

Café: Principal Produto de Exportação: Nos primeiros cinco mêses dêste ano, o México vendeu café no valor de $40.256.000 e êsse produto passou a ocupar o primeiro lugar entre os produtos de exportação do país, lugar que era ocupado pelo algodão. Na Terceira Convenção da União Nacional de Cafèicultores, realizada recentemente na capital mexicana, foram adotadas várias resoluções, entre as quais as seguintes: 1) solicitar do Departamento de Economia Nacional a exportação livre de 1.000.000 de sacas de café, entre Outubro de 1954 e Março de 1955, reservando-se 50.000 sacas para as necessidades locais. Esta medida faria subirem as exportações mexicanas de café no ano próximo para 1.400.000 sacas; 2) solicitar do mesmo Departamento a importação de fertilizantes, para as plantações de café, livremente e sem restrições; 3) solicitar ao Departamento de Agricultura que envie instruções aos seus representantes nos diversos Estados, no sentido de serem feitos os trabalhos de poda e de limpeza dos terrenos florestais sem o pagamento dos atuais impostos estaduais; 4) intensificar os métodos de cultivo e lograr o melhoramento das colheitas; 5) organizar-se uma comissão especial que estude

os múltiplos problemas fiscais e financeiros que se apresentam atualmente aos cafèicultores; 6) fortalecimento do mercado interno, mediante uma campanha educativa destinada a aumentar o consumo de café puro. (Tea & Coffee — Outubro de 1954).

ESTADOS UNIDOS

Compras do Exército: Incluindo-se o café que será comprado esta semana, as Fôrças Armadas dos Estados Unidos compraram 334.594 sacas de café verde para entrega em 1954, ao passo que no ano de 1953 compraram 544.624 sacas. Em 1953, achavam-se 3.555.067 servindo nas fileiras; em 1954, 3.299.446. (G. G. Paton & Co. — Outubro de 1954).

O Café Não Causa Úlceras: Um médico de Oklahoma declarou há pouco tempo que os coquetéis, o café e os cigarros são as principais causas das úlceras recentemente entre as mulheres, em consequência da invasão feminina cada vez maior no campo dos negócios. Essa sugestão de que as úlceras podem ser causadas pelo aumento do ácido clorídrico, provado pelo abuso do café, foi feita já anteriormente, mas até hoje nenhuma prova foi apresentada. Os professores Glenville Giddings, Winfrey Wynn e John Haldi têm feito experiências com gatos, aos quais injetam doses de cafèina. Num período de 21 dias, aplicam a 26 gatos quantidades de cafèina proporcionais ao pêso dos animais, sem que os mesmos apresentassem úlceras no estômago. Os mencionados professores chegaram à conclusão de que não existe atualmente base alguma para se acreditar que o consumo de bebidas que contêm cafèina seja a causa do aparecimento das úlceras nos sêres humanos. (Tea & Coffee — Outubro de 1954).

Cafés Solúveis: Sem deixar margem para dúvidas, os recentes altos preços do café têm sido efeitos estimulantes nas vendas dos cafés solúveis. Entre as firmas fabricantes do produto, a Maxwell House se colocou na dianteira, graças à sua agressiva campanha através da imprensa, do rádio e da televisão. Anuncia que seu produto não se compõe de pó de café, ou de café moído, mas de milhões de minúsculos cristais de café puro. (Food Field Reporter — 1 de Novembro de 1954).

N.º 906 CARTA MENSAL 12 de Novembro de 1954

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos Gerais: Nos círculos comerciais norte-americanos predomina atualmente uma impressão de otimismo em relação ao futuro imediato. Segundo investigações não oficiais, em sua maioria os negociantes esperam que o assunto das vendas continue até o primeiro trimestre de 1955. Aumentos substanciais observados na produção de automóveis, do aço e de outros produtos básicos constituem uma boa indicação de que aumentará também o número de pessoas empregadas na indústria. O aspecto geral da economia é animador, embora o acréscimo da produção em muitos setores se deva apenas à temporada. O consumo ainda excede à produção, o que quer dizer que está em processo ainda

a redução de estoques, com margem, portanto, para grande renovação dos estoques e de alto nível de compras dos consumidores.

Política do Comércio Exterior: Com os resultados das recentes eleições nacionais, nos Estados Unidos, há mais probabilidade agora de que se leve a efeito um programa mais liberal do comércio com o estrangeiro. Os Democráticos, que organizarão o Congresso em Janeiro, são proponentes tradicionais das tarifas baixas e os seus líderes no Congresso já se manifestaram a favor da renovação, por mais longo período, dos Acôrdos Comerciais Recíprocos e do aumento da autoridade presidencial no sentido de poder o Executivo baixar as tarifas comerciais.

Banco de Importação e Exportação: O Presidente Eisenhower autorizou o Banco de Importação e Exportação a ampliar as suas operações de empréstimo, o que poderá duplicar essas operações até o fim de 1956. Os empréstimos feitos pelo Banco ascendem agora à média de $1.000.000.000 anualmente. Com a nova permissão, o Banco poderá emprestar às firmas exportadoras até $10.000.000 sôbre as vendas a prazo feitas no estrangeiro, uma vez que os compradores no exterior tenham feito um pagamento de entrada de 20% sôbre as compras e uma vez que os empréstimos concedidos pelo Banco não excedam % do total das vendas das firmas exportadoras. Dois empréstimos, de $10.000.000 e de $4.000.000, respectivamente, já foram concedidos pelo Banco de acôrdo com o novo programa, para financiamento de duas firmas, uma de equipamento agrícola, outra de geradores de vapor para eletricidade.

Rendas Individuais: O total das rendas individuais — incluindo, salários, ordenados, juros, alugueis e dividendos — aumentou, em Setembro, a uma média anual de $287.500.000.000, o que representa um aumento de $2.000.000.000 em relação ao total do mês de Agôsto e chega quase à média anual observada em Setembro do ano passado. A média total para os nove mêses dêste ano se equipara à média do mesmo período do ano passado — o que é um fato extraordinário, diante do declínio do número de pessoas empregadas e do volume da produção.

Vendas a Varejo: Em Setembro, o total das vendas a varejo subiu a $14.000.000.000, ou seja, 1% acima do nível de Setembro de 1953. O aumento se verificou em todos os ramos do comércio, com exceção do de comestíveis, o qual registrou um pequeno declínio. O aumento das compras dos consumidores é um fator importante no momento, uma vez que as firmas comerciais, em sua maioria, têm que se basear na proporção do consumo atual para fazer seus planos para o futuro.

Mão de Obra: O aumento de empregos observado na indústria de automóveis constituiu um fato extemporâneo nos meados de Outubro. Geralmente, entre Setembro e Outubro, há um declínio de 50.000 no número de pessoas ocupadas, mas êste ano, ao contrário, foi registrado um aumento de 17.000. O Secretário do Trabalho declara que tudo indica que no último trimestre do ano será alto o índice da mão de obra, bem como o dos negócios. Os operários tiveram uma média de 39.9 horas por semana, quando a média de Setembro

foi de 39.7 horas semanais. Os salários se mantiveram no nível de Setembro: $1.81 cents por hora.

Mercado de Valores: No fim da semana passada, a Bôlsa fechou com preços mais baixos, depois de dois dias de espetaculares aumentos em consequência das eleições, em que se registraram os preços mais altos nos últimos 25 anos. Na quinta-feira, foram negociadas 3 milhões de ações, e esta semana aquêle número continua a ser excedido. Os preços continuam a aumentar também, apesar das vendas para realização de lucros.

Sumário: Os comerciantes se acham otimistas com as possibilidades de negócios imediatos. Com o novo Congresso, dominado pelos Democráticos, espera-se que se torne mais liberal a política externa comercial dos Estados Unidos. O Banco de Importação e Exportação pode agora aumentar seus créditos às firmas exportadoras. A receita individual e as vendas a varejo aumentaram em Setembro, e o número de operários empregados em Outubro também foi maior. Os preços das ações no Mercado de Valores têm aumentado, com transações diárias de mais de 3 milhões de ações.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos Gerais: Apesar do declínio observado nos preços dos cafés no mercado a têrmo, entre o fechamento de quinta-feira da semana passada e o fechamento desta quarta-feira, de 50 a 215 pontos, o mercado se manteve fundamentalmente firme. As posições mais próximas continuam a despertar mais interêsse, permanecendo o diferencial entre as posições de Dezembro e Setembro ainda entre 1600 e 1700 pontos. Os fatores que estão afetando no momento o mercado são a possibilidade de uma greve nas docas e as informações adversas quanto às condições do clima na Venezuela e da Colômbia, que estão causando atraso na preparação da nova safra para o mercado. Um observador de Londres, estudando a situação do mercado mundial, chamou a atenção para o fato de que, nos últimos mêses, as importações norte-americanas de café tem sido de 650 a 850 mil sacas, ao passo que o consumo mensal tem sido de 1.500.000 sacas, o que indica um declínio mensal nos estoques, de cêrca de 600.000 sacas. No fim de Setembro, os estoques existentes nos Estados Unidos se calculavam em 3.300.000 sacas, ao passo que a média observada nos últimos anos tem sido de 3.500.000 sacas, de modo que, nessas condições, os estoques terão que ser renovados com importações de cêrca de 2.000.000 de sacas por mês. "Isso, por si só", declara o observador de Londres", fará com que o mercado se apresente sob um aspecto inteiramente diferente daquele que tem tido, ùltimamente". "Na Europa", diz mais o observador, "o mercado de físicos se acha extremamente firme, desde que os estoques relativamente grandes nos armazéns dos portos se reduziram consideravelmente e não há muito café disponível. Assim sendo, se o Brasil abandonar a sua política atual apôio ao café e desvalorizar ainda mais o cruzeiro, isso provàvelmente redundaria num desastre para todo o mercado do café, sem que, entretanto, fôsse vantajoso para o Brasil".

Mercado a Têrmo: O mercado fechou na sexta-feira passada com uma baixa de 45 a 145 pontos, num volume de 243 lotes negociados. O declínio

continuou na segunda-feira, descendo os preços de 65 a 138 pontos, em consequência das liquidações, sendo negociados apenas 106 lotes. Na têrça-feira, os preços chegaram a subir 145 pontos, mas, ao fechamento, com as cancelações de posições para realização de lucros, os ganhos se reduziram de 3 a 50 pontos. Foram negociados 235 lotes, especialmente os das posições mais próximas. Na quarta-feira, o mercado fechou com 10 pontos acima e 15 pontos abaixo, revelando-se incerto durante o dia. As posições mais próximas continuaram a atrair as atenções, tendo sido negociados 295 lotes. Ontem, quinta-feira, o mercado esteve fechado.

Mercado de Físicos: Diminuiu perceptivelmente a procura de cafés físicos na sexta-feira, mas as compras se intensificaram na têrça-feira, estimuladas pela procura usual dessa temporada, para o estabelecimento de estoques, bem como pela possibilidade de uma greve nas docas no fim do mês corrente e pelas chuvas fora de tempo na Venezuela e na Colômbia. Os preços se mantiveram firmes e inalteráveis desde a semana passada, os Santos 4 com 72 ½ cents e os colombianos com 77 ½ cents.

Última Hora: O mercado abriu esta manhã com um aumento de 40 a 80 pontos em relação ao fechamento da quarta-feira. O número de lotes dependendo de entrega foi de 4248, esta manhã: o da sexta-feira passada, pela manhã, foi de 4236. Segundo telegrama recebido esta manhã do Rio de Janeiro, o bônus para o dólar de café será doravante de Cr$ 13.4. Assim, parece que o valor do dólar do café será fixado em Cr$ 31.50. Seguindo-se a desvalorização de 14 de Agôsto, o dólar do café tinha um valor flutuante, determinado da seguinte maneira: Cr$ 18.36 (câmbio oficial) mais Cr$ 4.00 de bônus, mais 20% do câmbio do mercado livre por dólar, anunciado cada semana pelo Banco do Brasil.

N.º 906 **12 de Novembro de 1954**

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Dados Semanais Destinos Principais:			
	Semanas terminadas em:	EE.UU.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL(*)	6/11/1954	117.000	67.000	9.000	193.000
	30/10/1954	73.000	71.000	23.000	167.000
	7/11/1953	255.000	103.000	61.000	419.000
COLÔMBIA(")	6/11/1954	(Informação retardada)			
	30/11/1954	75.903	5.507	1.932	83.342
	7/11/1953	73.954	14.228	4.530	91.812
		Dados mensais:			
BRASIL(*)	Out./54(&)	363.000	379.000	76.000	818.000
	Set./1954	493.000	313.000	126.000	932.000
	Out./1954	873.000	546.000	125.000	1.544.000
COLÔMBIA(")	Out./1954	154.994	15.872	4.090	174.956
	Set./1954	206.569	21.333	7.008	234.910
	Out./1953	381.622	53.033	21.983	456.638

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos:	**6/11/54**	**30/10/54**	**7/11/53**
BRASIL(*)	Santos	2.673.000	2.698.000	2.166.000
	Rio	603.000	603.000	506.000
	Vitória	113.000	122.000	120.000
	Paranaguá	839.000(a)	812.000(b)	1.273.000(c)
	Pernambuco	10.0000	6.000	16.000
	Bahia	14.000	15.000	11.000
	Angra dos Reis	39.000	39.000	15.000
	TOTAL:	4.291.000	4.295.000	4.108.000
COLÔMBIA(*)	Barranquilla	(Informação	57.686	79.480
	Cartagena	retardada)	18.501	53.000
	Buenaventura	—	96.911	95.311
	Cúcuta	—	78.657	102.822
	TOTAL:		251.755	330.613

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK(*)

	Países de origem (Sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**BRASIL**	**COLÔMBIA**	**OUTROS**	**TOTAL**
6/11/1954	67.611	294.916	65.447	427.974
30/11/1954	73.695	307.073	70.212	450.980
7/11/1954	90.182	154.465	50.918	295.565

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia.
(&) Dados preliminares, sujeitos a retificação.
(a) 534.000 livres e 305.000 retidos.
(b) 553.000 livres e 259.000 retidos.
(c) 718.000 livres e 555.000 retidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

CANADÁ

Importações: Em Abril dêste ano, os importadores canadenses compraram 9,3% mais de café do que no mesmo mês do ano passado. Em Maio, entretanto, na expectativa talvez de uma baixa dos preços, suas compras diminuiram de cêrca de 11%. Com tudo isso, as importações canadenses nos primeiros cinco mêses de 1954 ultrapassam as do mesmo período do ano passado, numa proporção de 13%.

Um aspecto que vale a pena salientar é o rápido aumento das compras de café feitas pelos importadores canadenses na África Oriental Britânica. Essas importações foram de 1.319.065 libras em Maio e de 1.917.900 libras em Abril. No ano passado, as importações de Maio e Abril foram, respectivamente, apenas de 251.962 libras e 525.765 libras. (Tea and Coffee — Outubro de 1954).

ESTADOS UNIDOS

O Café Solúvel na California: Segundo uma pesquisa sôbre o consumo de café, levada a efeito pela "Union and Evening Tribune", de San Diego,

California, cêrca de 44% dos lares visitados pelos pesquisadores usam cafés solúvel, o que representa um grande aumento em relação ao ano passado. Durante o mesmo período do ano passado — os mêses de Maió e Junho —, cêrca de 82% dos lares incluidos na investigação usaram café regular. (Tea and Coffee — Outubro de 1954).

Relatório Sôbre a América Latina: O Presidente Eisenhower recebeu no dia 8 do corrente um relatório econômico sôbre a América Latina, em que se salienta o fato de que as nações latino-americanas precisam de ajuda dos Estados Unidos agora. O relatório, redigido pelo Sr. J. Peter Grace, Jr., é apresentado ao Presidente por um grupo de cidadãos, organizados em consultoria pelo próprio Presidente. O Sr. Grace declarou que o relatório poderá ser de considerável importância em relação à próxima Conferência do Rio de Janeiro. Êle salientou o fato de que "nenhum aspecto da política exterior dos Estados Unidos merece atenção mais imediata ou mais séria, nenhum outro aspecto é de mais profunda relevância para a segurança e para a prosperidade dos Estados Unidos". O Sr. Grace chamou a atenção também para o fato de que o relatório preparado por êle se acha "em harmonia" com a orientação política norte-americana já anunciada para a América Latina, mas, segundo os círculos diplomáticos, o govêrno de Washington está planejando um programa mais compreensivo para a Conferência do Rio de Janeiro. Várias nações da América Latina criticaram os Estados Unidos, achando "inadequado" o seu programa para o Hemisfério Ocidetal. O relatório do Sr. Grace indica que a América Latina necessita auxílio imediato dos Estados Unidos, para poder conseguir padrões de vida mais altos, que é a melhor garantia contra a penetração e a subversão do comunismo". (G. G. Paton & Co. — 9/9/1954).

COLÔMBIA

Nova Safra: As fortes chuvas havidas em tôda a Colômbia causaram uma perda considerável na produção agrícola, segundo anuncia a Câmara de Comércio Colombiana-Americana. Houve também prejuízos nas propriedades em consequência das enchentes resultantes em várias regiões, ademais de perdas de vidas. O Boletim dos Exportadores da Colômbia, de 4 de Novembro corrente, declara que, por causa das chuvas, não tem sido possível levar adiante a colheita do café. Um exportador declara que será difícil exportar qualquer quantidade de café até 15 de Dezembro, porque as chuvas não têm deixado que colha e que se faça a secagem do café. (G. G. Paton & Co. — 9/9/1954).

N.º 907 **CARTA SEMANAL** **19 de Novembro 1954**

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Produção Industrial: O índice da produção industrial do Federal Reserve Board foi 125 (1945/49 = 100) em Outubro. Em Setembro e em Agôsto foi, respectivamente, 124 e 123. A produção de Outubro não foi maior do que a dos dois primeiros mêses do ano, mas a tendência é de aumento, com possibilidades de melhoria em Novembro. Até agora, o aumento da produção industrial tem sido menos do que se esperava, mas talvez ainda se observe uma

melhoria considerável neste mês, com as notícias de que a produção de automóveis aumentou muito e que as atividades na indústria do aço também são maiores.

Indústria do Aço: Tem sido tão grandes as encomendas de aço que as usinas estão racionando certos tipos de aço para seus freguêses. O aumento das compras das companhias fabricantes de automóveis, para a produção de modelos 1955, fêz com que outros consumidores de aço comprassem aço adiantadamente, para dispôr de estoques bastantes. Essa compra inesperada de aço afetou naturalmente as usinas siderúrgicas, as quais, esta semana, trabalharam na razão de 78.9% da capacidade — o maior índice dêste ano — o que representa um aumento de 0.3% em relação à semana passada.

Construções: Segundo previsões dos Departamentos do Comércio e do Trabalho, será estabelecido em 1955 um novo recorde nas construções — o que se vem observando já há oito anos consecutivos. Espera-se que em 1955 o total das despesas feitas com construções seja de $39.500.000.000, isto é, 7% mais do total dêste ano, que foi de $37.000.000.000. Em 1946, o total das despesas relacionadas com as construções foi de $16.700.000.000. De acôrdo com as referidas previsões, a expectativa é de que continue alto o nível das receitas individuais, depois de pagos os impostos, e que haja capitais disponíveis, a juros favoráveis.

Mercado de Valores: Continua a subida espetacular dos preços das ações que se vem observando desde a realização das eleições, cada dia em nível superior. O volume das ações negociadas diàriamente é, em média, de mais de três mil, o que representa o dôbro do volume registrado há um ano. Depois de cinco dias de aumentos sucessivos, os preços tiveram uma ligeira baixa na segunda-feira, em virtude das vendas de ações para realização de lucros. Mas a procura de ações foi tão grande que as vendas foram ràpidamente absorvidas, e a subida prosseguiu.

Dividendos: Os pagamentos dos dividendos das corporações, em dinheiro, durante o mês de Outubro, foram de $594.000.000, ou 7.5% mais do que em Outubro de 1953. Os pagamentos de dividendos, em dinheiro, durante êste ano até a data, áscendem a $7.000.000.000. Tôdas as grandes corporações pagaram maiores dividendos, com exceção das indústrias de têxteis, de couro, de metais não-ferrosos e automóveis.

Subsídio Agrícola: Sob a vigência do programa federal de manutenção dos preços agrícolas, o govêrno dos Estados Unidos acumulou produtos rurais no valor de $6.400.000.000, o que constitui um aumento de 50% em relação ao ano de 1953. Os produtos principais adquiridos pelo govêrno federal são: trigo ($1.900.000.000), milho ($586.000.000), manteiga ($336.000.000), e algodão ($307.000.000).

Sumário: A produção industrial foi mais alta em Outubro e provàvelmente aumentará ainda mais em Novembro, especialmente devido ao aumento atual da produção de aço, da fabricação de automóveis e das construções. Continua a subir os preços das ações, o que se deve em parte ao pagamento de maiores dividendos e ao aumento da produção. Sob a vigência do programa

de manutenção dos preços agrícolas, o govêrno federal dispõe agora de produtos rurais no valor de $6.400.000.000.

Nota Sôbre a "International Finance Co.: O Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Sr. George M. Humphrey, acaba de fazer um esbôço da proposta para a organização de uma entidade internacional, com $100.000.000 com o fim de financiar projetos industriais particulares nos países sub-desenvolvidos. A administração federal considera êsse plano tão importante quanto o Programa do Ponto Quatro, iniciado em 1949. A International Finance Co. será uma subsidiária do Banco International de Reconstrução e Desenvolvimento, e terá a função de completar as atividades do Banco de Exportação e Importação. As subscrições variarão de $35.000.000, para os Estados Unidos, a $5.000.000, para o Panamá, podendo participar todos os 57 países membros do Banco Mundial. O capital inicial será aumentado por meio de vendas de títulos a interêsses particulares. Eventualmente, os títulos das emprêsas patrocinadas pela Internacional Finance Corporation serão vendidos a investidores particulares, estabelecendo-se, assim, o processo de escoamento de capital nas áreas sub-desenvolvidas. O propósito expresso da organização proposta escoamento de capital nas áreas sub-desenvolvidas. O propósito expresso da organização proposta consiste em estabelecer um ambiente favorável para o investimento de capital nas áreas sub-desenvolvidas.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos Gerais: Na semana que terminou na quinta-feira, o mercado a têrmo registrou um ganho de 94 a 270 pontos, num volume de 1.168 lotes negociados. A procura mais acentuada que geralmente tem lugar nesta época do ano se tornou mais aparente, incrementando-se as atividades no mercado de cafés físicos. Há, entretanto, ao mesmo tempo, entre os elementos do comércio do café, um certo sentimento de incerteza, devido ao fato de que não se sabe se os preços atuais do produto se manterão ao mesmo nível por muito tempo. Segundo estimativas particulares, a importação de Novembro será de 1.100.000 sacas — isto é, 800.000 sacas menos do que em Novembro de 1953. Há outras notícias mais promissoras, publicadas por uma fonte particular de informações semanais. Calcula-se que a quantidade de café torrado na semana que terminou no dia 12 do corrente foi de 91% em comparação com a semana correspondente do ano passado, o que corresponde a uma melhoria em relação à média geral das 45 semanas dêste ano, que é de 87%, em comparação com o mesmo período do ano passado. Êsse aumento na quantidade de café torrado indica uma redução maior nos estoques disponíveis.

Mercado a Têrmo: Na sexta-feira, registrou-se a princípio um ganho no mercado a têrmo até 130 pontos, ao ser anunciado que o Brasil tinha adotado um câmbio fixo para o café-dólar. Mas êsse ganho se reduziu com a cancelação de posições para a realização de lucros, ficando de 44 a 60 pontos. O total dos lotes negociados foi de 226. Na segunda-feira, foram negociados 153 lotes, com ganhos de 105 a 155 pontos. A subida dos preços se atribuiu às compras para coberturas, diante das ofertas limitadas. O mercado a têrmo também refletiu a firmeza do mercado de físicos. Na têrça-feira, aumentou para 394

o número dos lotes negociados, com avanços de 95 a 130 pontos, com exceção de Dezembro, que fechou com 9 pontos abaixo, depois de ter registrado um ganho de 70 cents. Na quarta-feira, as cancelações para realização de lucros e as liquidações baixaram os preços, e o mercado fechou com perdas de 45 a 55 pontos, em 182 lotes negociados.

Mercado de Físicos: O mercado de físicos continuou firme, com bastante intensidade no começo da semana, mas essa intensidade diminuiu nos dias seguintes. Observou-se considerável atividade em relação com o café Ambriz. Os negociantes continuam a se mostrar cautelosos, comprando pouco, limitando suas compras para satisfazer as necessidades imediatas. Ontem os Santos 4 estavam cotados a 71-72 cents e os colombianos a 78 cents.

Outras Notícias: Os representantes dos empregadores e das uniões, que discutiam a disputa do cais de Nova York, chegaram a um acôrdo, no sentido de solicitar o auxílio de mediadores do govêrno federal para a formulação de um novo contrato sindical de dois anos. Se essas negociações fracassarem, a greve das docas se iniciará no dia 27 de Novembro. Entretanto, com a participação dos mediadores federais, se se fizer algum progresso para a solução do caso, é provável que a data da greve seja adiada de comum acôrdo pelas partes em disputa.

Última Hora: Esta manhã, o mercado estava entre inalterável e 55 pontos acima em relação ao fechamento de ontem. O número de lotes dependendo de entrega era de 4.245. O da semana passada era de 4.248.

N.º 907 **19 de Novembro de 1954**

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Dados Semanais Destinos Principais:			
	Semanas terminadas em:	EE.UU.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL(*)	13/11/1954	219.000	114.000	11.000	344.000
	6/11/1954	117.000	67.000	9.000	193.000
	14/11/1953	282.000	90.000	30.000	402.000
COLÔMBIA(")	13/11/1954	89.889	2.246	1.050	93.185
	6/11/1954	71.519	1.044	—	72.563
	14/11/1953	135.944	16.816	2.214	154.974

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos:	13/11/54	6/11/54	14/11/53
BRASIL(*)	Santos	2.621.000	2.673.000	2.191.000
	Rio	640.000	603.000	512.000
	Vitória	119.000	113.000	125.000
	Paranaguá	818.000(a)	829.000(b)	1.147.000(c)
	Pernambuco	11.000	10.000	17.000
	Bahia	15.000	14.000	11.000
	Angra dos Reis	27.000	39.000	13.000
	TOTAL:	4.251.000	4.291.000	4.016.000

COLÔMBIA(")	Barranquilla	49.200	49.915	69.242
	Cartagena	19.252	20.444	35.549
	Buenaventura	116.895	101.777	72.320
	Cúcuta	82.806	81.051	101.751
	TOTAL:	268.153	253.187	278.862

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK(*)

	Países de origem (Sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
13/11/1954	51.027	291.727	62.095	404.849
6/11/1954	67.611	294.916	65.447	427.974
14/11/1953	85.770	133.136	52.943	271.849

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia.
(a) 520.000 livres e 298.000 retidos.
(b) 534.000 livres e 305.000 retidos.
(c) 690.000 livres e 457.000 retidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

CUBA

Conferência de Tarifas: O chefe da delegação cubana à conferência que se realiza em Genebra para o estabelecimento do Acôrdo Geral de Tarifas e Comércio solicitou a colaboração política dos membros mais importantes da organização, a fim de que o Acôrdo possa preencher os seus objetivos. Entre as medidas propostas pelo delegado cubano figura a seguinte: "Ajuda especial ao fomento econômico, não só com o fim de se estabelecerem novas indústrias num determinado país como também para se manterem e ampliarem as já existentes". (La Prensa — 13 de Novembro, 1954).

ESTADOS UNIDOS

1955: Ano Normal: Apesar de ter sido Setembro um mês mau para o mercado de café e apesar de terem certas Repúblicas Americanas sido forçadas a tomar certas medidas de reajustamento, as últimas estatísticas revelam que a situação melhorou em Outubro e nos começos de Novembro.

Entre os peritos em assuntos do café está se generalizando a opinião de que a situação do mercado só poderá melhorar e que só será normal em 1955, sem mudanças violentas de preços. Há indícios de que a inquietude causada nos Estados Unidos pelos preços do café irá amainando, embora o novo Congresso talvez faça novas gestões para regulamentar o comércio especulativo no mercado de café a têrmo. (La Prensa — 15 de Novembro, 1954).

Campanha de Fomento: Depois de quatro dias de conferências no Rio de Janeiro com elementos da indústria do café do Brasil e de outros países produtores, o Sr. Manuel Mejia, Gerente Geral da Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia declarou em Nova York que "os problemas básicos que atualmente a indústria do café tem que enfrentar podem ser resol-

vidos por meio de uma campanha mundial destinada a aumentar o consumo. Disse mais o Sr. Mejia que está sendo procurado um plano que permita dar ao consumidor o maior número de garantias quanto ao abastecimento de que necessita e que, ao mesmo tempo, assegure ao produtor preços equitativos. (National Coffee Association — Boletim de 8 de Novembro, 1954).

FRANÇA

Situação do Mercado: Segundo informações da Federação Nacional de Comércio de Café Verde, o mercado francês esteve inativo durante as três primeiras semanas de Outubro, com os preços em baixa, pelo menos para os cafés da União França. Os compradores se acham na expectativa, comprando pouco. As cotações no mercado do Havre, na terceira semana de Outubro, foram: 360 francos por quilo CIF, para Costa do Marfim "Courant" — sôbre a água — e embarques imediatos; de 350 a 355 francos para os embarques de Janeiro-Fevereiro, ao passo que os Madagascar "Kouliou-Superior" foram cotados a 370 e 375 francos, sôbre a água, e 366 francos para os embarques de Novembro-Dezembro. As cotações em Marseille foram: Madagascar "Kouilou-Superior", 380 francos, sôbre a água, 370/373 para embarques de Novembro-Dezembro. (G. G. Paton & Co. — 10 de Novembro, 1954).

ALEMANHA

Tratado com o Brasil: Foi enviada ao Rio de Janeiro uma missão especial germânica, com o fim de ver as possibilidades que há para se ampliar o intercâmbio comercial entre a Alemanha e o Brasil. Nos primeiros 10 mêses do ano, a Alemanha importou café brasileiro no valor de $90.000.000.000. (G. G. Paton & Co. — 10 de Novembro de 1954).

"BROWN GOLD: The Amazing Story of Coffee" — livro do Sr. Andrés Uribe C.

Nos começos de Dezembro, a Random House Inc., uma das maiores Casas Editoras dos Estados Unidos, dará à publicidade um livro intitulado "BROWN GOLD-The Amazing Story of Coffee", cujo autor é o Sr. Andrés Uribe C., representante, nos Estados Unidos, da Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia. Trata-se de um estudo compreensivo e objetivo da importância do café na vida econômica e social dos países produtores.

Para familiarizar os leitores com a essência do livro do Sr. Uribe, traduzimos (por cortesia da Random House, Inc.) a introdução do Sr. David E. Lilienthal, a qual apresenta, de maneira sucinta, a amplitude e o escopo dessa obra.

O Sr. Lilienthal, que recentemente trabalhou com o govêrno da Colômbia, na qualidade de consultor para o desenvolvimento da produção de energia, foi Diretor da "Tennessee Valley Authority", organização do govêrno federal dos Estados Unidos para geração de energia que é a maior do mundo no seu gênero, e também Diretor da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos.

Na Colômbia, o Sr. Lilienthal teve a oportunidade de observar *in loco* a importância básica do café no desenvolvimento econômico dos países que o pro-

duzem. A apresentação feita pelo Sr. Lilienthal é extremamente interessante, uma vez que se trata de uma personalidade proeminente e de imenso prestígio na vida pública dos Estados Unidos.

É a seguinte a apresentação do Sr. Lilienthal:

"Cali, Colombia — 9 de Outubro, 1954

As provas do livro do Dr. Uribe foram-me entregues há cêrca de uma semana, no meu escritório em Nova York, quando estava para tomar o avião que, no mesmo tempo que me levaria a São Francisco, me levou ao coração da área cafeeira da Colômbia, a segunda no mundo em importância. Ao escrever estas linhas de introdução para êste livro sôbre o café, tendo diante de mim as vertentes das cordilheiras do centro e do oeste dos Andres, entre as quais se estendem os campos verdes e castanhos, de beleza indescritível, do vale do Cauca.

A alguns quilômetros além, os declives escarpados parece que estão marcados com pontos de um verde lustroso — milhares e milhares de pés de café. Visitei nessa região famílias cuja vida tôda se relaciona à produção do café. Pais e filhos se dedicam à cultura do produto: fazem a colheita, descascam os grãos e fazem a secagem ao sol. Esta operação tediosa, que requer a participação conjunta de tôda a família, me faz lembrar o processo da colheita do algodão em algumas partes do Mississipi e de Alabama, com a única diferença de que aqui o produtor é geralmente o dono do terreno, e não simplesmente um arrendatário, e as plantações se encontram nas encostas das montanhas e não em terrenos planos.

Vi depois como ensacam o café depois de secado, para transportá-lo através dos caminhos sinuosos das cordilheiras. No pôrto tropical de Buenaventura, no Pacífico, assisti à baldeação das sacas para os porões dos navios que os levam finalmente para Nova York — onde o café é desembarcado a pouca distância do local onde se acha o meu próprio escritório, perto do cais. Em certos dias, quando a brisa sopra em certa direção, no distrito financeiro de Nova York se sente o fragrante aroma do café torrado, parte do qual procede das montanhas que circundam êste vale do Cauca.

O Sr. Uribe conta-nos em seu livro como o café é cultivado, como é preparado, de maneiras variadas e exóticas, como é misturado e como é bebido — traçando a longa e romântica história do produto. De forma ao mesmo tempo erudita e animada, trata do café como bebida — bebida que é para os norte-americanos o que o vinho é para a França ou o chá para os inglêses. De fato, o café se tornou a bebida nacional dos Estados Unidos, como parte essencial de muitas das nossas relações sociais e, mais recentemente, como elemento reconhecido para o bom andamento do trabalho nas fábricas e nos escritórios dos Estados Unidos.

Mais de *cem bilhões* de xícaras de café são preparadas e bebidas anualmente nos Estados Unidos, mas, além disso, como aponta o Sr. Uribe claramente, o café é muito mais do que uma bebida.

No país em que se consome a maior parte da produção mundial do café não se produz uma só libra dêsse produto. O café é produzido principalmente na América Latina — aqui no vale do Cauca e em tôda a Colômbia, no Brasil

e numa dúzia de outros países do Hemisfério Ocidental. É, sem comparação alguma, o produto de maior exportação da América Latina.

Um produto que se consome em tal quantidade, de tão grande importância para a vida econômica, social e política da maioria dos países da América Latina, assume naturalmente um papel de grande significação. O café se tornou o símbolo da inter-dependência do Hemisfério Ocidental, sendo, ao mesmo tempo, pràticamente, o *teste* inegável das boas relações entre as Américas — fato que não se disfarçar de modo algum com a retórica diplomática ou com as cortesias afetadas.

Não me parece exagerado dizer que o livro do Sr. Uribe trata de tôdas as questões relacionadas com o café (e, por analogia, as relacionadas com outras matérias primas exportadas pela América Latina) cuja solução determinará o futuro tanto do bem-estar da América Latina como de tôda a estrutura da solidariedade do Hemisfério. Em outras palavras, a maneira pela qual os Estados Unidos e a América Latina, com mútua tolerância e tolerância, resolverem as questões do café (que êste livro expõe, sob o ponto de vista latino-americano) terá uma marcada influência no futuro da liderança dos Estados Unidos no Hemisfério Ocidental.

Alguém disse que o homem que souber tudo o que se pode saber a respeito de uma gota d'água ficará também sabendo tudo a respeito de universo físico — e o mesmo se pode dizer do café: quem compreender o que significa a xícara de café que toma pela manhã, enquanto lê o jornal, certamente há de compreender tôda uma série de questões muito mais complexas e sutis. Essas são as questões que agora ameaçam dividir ainda mais os povos do norte e do sul dêste Hemisfério, criando antagonismos entre êles. Mas essas mesmas questões podem servir para que se estabeleça uma nova unidade que seja mutùamente benéfica.

A grande virtude do livro do Sr. Uribe está no fato de que, sem sacrifício do seu estilo e da sua vivacidade, pois que está escrito com espírito e em notável prosa, apresenta de maneira clara para todos os homens de boa vontade, tanto do norte como sul, a natureza dos problemas econômicos, políticos, sociais e internacionais do Hemisfério Ocidental, problemas êsses simbolizados pelo café. As questões relacionadas com o café se aplicam aos outros produtos de exportação da América Latina, como o açúcar, as bananas, o óleo, o cobre, o estanho, e outros.

Êste livro está isento da florida retórica que caracteriza os discursos oficiais que sinceramente exaltam a solidariedade e a fraternidade das Américas, tanto nos Estados Unidos como nos países latino-americanos, nas inúmeras reuniões mundanas e nos esplêndidos almôços que se realizam constantemente. Mas, por outro lado, é menos vago, trata das realidades cotidianas da vida com maior aproximação e é mais franco a respeito das verdadeiras relações inter-americanas, as quais estão longe de ser confortadoras.

Não quero com isso dizer que o Sr. Uribe escreva com absoluta objetividade a respeito do café. Com tôda a franqueza êle declara que escreve sob o ponto de vista daqueles cujos negócios êle representa nos Estados Unidos — os milhões de cafèicultores da América Latina. Mas, como distinto cidadão colombiano, com um longo período de educação e de experiência comercial nos Estados Unidos, ademais do seu conhecimento íntimo do cultivo, do tratamento e das

tendências do consumo norte-americano, é grande a sua contribuição, com êste livro, no sentido de que se compreenda de maneira completa a significação do café.

Há trechos no livro que nos dão vontade de ouvir ainda mais os argumentos relacionados com "o outro lado" dos problemas que êle apresenta. Devemos notar, entretanto, que o autor tem um ponto de vista moderno, salientando os aspectos construtivos e promissores, ao mesmo tempo mostrando uma atitude amistosa para com aquêles com que possa estar em desacôrdo. Em parte alguma do livro se observa o tom irritado do propagandista profissional. Suas recomendações específicas para o melhoramento da situação do café são de ordem científica, técnica e administrativa, e merecem, na minha opinião, a maior ponderação, tanto na América Latina como nos Estados Unidos.

As Américas não podem incorrer em perigo, permitir que a questão apresentada pelo café se torne objeto de inconsideração de irresponsáveis, daqueles que, sem pensar nas consequências, na equidade ou nos fatos, poderão inflamar os preconceitos tanto dos produtos na América Latina como dos consumidores nos Estados Unidos.

David E. Lilienthal

N.° 908 CARTA SEMANAL 26 de Novembro de 1954

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos Gerais: O aspecto mais animador dos acontecimentos econômicos desta semana foi o da terminação das redações de inventários, as quais vinham há um ano sendo motivo de constantes preocupações. As encomendas de compras dos manufatureiros não se limitam agora, segundo parece cada vez mais evidente, às necessidades do momento, como tem sido últimamente. A procura de mercadorias duráveis, como aparelhos domésticos, automóveis, etc., tem sido grande, permitindo que os fabricantes e os distribuidores mantenham mais amplos estoques. Para satisfazer a essa procura, os manufatureiros precisam dispôr de aço e de outros produtos básicos adiantadamente. Refletindo essa situação, de procura mais intensa, os relatórios econômicos procedentes de várias partes do país são animadores.

Mão de Obra: Registrou-se uma diminuição no número das pessoas desempregadas, que ascendia a 2.700.000 em Outubro. Essa diminuição contraria a usual tendência desta época do ano, quando, em geral, aumenta o desemprêgo, em consequência da menor atividade, nos mêses frios, das indústrias de alimentos enlatados, das construções e da agricultura, incluindo-se, naturalmente, as indústrias correlatas. Provavelmente o fato se deve ao aumento acelerado do emprêgo de operários nas emprêsas fabricantes de automóveis, o que excedeu a diminuição de empregos em outros setores da economia.

Indústria do Aço: As usinas siderúrgicas funcionarão esta semana, segundo as expectativas, com 79.3% da sua capacidade, isto é, na mesma porcentagem da semana passada. Como já tivemos a oportunidade de notar anteriormente, a produção de aço se acha atualmente num nível muito mais

elevado do que se esperava, com otimismo, há alguns mêses. As encomendas de aço são maiores agora do que nunca, êste ano, e, tomando-se como base essas encomendas, pode-se prognostiear um aumento constante na produção siderúrgica até Fevereiro do ano que vem. Os manufatureiros de automóveis estão aumentando as suas compras de aço, para Janeiro, em virtude da animadora venda de modelos 1955. Apesar disso, êsses fabricantes estão se acautelando contra o perigo de uma expansão prematura em sua produção.

Construções: O espetacular aumento nas construções não dá sinais de terminar. Em Outubro foi iniciada a construção de 106.000 residências, o que constitui um recorde nunca atingido naquele mês. Os construtores calculam que o total de novas casas residenciais construidas êste ano será de 1.150.000. O volume dos contratos para a edificação de novas casas justifica as predições otimistas para o próximo ano. Segundo um relatório conjunto dos Departamentos do Comércio e do Trabalho, o total das construções, em 1955, será de 1.300.000.

Mercado de Valores: Em média, os preços das ações continuaram a registrar avanços, apesar da pressão exercida pela venda de ações para a realização de lucros. O volume diário das transações continuou também acima de 3.000. Em 1953, êsse número só foi atingido duas vêzes. As ações das indústrias de aço se mantêm à frente, notando-se também aumentos nas ações das fábricas de papel, de petróleo e de mineração. As previsões de que as atividades economicas continuarão a se expandir m 1955 têm criado um grande interêsse nas especulações do Mercado da Bôlsa.

Produção Nacional: Em relatório relativo ao desenvolvimento da economia nacional, de 1929 a 1953, o Departamento do Comércio observa que a maior mudança notada nesse período de 25 anos foi a do aumento de despesas governamentais, de 8% para 23.5% sôbre o total da produção nacional, o que corresponde a um aumento de quase três vêzes mais. O relatório também indica: 1) a produção de mercadorias e de serviços, per capita, aumentou de $1.225 para $1.921, ao passo que a receita, per capita, depois de deduzidos os impostos, aumentou de $927.000 para $1.339; 2) houve uma mudança interessante nos aspectos das despesas dos consumidores: em 1929, o consumidor individual gastou, em média, 47.5% do seu dinheiro em mercadorias de uso imediato, 12% em mercadorias duráveis e 40.5% em serviços, ao passo que em 1953, o consumidor gastou 51.5% em artigos de uso imediato, 13% em artigos duráveis e 35.5% em serviços. A receita nacional, exceptuando-se a parte da agro-pecuária, aumentou 25%, ao mesmo tempo que a receita da parte agro pecuária declinou de 6.8%, em 1929, para 4%, em 1953, em relação ao total da receita nacional.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos Gerais: Na semana que terminou na Quarta feira (Quinta-feira foi feriado nacional, Dia de Ação de Graças), o mercado de têrmos teve ganhos de 164 a 270 pontos, mas os preços baixaram e, ao findar a semana, os ganhos

foram só de 69 a 40 pontos, com exceção da posição de Dezembro registrou uma baixa de 54 pontos. O total dos lotes negociados durante a semana foi de 1330. A contínua procura dos torradores tem sido a razão principal da firmeza do mercado no que se refere às posições próximas e as futuras. O empréstimo de $200.000.000 ao Brasil também serviu para fortalecer a confiança no futuro do mercado do café, como servirá também para estabilizar a situação da moeda e desfazer os rumores de que a desvalorização do Cruzeiro terá inevitável efeito na estrutura dos preços do café. As notícias de que está sendo mais restrito o regulamento do registro no Brasil também ajudaram a firmeza dos preços. As posições distantes se mantêm num desconto substancial, de 14 a 15 cents, devido ao fato de que se acha assegurada uma situação melhor de abastecimentos para o próximo ano, segundo parece. Dois dos mais importantes torradores de café aumentaram de 3 cents a libra o preço do café por atacado, e vários outros, segundo consta, seguirão o exemplo. Consta nos meios comerciais que êsse aumento em breve se refletirá em todo o país. Não há notícias do andamento das negociações da greve nas docas, mas há esperanças de que a situação será resolvida a contento de todos. Entrementes, o comércio é forçado a assumir compromissos no mercado de físicos, enquanto houver a possibilidade da greve, marcada para 28 do corrente, o que, por sua vez, concorre para manter firmes os preços dos cafés disponíveis no mercado. Não se recebeu nenhuma notícia definitiva relacionada com o café em consequência da conferência ora em andamento em Petrópolis.

Mercado a Têrmo: Na Sexta-feira passada, o mercado fechou com ganhos de 46 a 100 pontos, com 265 lotes negociados. As compras para coberturas e as compras de contratos para reconstituição de inventários deram firmeza ao mercado a têrmo. Os telegramas procedentes do Brasil, informando a restrição dos regulamentos de registro, também contribuiram para a firmeza do mercado. Na Segunda-feira, foram alcançados novos recordes em tôdas as posições, com ganhos líquidos de 94 a 160 pontos. As compras para cobertura continuaram a ser o fator predominante. Na Têrça-feira, a posição de Dezembro registrou uma perda de 24 pontos, depois de avançado 70 cents, ao passo que as posições de 1955 tiveram avanços de 10 a 121 pontos. O volume dos lotes negociados foi 400. Na Quinta-feira, o mercado fechou com uma baixa de 170 a 200 pontos.

Mercado de Físicos: O mercado de físicos não esteve nesta semana tão ativo como o mercado a têrmo, mas os preços se mantiveram firmes. Na Têrça-feira observou-se uma marcada diminuição na compra dos torradores, e alguns observadores dos círculos comerciais do café manifestaram a sua opinião de que as atividades no mercado de físicos se manteriam relativamente pequenas, até que leve a efeito a conferência, na próxima semana, da National Coffee Association. No momento, os Santos 4 estão sendo cotados a 70 cents e os colombianos a 75 ½ cents.

Última Hora: Esta manhã, o mercado abriu com um aumento de 10 a 80 pontos. O número de lotes dependendo de entrega foi de 4.161. Na Sexta-feira passada, êsse número era de 4.245.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados Semanais Destinos Principais: EE.UU.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL(*)	20/11/1954	225.000	56.000	23.000	304.000
	13/11/1954	219.000	114.000	11.000	344.000
	21/11/1953	231.000	128.000	27.000	386.000
COLÔMBIA(")	20/11/1954	123.796	4.635	1.163	129.594
	13/11/1954	89.889	2.246	1.050	93.185
	21/11/1953	79.496	11.746	968	92.210

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos:	Semanas terminadas em: 20/11/54	13/11/53	21/11/53
BRASIL(*)	Santos	2.585.000	2.621.000	2.148.000
	Rio	600.000	640.000	506.000
	Vitória	116.000	119.000	124.000
	Paranaguá	784.000(a)	818.000(b)	124.000(c)
	Pernambuco	12.000	11.000	17.000
	Bahia	15.000	15.000	13.000
	Angra dos Reis	28.000	27.000	14.000
	TOTAL:	4.140.000	4.251.000	4.008.000
COLÔMBIA(")	Barranquilla	44.645	49.200	96.834
	Cartagena	19.203	19.252	39.510
	Buenaventura	117.518	116.895	109.618
	Cúcuta	81.801	82.806	101.754
	TOTAL:	263.167	268.153	347.716

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK(*)

Semana de:	BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
	Países de origem (Sacas de pesos diferentes)			
20/11/1954	39.611	283.218	52.795	375.624
13/11/1945	51.027	291.727	62.095	404.849
21/11/1953	91.560	109.990	54.497	256.047

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia.
(a) 507.000 livres e 277.000 retidos.
(b) 520.000 livres e 298.000 retidos.
(c) 644.000 livres e 542.000 retidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

COLÔMBIA

Segundo informações da Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia, a safra que está sendo colhida agora será de 2.800.000 sacas. Embora a

colheita esteja sendo feita com dificuldades, por causa das fortes chuvas, não se espera que haja perdas na colheita. A Câmara de Comércio Colombiano-Americana também informa que os produtores de café, por meio do "Comitê Caldas do Café", enviaram uma comunicação ao Presidente da República, declarando que é tempo de se abolir o "diferencial do café" relacionado com o câmbio. O Comitê observa que a abolição do "diferencial" (segundo o qual 2.50 pesos é o câmbio do café-dólar) será uma medida justa, uma vez que assim os produtores de café, que em sua maioria são pequenos produtores, poderão vender o seu produto na mesma base em que os produtores de outros artigos vendem os seus produtos. (O café-dólar está atualmente congelado em 2,385 pesos). Essa medida, diz-se, constituiria outro passo para a se conseguir a estabilidade econômica do país. O Comitê referido elogiou o incremento dos preços do café por meio de compras feitas no país por meio da Federação, mas declarou que muitos dos produtores de locais distantes não foram incluidos nessas compras. Abolindo-se o "deferencial", argumenta-se, os exportadores poderão comprar não só o café que está sendo agôra comprado pela Federação como também o café dos produtores que se encontram em regiões mais remotas. (G. G. Paton & Co. — 23 de Novembro, 1954).

VENEZUELA

Em artigo editorial, a revista El Agricultor Venezoelano observa que, enquanto no Brasil se buscava, graças à iniciativa particular — estimulada pelos bons preços e pelo apôio oficial — recuperar os níveis de antes da guerra, os demais países produtores do continente conseguiam absorver paulatinamente uma pequena parte do mercado que havia abandonado o café brasileiro. O progresso dêsses pequenos produtores foi muito maior em 1952-1953 do que o do Brasil, cujos cultivos se tornaram reduzidos, ao passo que os cultivos daqueles pequenos países aumentaram, incrementando a sua safra de 14% em relação à do ano anterior. Os países que contribuiram para êsse aumento foram, principalmente: Costa-Rica (65% mais do que em 1951/52), Honduras (56%, idem), Venezuela (25%, idem), Colômbia (17%, idem). Na Venezuela, dá-se especial atenção ao aumento da produção, com facilidades de crédito para o melhoramento e ampliação das plantações. Na Colômbia, o programa oficial de construção de vias de comunicação abriu novas áreas para o cultivo do café, e a Federación Nacional de Cafeteros fornece ajuda aos cafèicultores, para que melhorem as plantações existentes e que façam novas plantações. No Equador, o Instituto del Café informa que, entre 1949 e 1952, foram cultivados 2.100 hectares de terras com pés de café. (El Agricultor Venezoelano — Setembro de 1954).

COMÉRCIO INTERNACIONAL

Durante o mês de Setembro de 1954, a Dinamarca importou 31.095 sacas de café verde, das seguintes procedências: 24.167, do Brasil; 4.973, da Holanda; 1.590, do Canadá; 218, de Singapura; 85, do Reino Unido, e 62 dos Estados Unidos. A importação total dos primeiros nove mêses dêste ano, a Dinamarca, foi de 290.370 sacas, isto é, 10% menos do que no mesmo período do ano anterior. A Austria importou, em Setembro, 5.300 sacas de café verde, das seguintes

origens: 1.790, do Brasil; 1.985, de Singapura; 507, da África Oriental Britânica; 217, de Costa Rica; 200, da Guatemala; 167, da Índia; 122, do México; 82, da África Ocidental Britânica; 80, do Perú; 68, de El Salvador; 33 de Saudi Arabia; 27 da Colômbia; 15, da República Dominicana; 13, da Indonésia; e 155 de outros. Durante os primeiros nove mêses dêste ano, a Austria importou 61.252 sacas, ao passo que no mesmo período do ano passado importou 54,811, isto é, um aumento de 12% neste ano. Sierre Leone, em Setembro, exportou 855 sacas de café: 511 para o Reino Unido, 170 para a Holanda, 89 para a Dinamarca, 85 para a Itália e 1 para a Noruega. Nos primeiros nove mêses de 1953, Serra Leone exportou 38.747 sacas. As exportações de café de Surinam (Guiana Holandêsa) em Setembro dêste ano foram de 183 sacas apenas, tôdas elas para a Holanda. De Janeiro a Setembro, Surinam exportou 4.067, ao passo que no ano passado, no mesmo período, exportou só 2.044 sacas.

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CÂMBIO — METAIS
AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO — COUROS — ETC.

Assinaturas e mais informações nos seguintes endereços:

RIO DE JANEIRO:
Rua Beneditinos, 17 - 4.º andar
Fone: 23-0012

SÃO PAULO:
Rua Libero Badaró, 488 - 2.º andar
Fone: 33-4976

SANTOS:
Praça Azevedo Junior, 14 — 4.º andar — Fone: 2-7278

Agências nos principais Estados do Brasil

Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

Ano XX | SÃO PAULO, 17 DE NOVEMBRO DE 1954 | Número 317

DADOS COLIGADOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO

SAFRA 1954/1955

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

ESTRADAS DE FERRO	julho — setembro	1.ª dezena outubro	2.ª dezena outubro	3.ª dezena outubro	Totais
Santos à Jundiaí	59 346	3 515	3 245	5 278	71 384
Sorocabana	396 768	22 820	29 282	21 088	469 958
Paulista	2 275 428	50 494	39 995	39 994	2 405 911
Mogiana	781 856	33 023	36 353	34 832	886 064
Araraquara	1 370 542	19 171	12 717	7 540	1 409 970
Noroeste do Brasil	950 748	14 365	16 127	11 260	992 500
Central do Brasil	1 800	200	200	x	2 200
Estrada de Rodagem	589	—	—	—	589
Total	**5 837 077**	**143 588**	**137 919**	**119 992**	**6 238 576**

Nota : — Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

DESPACHADO	RIO DE JANEIRO		ANGRA DOS REIS		TOTAIS
	Ferrov.	Rodov.	Ferrov.	Rodov.	
Meses :					
Julho/Setembro	13 971	44 442	930	4 650	63 993
1.ª dezena Outubro	204	1 095	--		1 299
2.ª dezena Outubro	1 118	2 723	—	500	4 341
3.ª dezena	3 183	1 350	—	763	5 296
Total	**18 476**	**49 610**	**930**	**5 913**	**74 929**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

ESTADOS PRODUTORES	Julho — setembro	1.ª dezena outubro	2.ª dezena outubro	3.ª dezena outubro	TOTAIS
Parana	97 805	3 669	7 093	x 705	109 272
Minas Gerais	232 623	7 090	13 851	10 956	264 520
Goiás	94 545	x 147	x 652	x 1 060	96 404
Mato Grosso	3 695	830	—	—	4 525
Total	**428 668**	**11 736**	**21 596**	**12 721**	**474 721**

x — Incompletos

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

SAFRA 1954/1955 **(Até 31 de Outubro de 1954)**

PAULISTA	Despachado	Liberado	Dest. alterado cancelado	A Liberar
1.ª dezena Julho	791 135	791 135		
2.ª dezena Julho	684 403	658 095		26 308
3.ª dezena Julho	889 768	38 241	110	851 417
1.ª dezena Agôsto	660 895			660 895
2.ª dezena Agôsto	803 842	—		803 842
3.ª dezena Agôsto	745 414	—		745 414
1.ª dezena Setembro	501 539		1 383	500 156
2.ª dezena Setembro	408 889		500	408 389
3.ª dezena Setembro	346 680		—	346 680
1.ª dezena Outubro	142 472	—		142 472
2.ª dezena Outubro	137 726	—		137 726
3.ª dezena Outubro	118 801		—	118 801
Total	**6 231 564**	**1 487 471**	**1 993**	**4 742 100**
Despolpado	6 423	4 868		1 555
Rodoviário	589	134	—	455
Total Geral	**6 238 576**	**1 492 473**	**1 993**	**4 744 110**
Outros Estados				
Paraná	109 272	30 227	—	79 045
Minas Gerais	264 520	45 693	—	218 827
Goiás	96 404	23 533	1 970	70 901
Mato Frosso	4 525	1 000		3 525
Total	**474 721**	**100 453**	**1 970**	**372 298**

Destino Alterado p/ "Rio de Janeiro"	1 383	
Cancelado	610	
	—	1 993 scs.
SAFRA 50/51 Per liberar dependendo de Ação Judicial	—	1 000 ,,
,, 51/52 Apreendido	,,	1 000 ,,
,, 52/53 Apreendido		12 930 ,,

Esta publicação retifica as anteriores.

Exportação Brasileira de Café

NOVEMBRO DE 1954

Sacas de 60 quilos

Portos de embarques	Estados Unidos	Outros países	Total	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
Novembro:						
Santos	643.224	167.803	811.027	233	40	811.300
Rio de Janeiro	139.358	150.709	290.067	25	747	290.839
Paranaguá	279.339	22.701	302.040	18	20	302.078
Vitória	15.500	81.541	97.041	17	11.325	108.383
Angra dos Reis	32.725	—	32.725	—	—	32.725
Salvador	—	11.564	11.564	—	1.053	12.617
Recife	—	3.037	3.037	28	—	3.065
Total	**1.110.146**	**437.355**	**1.547.501**	**321**	**13.185**	**1.561.007**
Janeiro	—	—	1.125.470	483	17.231	1.143.184
Fevereiro	—	—	994.383	348	17.150	1.011.891
Março	—	—	1.375.456	363	29.509	1.405.328
Abril	—	—	997.667	424	27.303	1.025.394
Maio	—	—	473.675	282	15.143	489.100
Junho	—	—	396.075	400	25.368	421.843
Julho	—	—	625.959	334	19.815	646.108
Agôsto	—	—	518.284	361	39.747	558.392
Setembro	—	—	837.685	352	27.073	865.111
Outubro	—	—	855.384	504	22.086	877.974
Total de Janeiro a Novembro	—	—	**9.747.550**	**4.172**	**263.610**	**10.005.332**

Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de novembro de 1954

CONTINENTES :	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA :	Alemanha	5.985	
	Áustria	933	
	Bélgica	1.850	
	Dinamarca	6.963	
	Finlândia	41.847	
	França	30.136	
	Grécia	5.279	
	Holanda	6.103	
	Islândia	1.420	
	Itália	4.039	
	Iugoslávia	5.828	
	Noruega	100	
	Polónia	3.332	
	Suécia	230	
	Suiça	250	
	Tchecoslováquia	8.888	123.203
AMÉRICA DO NORTE	Estados Unidos	139.358	
	Canadá	1.006	140.364
AMÉRICA DO SUL :	Argentina	17.427	
	Chile	824	
	Uruguai	2.314	20.565
ÁFRICA :	Egito	338	
	Marrocos Francês	125	
	Rodésia do Sul	34	
	Tânger	50	
	U. S. Africana	3.376	3.923
ÁSIA :	Chipre	550	
	Líbano	517	
	Japão	51	
	Síria	500	
	Transjordânia	364	
	Turquia	30	2.012
	Total p/ o exterior :	—	**290.067**
CABOTAGEM :	Norte	—	
	Sul	747	747
	Total Geral :	—	**290.814**

Consumo de bordo — 25 scs.

Relação do café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de novembro de 1954

DIA	Europa	América Norte	América Sul	África	Ásia	Cabotagem	Total
3	5.276	2.375	1.671	—	—	—	9.322
4	10.612	8.265	—	—	—	—	18.877
5	6.850	—	3.014	—	—	—	9.864
6	8.442	10.365	650	—	—	—	19.457
8	3.045	3.250	—	—	—	—	6.295
9	36.847	1.250	908	—	—	50	39.055
10	—	17.661	—	—	—	—	17.661
13	8.052	6.306	1.560	338	1.411	—	17.717
16	8.704	4.250	—	—	—	610	13.564
17	1.930	—	—	—	—	—	1.930
18	9.145	—	3.920	125	—	—	13.190
19	—	7.750	3.033	—	—	—	10.783
20	3.781	15.813	—	—	—	20	19.614
22	1.495	2.500	—	—	—	—	3.995
23	—	4.953	—	—	—	—	4.953
24	—	—	500	—	—	—	500
25	9.725	7.500	3.299	—	—	—	20.524
26	1.475	5.725	—	—	—	—	7.200
27	2.773	6.900	—	—	351	—	10.024
29	3.612	35.501	—	—	—	—	39.113
30	1.689	—	2.010	3.410	—	67	7.176
Total	**123.453**	**140.364**	**20.565**	**3.873**	**1.762**	**727**	**290.814**

Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro, durante o mês de novembro e safra 1954/55

MÊSES	entradas	embarques
1954		
Julho	330.878	143.707
Agôsto	329.488	180.816
Setembro	333.482	251.615
1.º trimestre	**993.848**	**576.138**
Outubro	314.577	250.823
Novembro	343.804	290.814

Café disponível nos portos de exportação do Brasil

1954	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1.706.822	349.728	51.506	3.841	624.475	11.590	19.472	2.767.334
Fevereiro	1.822.948	556.127	75.174	6.504	634495	4.906	20.953	3.121.105
Março	1.715.331	358.284	77.322	6.225	556.901	—	17.997	2.732.060
Abril	1.836.244	224.798	43.169	17.213	507.831	—	15.750	2.645.000
Maio	2.233.149	220.366	45.344	18.092	445.485	—	12.828	2.975.264
Junho	2.447.932	254.725	73.989	8.536	418.481	—	11.105	3.214.768
Julho	2.366.686	243.606	62.661	8.633	415.168	2.030	12.007	3.110.881
Agôsto	2.495.804	352.034	85.300	7.348	497.257	6.239	9.136	3.453.118
Setembro	2.542.439	551.631	147.360	4.116	509.006	15.258	6.611	3.776.421
Outubro	2.690.657	575.297	167.302	4.739	527.543	16.243	8.684	3.990.465
Novembro	2.404.924	512.945	149.659	4.451	372.215	2,010	14.488	3.460.692
Novembro 1953	1.981.690	417.653	56.653	5.565	569.136	748	17.301	3.048.746
Novembro	1.795.510	325.230	62.044	18.016	585.520	38.773	7.088	2.832.181
Novembro	1.659.952	555.291	95.499	12.438	592.921	32.247	12.161	2.959.509
Novembro 1950	1.550.134	645.973	50.202	13.283	499.866	20.725	21.928	2.802.111

CONCEITO ERRADO

Não é verdade que a laranja, o limão, a tangerina, a turanja sejam prejudiciais ao organismo por serem azedos: muito pelo contrário êsses frutos deixam resíduos alcalinos que neutralizam os ácidos resultantes do consumo de produtos animais.

Faça, sem receio, uso liberal de frutos ácidos, a fim de corrigir os malefícios do abuso de carnes. — SNES.

no Rio de Janeiro

DE 1954

		EMBARQUES						
Paraná	Total	Exterior	Cabotagem	Total	Retirado do mercado	Revertido ao mercado	Consumo Local	Existência
—	38 491	9 322	—	9 322	—	—	—	604 466
—	17 630	18 877	—	18 877	—	—	—	603 219
—	25 148	9 864	—	9 864	—	—	—	618 503
—	—	19 457	—	19 457	—	—	—	599 046
—	28 828	6 295	—	6 295	—	—	—	621 579
—	28 566	39 005	50	39 055	—	—	—	611 090
—	29 181	17 661	—	17 661	—	—	—	622 610
—	17 360	—	—	—	—	—	—	639 970
—	20 900	—	—	—	—	—	—	660 870
—	—	17 717	—	17 717	—	—	—	643 153
—	29 895	12 954	610	13 564	—	—	20 000	639 484
—	25 416	1 930	—	1 930	—	—	—	662 970
—	23 577	13 190	—	13 190	73 667	—	—	599 690
—	9 875	10 783	—	10 783	1 000	—	—	597 782
—	—	19 594	20	19 614	—	—	—	578 168
—	6 413	3 995	—	3 995	—	—	—	580 586
—	10 951	4 953	—	4 953	650	—	—	585 934
—	7 662	500	—	500	—	—	—	593 096
—	5 955	20 524	—	20 524	—	—	—	578 527
—	7 742	7 200	—	7 200	—	—	—	579 069
—	—	10 024	—	10 024	—	—	—	569 045
—	7 684	39 113	—	39 113	—	—	—	537 616
100	2 530	7 109	67	7 176	25	—	20 000	512 945
100	**343 804**	**290 067**	**747**	**290 814**	**75 342**	**—**	**40 000**	**—**

Café disponível nos portos de exportação do Brasil

1954	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1.706.822	349.728	51.506	3.841	624.475	11.590	19.472	2.767.334
Fevereiro	1.822.948	556.127	75.174	6.504	634495	4.906	20.953	3.121.105
Março	1.715.331	358.284	77.322	6.225	556.901	—	17.997	2.732.060
Abril	1.836.244	224.798	43.169	17.213	507.831	—	15.750	2.645.000
Maio	2.233.149	220.366	45.344	18.092	445.485	—	12.828	2.975.264
Junho	2.447.932	254.725	73.989	8.536	418.481	-	11.105	3.214.768
Julho	2.366.686	243.606	62.631	8.633	415.168	2.030	12.037	3.110.881
Agôsto	2.495.804	352.034	85.300	7.348	497.257	6.239	9.136	3.453.118
Setembro	2.542.439	551.631	147.360	4.116	509.006	15.258	6.611	3.776.421
Outubro	2.690.657	575.297	167.302	4.739	527.543	16.243	8.684	3.990.465
Novembro	2.404.924	512.945	149.659	4.451	372.215	2,010	14.488	3.460.692
Novembro 1953	1.981.690	417.653	56.653	5.565	569.136	748	17.301	3.048.746
Novembro	1.795.510	325.230	62.044	18.016	585.520	38.773	7.088	2.832.181
Novembro	1.659.952	555.291	95.499	12.438	592.921	32.247	12.161	2.959.509
Novembro 1950	1.550.134	645.973	50.202	13.283	499.866	20.725	21.928	2.802.111

CONCEITO ERRADO

Não é verdade que a laranja, o limão, a tangerina, a turanja sejam prejudiciais ao organismo por serem azedos: muito pelo contrário êsses frutos deixam resíduos alcalinos que neutralizam os ácidos resultantes do consumo de produtos animais.

Faça, sem receio, uso liberal de frutos ácidos, a fim de corrigir os malefícios do abuso de carnes. — SNES.

Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York

NOVEMBRO DE 1954

(Em cents por libra (pêso) 453,60)

DIA	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 4	Tipo 7
1	N/cot.	N/cot.	72.25	71.00	N/cot.	54.50
3	„ „	„ „	73.25	72.00	„ „	55.00
4	„ „	„ „	73.25	72.00	„ „	55.00
5	„ „	„ „	73.25	72.00	„ „	54.75
8	„ „	„ „	—	71.50	„ „	54.75
9	„ „	„ „	72.25	71.00	„ „	54.50
10	„ „	„ „	72.75	71.50	„ „	55.00
12	„ „	„ „	72.25	71.00	„ „	54.75
15	„ „	„ „	73.50	72.50	„ „	55.50
16	„ „	„ „	72.75	71.50	„ „	55.00
17	„ „	„ „	73.25	72.00	„ „	55.00
18	„ „	„ „	72.75	71.50	„ „	54.75
19	„ „	„ „	72.75	71.50	„ „	54.75
22	„ „	„ „	72.75	71.50	„ „	55.00
23	„ „	„ „	73.25	72.00	„ „	55.00
24	„ „	„ „	70.75	69.50	„ „	54.50
26	„ „	„ „	71.75	70.50	„ „	—
29	„ „	„ „	71.00	69.75	„ „	54.25
30	„ „	„ „	70.75	69.50	„ „	54.00
Mínima	—	—	**70.75**	**69.50**	—	**54.25**
Média	—	—	**72.51**	**71.14**	—	**54.78**
Maxima	—	—	**73.50**	**72.50**	—	**55.50**

Cotações de café no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória

NOVEMBRO DE 1954

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T. 4	Tipo 4 Sem descrição	Tipo 7	Tipo 7
3	430,00	410,00	367,00	303,00	268,20
4	430,00	410,00	368,00	303,00	264,20
5	430,00	410,00	368,00	303,00	262,30
8	430,00	410,00	375,00	303,00	261,10
9	430,00	410,00	376,50	303,00	257,50
10	430,00	410,00	376,50	300,00	256,70
11	430,00	410,00	376,50	300,00	255,70
12	430,00	410,00	378,50	300,00	253,70
16	430,00	411,50	378,50	300,00	252,20
17	430,00	412,50	380,00	302,00	251,30
18	430,00	412,50	380,00	305,00	253,20
19	430,00	413,50	380,00	310,00	253,20
22	430,00	420,00	385,00	310,00	256,50
23	430,00	423,50	388,50	310,00	257,50
24	430,00	423,50	388,50	310,00	258,50
25	430,00	423,50	388,50	308,00	253,10
26	430,00	425,00	388,50	308,00	252,90
29	430,00	425,00	388,50	309,00	252,70
30	430,00	425,00	388,50	310,00	252,00
Média	**430,00**	**415,55**	**380,03**	**305,10**	**256,45**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS — (Em dents. por libra (pêso) 453,00)

MÊS DE NOVEMBRO DE 1954

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	3	10	18	24	Média
COLOMBIA Medelim Excelso	2) 74 3/4	2) 77 00	2) 79 00	2) 77 3/4	77 1/8
Armenia	2) 77 3/4	2) 77 00	2) 77 00	2) 77 3/4	77 1/8
Manizales	2) 74 3/4	2) 77 00	2) 79 00	2) 77 3/4	77 1/8
Cucutá	2) 74 1/2	2) 76 3/4	2) 78 3/4	2) 77 1/2	76 7/8
Bobotá	2) 74 1/2	2) 76 3/4	2) 78 3/4	2) 77 1/2	76 7/8
Tolima	2) 74 1/2	2) 76 3/4	2) 78 3/4	2) 77 1/2	76 7/8
Ocana	2) 74 1/2	2) 76 3/4	2) 78 3/4	2) 77 1/2	76 7/8
COSTA RICA Honduras	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—
Atlante Fino	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—
EQUADOR Lavado	6) 66 00	(x) 60 80	6) 72 00	6) 72 00	69 1/2
Extra não lavado	6) 50 00	(—) 6 53 00	(6) 53 00	6) 53 00	52 1/4
GUATEMALA Antigua	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—
Extra primeira	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—
Lavado bom	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—
Bourbom	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—
HAITÍ Lavado bom móle	6) 69 1/2	6) 70 00	6) 71 1/2	6) 72 1/2	70 7/8
Catado à mão	6) 58 00	6) 62 1/2	6) 68 00	6) 63 00	64 7/8
HONDURAS Lavado bom	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—
Tipo 5 — Comum duro	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—
MÉXICO Coatepec	N/cot.	N/cot.	(x) 73 00	(—) 72 00	72 1/2
Tapachula primeira	N/cot.	N/cot.	(x) 72 00	(—) 72 00	72 00

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS — (Em dents. por libra (pêso) 453,00)

MÊS DE NOVEMBRO DE 1954

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	3	10	18	24	Média
NICARAGUA Matagalpa	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—
Lavado primeira	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—
EL SALVADOR Lavado primeira	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	—
Não lavado	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	-
S. DOMINGOS Lavado bom mole	6) 69 1/2	6) 70 00	(–) 71 1/2	(x) 72 1/2	70 7/8
Fino	6) 70 00	6) 70 1/2	(–) 72 00	(x) 73 00	72 3/8
VENEZUELA Maracaibo	70 00	N/cot.	($) 70 3/4	(x) 74 00	72 1/4
CONGO BELGA Lavado robusta	68 00	N/cot.	N/cot.	(x) 71 00	69 1/2
Natural robusta	(–) 6) 47 00	6) 48 1/4	(£) 45 1/2	(£) 47 00	4615/16
MOÓCA Moóca (Arabia)	(–) 6) 71 1/2	6) 73 1/2	(–) 78 1/2	N/cot.	74 1/2
N. E. I. Genuino Java Lavado	(– 6) 77 00	6) 78 00	(–) 79 00	(x) 80 00	78 1/2
UGANDA Lavado	(–) 6) 48 00	6) 48 1/2	(–) 49 1/2	(x) 50 00	49 00

INDICAÇÕES: 1.º — C. &. F. (Nova York)
2.º — Desembarcado à vista liquido
3.º — Disponivel
4.º — F. O. B. Nova Yrok
5.º — F. O. B. Pais de Procedência
6.º — Nominal

INDICAÇÕES: (–) — Disponível
(x) — A Bordo
(x) — Embarque em Novembro
($) — Embarques em Dezembro
(£) — F. O. B. Embarque
(–) — Embarque em moeados de Dezembro
(x) — Disponivel
(£) — F. O. B.

Cotações de café a têrmo em Nova York

(Em cents por libra (pêso) 453,60 — Contrato "S")

NOVEMBRO DE 1954

DIA	DEZEMBRO		MARÇO		MAIO		JULHO		SETEMBRO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	67 25	67 10	61 00	60 90	57 60	57 01	54 65	53 90	52 70	51 92
3	67 00	67 95	61 25	62 45	57 29	58 25	54 15	54 50	52 00	52 00
4	68 45	68 00	62 80	62 50	69 20	58 40	54 75	54 85	53 35	52 30
5	68 25	67 55	62 50	61 70	58 25	57 30	53 65	53 40	51 00	51 25
8	67 35	66 90	61 50	60 32	57 30	56 20	53 25	52 50	50 75	50 35
9	66 60	67 40	59 60	60 35	55 60	56 61	52 00	52 85	49 98	50 65
10	67 05	67 50	59 75	60 45	56 00	56 60	52 10	52 75	50 30	50 70
12	68 00	67 94	61 25	61 00	57 30	57 00	53 20	53 15	51 10	51 20
15	68 40	69 00	61 75	62 15	57 68	58 40	53 80	54 60	52 00	52 75
16	69 00	68 90	62 75	63 10	59 05	59 30	55 30	55 90	53 25	53 80
17	69 25	68 37	63 45	62 60	59 80	58 75	56 20	55 35	54 10	53 35
18	68 05	68 44	62 30	62 95	58 10	59 05	54 65	55 40	53 00	53 35
19	68 50	68 95	63 50	63 95	59 75	59 95	56 60	56 10	54 00	54 10
22	69 52	69 84	64 70	65 55	60 70	61 40	57 00	57 65	54 90	55 69
23	70 00	69 60	65 95	65 65	62 00	61 60	58 00	57 80	55 90	55 90
24	69 25	67 90	64 75	63 64	60 40	59 60	56 55	55 80	54 80	53 90
26	68 70	68 62	64 30	63 15	60 20	59 30	56 10	55 60	54 70	53 60
29	68 95	68 60	63 35	63 00	59 40	59 00	55 90	55 35	53 90	53 19
30	68 90	67 50	63 00	61 60	58 89	57 60	55 08	53 50	52 91	51 25
Mínima	**66 60**	**66 90**	**59 60**	**60 32**	**55 60**	**56 20**	**52 00**	**52 50**	**49 98**	**50 35**
Média mensal	**68 34**	**68 21**	**62 60**	**62 47**	**58 66**	**58 49**	**54 89**	**54 79**	**52 87**	**52 70**
Maxima	**70 00**	**69 84**	**65 95**	**65 65**	**62 00**	**61 60**	**58 00**	**57 80**	**55 90**	**55 90**

CÂMBIO EM

Médias diárias de Câmb

NOVEMBR

DIAS	Inglaterra	Canadá	Est. Unidos	Venezuela	Uruguai	Alemanha	Suiça	Suecia
3..	183,0000	—	66,3430	—	—	—	15,5412	10,400
4..	180,7268	—	66,3094	—	—	16,0000	15,6411	10,500
5..	183,4637	—	67,1711	—	21,0000	—	—	10,500
6..	185,2566	—	67,8566	—	21,0000	16,0000	15,8993	11,064
8..	—	—	68,3320	—	—	—	—	—
9..	188,8076	—	69,2603	28,0000	21,8600	16,6000	16,1609	—
10..	190,3318	—	70,7537	—	20,9093	—	16,6948	—
11..	196,1610	—	72,3014	—	—	—	16,9400	—
12..	200,8291	—	74,1870	—	—	—	17,3755	11,782
13..	199,7756	—	74,0478	—	23,8400	—	17,4994	11,500
16..	197,8676	—	72,9172	—	22,7000	—	—	11,322
17..	199,7650	75,5000	72,3162	—	—	18,0000	16,9900	—
18..	196,2465	—	73,3883	—	—	—	17,2333	12,400
19..	196,0535	73,0000	74,3085	21,0000	21,0000	—	17,5000	12,044
20..	200,2864	—	74,0232	—	24,0000	—	17,5000	—
22..	201,9970	—	74,2073	—	22,5000	—	—	11,600
23..	198.9296	—	74,0287	—	22,6000	—	17,5333	11,700
24..	196.1729	—	73,7073	—	23,0495	—	17,1000	11,102
25..	195,8783	—	72,7092	—	—	—	17,1752	11,866
26..	196.0133	—	72,4860	—	22,5000	—	16,9298	12,000
27..	197,7172	—	72,8001	—	22,7000	16,0000	16,9513	12,000
29..	199,0000	—	72,9129	—	22,7000	—	—	—
30..	198,6344	—	72,6534	—	—	—	17,0000	—
Méd.	**194,6779**	**74,2500**	**71,6965**	**24,5000**	**22,3113**	**16,5000**	**16,8603**	**11,452**

SÃO PAULO

Livre, durante o mês de

) DE 1954

Dinamarca	Argentina	Portugal	Espanha	Bélgica	Chile	França	Itália	Bolívia
7,7000	—	2,3332	1,6800	—	—	—	—	—
—	2,5000	2,3238	1,5300	1,3000	—	0,1900	—	—
7,7280	—	2,3203	1,7000	1,3000	—	—	—	—
—	2,4550	2,3502	1,7200	—	7,3000	—	0,1052	—
—	—	2,4112	1,7300	1,3100	—	—	—	—
7,7731	2,4842	2,3860	1,7206	1,3000	—	—	0,1100	—
7,7500	2,5465	2,4210	1,7650	1,2313	—	0,1900	—	—
—	2,6000	2,5447	1,7873	—	—	0,1800	0,1100	—
—	—	2,4389	1,7500	—	—	—	0,1100	—
8,1519	—	2,4557	1,7054	1,4193	—	0,2000	0,1150	—
8,1000	—	2,4386	1,8500	1,3300	—	—	—	—
8,0750	2,7000	2,5203	1,7976	1,4000	—	—	—	—
—	—	2,3814	1,8199	—	—	0,2000	0,2000	—
8,3911	2,6511	2,4202	1,8500	1,5000	—	—	0,1200	—
8,4111	2,5181	2,4552	1,8037	1,2087	—	—	0,1093	—
—	—	2,6338	—	—	—	—	—	—
8,5029	—	2,4970	1,8546	—	—	—	—	—
—	2,7000	2,5779	1,7956	—	—	—	0,1200	—
8,4984	2,6500	2,6131	1,8318	—	—	—	0,1100	—
—	2,5000	2,5983	—	—	—	—	0,1100	—
8,2000	2,6000	2,5776	1,8100	1,4000	—	—	—	—
8,5000	—	2,5816	1,6300	—	—	—	—	—
8,1000	—	2,5856	—	—	—	—	—	0,0400
8,1344	**2,5670**	**2,4728**	**1,7716**	**1,3544**	**0,3000**	**0,1920**	**0,1122**	**0,0400**

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

1 — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

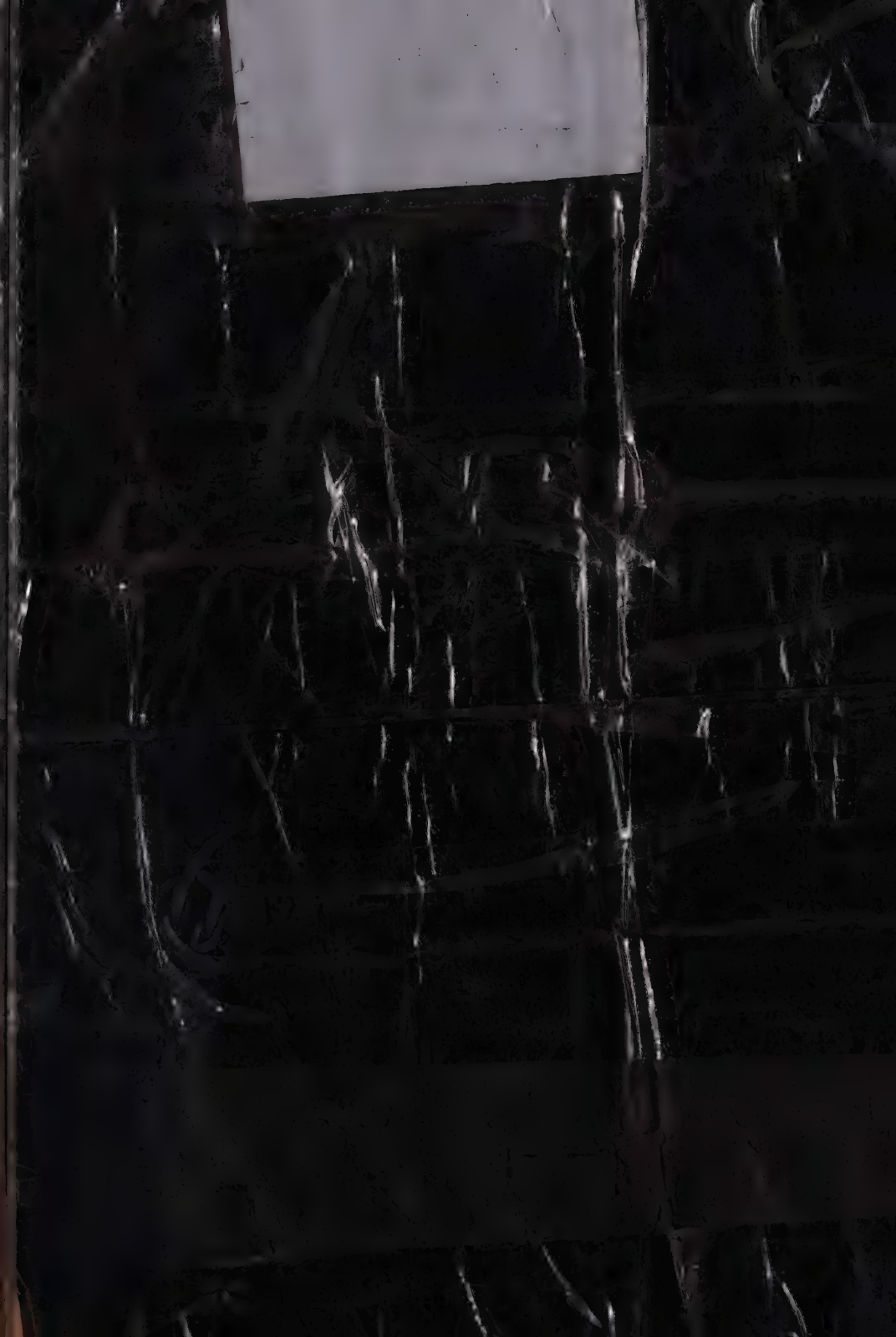
NOVEMBRO DE 1954

DIA	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa	Holanda Florim
3	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,81 76	N/cot.	3,64 02	—
4	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,81 76	,, ,,	3,64 02	—
5	52,69 60	18,82 00	4,32 50	0,65 07	1,35 20	5,81 76	,, ,,	3,64 02	—
6	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,81 76	,, ,,	3,64 02	—
8	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,81 76	,, ,,	3,64 02	—
9	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,81 76	,, ,,	3,64 02	4,94 40
10	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,81 31	,, ,,	3,64 02	—
11	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,80 86	,, ,,	3,64 02	4,93 84
12	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,80 86	,, ,,	3,64 02	4,94 40
13	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,72 91	,, ,,	3,64 02	—
16	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,65 17	,, ,,	3,64 02	4,94 78
17	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,66 02	,, ,,	3,64 02	4,94 97
18	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,64 32	,, ,,	3,64 02	4,94 78
19	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,67 62	,, ,,	3,64 02	—
20	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,85 38	,, ,,	3,64 02	4,94 78
22	52,69 60	18,72 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,85 38	,, ,,	3,64 02	—
23	52,69 60	18,72 00	4,42 69	0,65 07	1,45 20	5,83 11	,, ,,	3,64 02	—
24	52,69 60	18,72 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,83 57	,, ,,	3,64 02	—
25	52,69 60	18,72 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,82 66	,, ,,	3,64 02	—
26	52,69 60	18,72 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,82 66	,, ,,	3,64 02	—
27	52,69 60	18,72 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,82 66	,, ,,	3,64 02	
29	52,69 60	18,72 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,82 66	,, ,,	3,64 02	
30	52,69 60	18,72 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,83 57	,, ,,	3,64 02	
Média	**52,69 60**	**18,75 04**	**4,42 57**	**0,65 07**	**1,35 20**	**5,79 19**	—	**3,64 02**	**4,94 59**

em Santos

955

MOVIMENTO				
Embarques	Despachos	Retirado do estoque	Encontrado a mais na verif. do estoque	Existência
319.501	311.613	53.617	89.826	2.366.686
203.284	207.299	59.658	—	2.495.804
381.079	419.271	1.985	—	2.542.439
360.822	359.243	60.081	—	2.690.657
810.985	773.970	89.249	—	2.404.924



Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

11 — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

NOVEMBRO DE 1954

DIA	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa	Holanda Florim
3	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,59 76	N/cot.	3,55 13	—
4	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,59 76	,, ,,	3,55 13	—
5	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,59 76	,, ,,	3,55 13	—
6	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,59 76	,, ,,	3,55 13	—
8	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,59 76	,, ,,	3,55 13	—
9	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,59 76	,, ,,	3,55 13	4,82 32
10	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,59 33	,, ,,	3,55 13	—
11	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,58 90	,, ,,	3,55 13	4,81 77
12	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,58 90	,, ,,	3,55 13	—
13	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,58 90	,, ,,	3,55 13	—
16	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,44 90	,, ,,	3,55 13	4,82 63
17	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,44 81	,, ,,	3,55 13	4,82 87
18	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,43 20	,, ,,	3,55 13	4,82 68
19	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,46 53	,, ,,	3,55 13	—
20	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,63 19	,, ,,	3,55 13	4,82 87
22	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,63 19	,, ,,	3,55 13	—
23	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,63 01	,, ,,	3,55 13	—
24	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,61 47	,, ,,	3,55 13	4,82 68
25	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,60 61	,, ,,	3,55 13	—
26	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,60 61	,, ,,	3,55 13	—
27	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,60 61	,, ,,	3,55 13	—
29	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,60 61	,, ,,	3,55 13	—
30	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,61 47	,, ,,	3,55 13	—
Média	**51.40 80**	**18.36 00**	**4,28 22**	**0,63 28**	**1,31 61**	**5,57 74**	—	**3,55 13**	**4,82 54**

Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro, durante o mês de novembro de 1954

VIAS	PROCEDÊNCIAS								TOTAL
	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Paraná	Bahia	Goiás	Pernambuco	Paraíba	
E. F. C. do Brasil	10.999	—	—	-		1.300	—	—	12.299
E. F. Leopoldina	21.298	3.345	25.287	—	—	—	—	—	49.930
Regulador	—	-	—	—	—	—	—	—	—
Cabotagem	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Rodoviário	221.896	22.521	28.564	100	510	5.554	2.250	180	281.575
Totais	**254.193**	**25.866**	**53.851**	**100**	**51(**	**5.854**	**2.250**	**180**	**343.804**

SÃO PAULO : — não houve liberação. —

"QUANTO menos florestas, menos pássaros e, pois, mais pragas da agricultura".

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de **Câmbio Oficial,** durante o mês de NOVEMBRO

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Bélgica	França
3	52,6960	18,82	4,4250	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
4	52,6960	18,82	4,4250	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
5	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
6	52,6960	18,82	4,4250	3,6402	2,7499	—	0,7999	0,0538
8	52,6960	18,82	—	3,6402	—	—	—	0,0538
9	52,6960	18,82	4,4043	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
10	52,6960	18,82	4,4043	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
11	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
12	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
13	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
16	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
17	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
18	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
19	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
20	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
22	—	18,82	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
23	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
24	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
25	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	0,6607	0,3699	0,0538
26	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
27	52,6960	18,82	4,4240	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
29	52,6960	18,82	—	—	—	—	—	0,0538
30	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
Média	**52,6960**	**18,82**	**4,4192**	**3,6402**	**2,7499**	**0,6607**	**0,3799**	**0,0538**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

	Pág.
Cafeicultura e irrigação — José Testa	5
Relatório de viagem ao território do Hawaii — J. E. Teixeira Mendes	7
A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — A cultura da Quineira — O. T. Mendes Sobrinho	26
Deficiência de zinco em cafeeiro — Coaracy M. Franco e Heli Camargo Mendes	34

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

O Feijão Baiano	42
Reacende-se a paixão do café — Sílvio Brandão	44
Associação Comercial de Santos	45
Questões de cafeicultura prática — Lauriston Pousa Bicudo	46
Escritório do I.B.C. em Nova York	49
Impressões de *Boca Raton*	51
Instrução n.° 112, da SUMOC	52
Importação sem cobertura cambial — Instrução n.° 113, da SUMOC	53
Exportação de café pelos navios de Lloyd Brasileiro	54
Safra de 1954/55 — Exportação de café pelo pôrto de Santos	55
Recenseamento dos estoques de cafés em Antuérpia	57
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — setembro)	58

ESTATÍSTICA:

Suplemento Estatístico n.° 347 — 17 de novembro de 1954	82
Exportação Brasileira de Café — novembro	84
Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro — nov.	85
Relação do café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro — novembro	86
Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro — novembro e safra 1954/55	86
Movimento de café na praça de Santos — novembro	apenso
Movimento de Café no Rio de Janeiro — novembro	apenso
Café disponível nos portos de exportação do Brasil — jan. e nov.	87
Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York — nov.	88
Cotações de café no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória — novembro	89

Pág.

Cotação do disponível de Nova York — cafés estrangeiros — nov. ... 90
Cotações de café a têrmo em Nova York — Contrato "S" — novembro 92
Câmbio em São Paulo — Câmbio Livre — novembro ..... apenso
Movimento de café em Santos — safra — 1954/55 ..... apenso
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Vendas à Vista — novembro 93
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Compras à vista — Novembro 94
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro, novembro 95
Câmbio em São Paulo — Câmbio Oficial — novembro 96
Balancete financeiro em 30 de novembro de 1954 do Instituto de Café apenso
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — novembro ..... apenso

Cnbio em Nova York sôb

NOVEMBRO DE

DIA	Londres £	Montreal $	o de neiro Cr$	Buenos Aires Péso	Monte-video Péso	Paris Frc.	Ber Fr
1	2.80 1/8	1.03 5/32	01 54	0.07 25	0.30 75	0.0028 5/8	0.23 3
2	2.80 1/16	1.03 1/8	01 56	0.07 25	0.30 75	0.0028 5/8	0.23 3
3	2.80 00	1.03 5/32	01 56	0.07 25	0.30 80	0.0028 5/8	0.23 3
4	2.79 7/8	1.03 5/32	01 57	0.07 25	0.30 80	0.0028 5/8	0.23 3
5	2.79 5/8	1.03 5/32	01 48	0.07 25	0.30 80	0.0028 5/8	0.23 3
6	2.79 7/8	1.03 3/16	01 44	0.07 25	0.30 80	0.0028 5/8	0.23 3
7	2.80 00	1.03 3/16	01 42	0.07 25	0.30 75	0.0028 5/8	0.23 3
8	2.79 15/16	1.03 3/16	01 36	0.07 25	0.30 30	0.0028 5/8	0.23 3
9	2.79 15/16	1.03 5/32	01 38	0.07 25	0.30 12	0.0028 5/8	0.23 3
10	2.79 15/16	1.03 5/32	01 42	0.07 25	0.30 25	0.0028 5/8	0.23 3
11	2.79 5/8	1.03 5/32	01 40	0.07 25	0.30 25	0.0028 5/8	0.23 3
12	2.79 3/8	1.03 3/16	01 37	0.07 25	0.30 25	0.0028 5/8	0.23 3
13	2.79 3/8	1.03 7/32	01 37	0.07 25	0.30 45	0.0028 5/8	0.23 3
14	2.79 3/16	1.03 1/4	01 38	0.07 25	0.31 00	0.0028 5/8	0.23 3
15	2.79 3/16	1.03 11/32	01 38	0.07 25	0.31 00	0.0028 5/8	0.23 3
16	2.79 1/16	1.03 11/32	01 39	0.07 25	0.31 00	0.0028 5/8	0.23 3
17	2.79 00	1.03 1/4	01 40	0.07 25	0.31 00	0.0028 5/8	0.23 3
18	2.79 15/16	1.03 7/32	01 41	0.07 25	0.31 00	0.0028 5/8	0.23 3
19	2.79 5/8	1.03 7/32	01 38	0.07 25	0.31 00	0.0028 5/8	0.23 3
Média	2.79 19/32	1.03 13/64	01 45	0.07 25	0.30 72	0.0028 5/8	0.23 3

SUPERINT

BALANCETE FINANCEIRO EM 30 DE

RECEITA

RECEITA ORÇAMENTÁRIA	Cr$	Cr$
Ordinária		
Tributária	28 835 491,90	
Patrimonial	23 711 209,30	
Industrial	22 000,00	52 568.701,20
Extraordinária		
Diversos		8.750.456,30
A DEDUZIR		
Contas do Exercício a Receber		
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
Depósitos		1.090.164,30
Diversos		105.612.706,10
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR		
Em Caixa		348.940,90
Em Bancos		22.358.013,80

Departamento

SALVADOR BIANCHI
Chefe do Departamento de Contabilidade
Substituto
Reg. no C. R. C. sob n.º 6.291

ÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

VEMBRO DE 1954 DO INSTITUTO DE SÃO PAULO

	DESPESA			
Cr$	DESPESA ORÇAMENTÁRIA	Cr$	Cr$	Cr$
	Serviço da Divida Externa	15.222.193,10		
	Encargos Diversos	8.399.191,20		
	Administração	7.347.918,40	30.969.302,70	
	CRÉDITOS ESPECIAIS			
	Administração		13.521.417,90	44.499.720,60
119.157,50	A DEDUZIR			
	Contas do Exercício à Pagar			195.131,60
348.609,40				44.295.589,00
470.548,10	DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
	Restos a Pagar — 1951		8.836.156,40	
	Restos a Pagar — 1952		13.768.874,30	
702.890,40	Restos a Pagar — 1953		26.460.509,10	
	Depósitos		390.826,70	
	Diversos		56.614.104,50	106.070.471,00
	SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE			
706.954,70	Em Caixa		130.829,70	
880.393,20	Em Bancos		37.383.503,50	37.514.333,20
				187.880.393,20

Contabilidade, 30 de Novembro de 1954.

VISTO

MILTON DE AZEVEDO NOGUEIRA
Gerente-Substituto

e diversas praças

1954

	Stockolmo Corôa	Madrid Peseta	Lisbôa Escudo	Bélgica Frc.	Amsterdam Guilder	Brasil Cr$ Oficial
	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 3/16	0,26 30	0,05 50
	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/4	0,26 30	0,05 50
/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 3/8	0,26 30	0,05 50
/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/4	0,26 30	0,05 50
/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/8	0,26 30	0,05 50
/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/8	0,26 30	0,05 50
/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/8	0,26 30	0,05 50
	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/8	0,26 31	0,05 50
	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/8	0,26 31	0,05 50
/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/8	0,26 32	0,05 50
/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 31	0,05 50
/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 31	0,05 50
/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 32	0,05 50
	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0199 7/8	0,26 32	0,05 50
/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0199 7/8	0,26 31	0,05 50
/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 31	0,05 50
/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/2	0,26 33	0,05 50
/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/8	0,26 33	0,05 50
	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/8	0,26 32	0,05 50
/32	**0,19 35**	**0,02 36**	**0,03 50**	**0,0200 5/32**	**0,26 31**	**0,05 50**

IMPRIMIU:
INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA S/A
RUA AUGUSTA, 235 — SÃO PAULO
ENC. N.º 2260 — 1953

MAIS CAFÉ COM MENOS CAFEEIROS

VI

Existe, muito generalizada, a tendência de julgar a cafeicultura atividade agrícola incapaz de aceitar a mecanização. Justificava-se, em outros tempos, essa atitude, principalmente por duas razões: o acidentado dos terrenos em que, as mais das vêzes, se instalava a lavoura cafeeira; e o modo de plantio da *coffea arábica*, em renques regulares de arbustos muito próximos entre si.

Cabe notar, todavia, que, hodiernamente, à vista dos modernos princípios agronômicos que regem a cafeicultura, e principalmente em face dos sistemas de alinhamento ora preconizados para o plantio, tais prevenções não mais se justificam. A não ser para a colheita do café, para a qual ainda não se descobriu meio mecânico adequado, não obstante a experimentação de vibradores e até de hormônios capazes de provocar mais fácil queda dos frutos quando maduros, as outras fases da cultura podem e devem ser mecanizadas, e cada vez mais, principalmente à vista das crescentes dificuldades para obtenção do braço agrícola.

Realmente, o plantio em fileiras, com cafeeiros rentes em cada fila e separação adequada de uma a outra fileira, permitirá que sejam feitos a máquina todos os tratos culturais: carpas, adubação, enterrio de adubos verdes e pulverização de inseticidas. Mesmo a abertura de covas para o plantio pode ser feita a máquina, com grande vantagem de tempo e maior regularidade.

Será indispensável, evidentemente, que cada fileira seja feita em curva de nível, o que, aliás, é de grande vantagem no combate à erosão, conjugando-se, assim, dois proveitos em uma só medida. Basta apenas que se estabeleça uma ligação de uma a outra fileira, o que deve ser feito nas extremidades das linhas, de modo que possa a máquina ir passando de uma a outra, à medida que opera.

Até mesmo para eventual irrigação — ou por não haver um sistema apropriado na fazenda, ou por encontrar-se êste, no momento, interrompido — pode ser útil êsse sistema de plantio e a conseqüente possibilidade de utilização mecânica.

Numa época como a atual, em que a consciência do valor das máquinas já é corrente, não se torna necessário insistir sôbre o assunto. Os novos cafèzais que venham a ser plantados não podem prescindir da adoção dêsse sistema.

KLÖSS
CAFÉ
SANTOS